



RAMAYANA DE CHEVALIER



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
1918 - 2018

FRONTEIRAS



Coleção
Pensamento Amazônico
Série João Leda - v. 16



NOTA EXPLICATIVA SOBRE ESTE LIVRO ELETRÔNICO

Os direitos sobre os textos contidos neste livro eletrônico são reservados ao(à) seu(sua) autor(a) e estão protegidos pelas leis de direito autoral. Esta é uma edição eletrônica, não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. Em caso de citação acadêmica deste E-book, todos os créditos e referências devem ser dados ao(à) autor(a), a Academia Amazonense de Letras e a Reggo Editorial.

Este projeto foi contemplado pelo "Programa Cultura Criativa, 2020 / Lei Aldir Blanc – Prêmio Feliciano Lana" do Governo do Estado do Amazonas, com apoio do Governo Federal, Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Fundo Nacional de Cultura.



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL



Coleção
Pensamento Amazônico
Série João Leda – v. 16

FRONTEIRAS

RAMAYANA DE CHEVALIER



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
(1918-2018)



**DIRETORIA
BIÊNIO 2020/2021**

Presidente

ROBÉRIO DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Vice-Presidente

MARCUS LUIZ BARROSO BARROS

Secretário-Geral

EULER ESTEVES RIBEIRO

Secretário-Adjunto

ARISTÓTELES COMTE DE ALENCAR FILHO

Tesoureiro

ABRAHIM SENA BAZE

Tesoureiro-Adjunto

FRANCISCO GOMES DA SILVA

Diretora de Patrimônio

CARMEN NOVOA SILVA

Diretora de Promoções e Eventos

MARILENE CORRÊA DA SILVA FREITAS

Diretor de Edições

JOSÉ DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Conselho Fiscal

MARIA JOSÉ MAZÉ SANTIAGO MOURÃO

LAFAYETTE CARNEIRO VIEIRA

MAX CARPHENTIER LUIZ DA COSTA

Conselho Fiscal – Suplentes

SERGIO VIEIRA CARDOSO

JOSÉ GERALDO XAVIER DOS ANJOS

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Av. Ramos Ferreira, 1.009

CEP.: 69010-120 – Centro de Manaus

Manaus-Amazonas

Tel./Fax: (92) 3342-5381

Site: academiaamazonensedeletras.com

E-mail: academiadeletras.am@gmail.com

SUMÁRIO

Palavra do Presidente	7
Da mesa do editor	9
Fronteiras.....	11

© **Ramayana de Chevalier**, 2021

Coordenação Editorial
José Braga

Comissão Editorial

Marcos Vilaça, Elson Farias, William Rodrigues, Bernardo Cabral, Lafayette Vieira,
José Braga, Carmen Novoa Silva, Dom Luiz Vieira, Márcio Souza, Almino Affonso,
Aristóteles Alencar, Sergio Cardoso, Artemis Soares.

Produção Editorial

Marcicley Reggo, Dayana Teófilo

Capa e Projeto Gráfico

Marcicley Reggo

Imagem da capa

© wirestock/freepik.com

Digitalização dos originais

Roumen Koynov

Ficha catalográfica

Ycaro Verçosa dos Santos – CRB-11 287-AM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C527f Chevalier, Ramayana de, 1909-1972

Fronteiras. Manaus: Reggo/Academia Amazonense
de Letras, 2021.

Edição digital (formato .pdf)
Coleção Pensamento Amazônico.
Série João Leda – v. 16;

IISBN 978-65-86325-62-1

1. Amazônia – Ensaio I. Título

CDD 918.11

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei n.º 10.994,
de 14 de dezembro de 2004. Todos os direitos reservados (Lei 9.610/98).
Partes desta publicação poderão ser citadas, desde que referenciada a fonte.

2021

REGGO EDITORIAL

Rua Rio Javari, 361

N. Sra. das Graças – Sala 303

69053-110 – Manaus-AM

REGGO

Fone: (92) 98817-0172

@editorareggo

PALAVRA DO PRESIDENTE

Robério dos Santos Pereira Braga

O Valmiki Ramayana Chevalier, amazonense de Manaus, filho dos professores José Chevalier Carneiro de Almeida e Raymunda Chevalier, há de ter encontrado, desde cedo, na casa-escola em que viveu e estudou por algum tempo, os primeiros exemplos de dedicação aos livros e de boa e retumbante oratória que o caracterizaram ao longo da vida.

Jornalista, médico, oficial médico da Polícia Militar do Estado, escritor, foi daqueles que, em seu tempo, esbanjou talento na imprensa diária e nas tribunas de entidades de letras e ciências, legando poucos livros, mas, em todos eles primou pela qualidade do texto. Formado em medicina na Bahia, desde lá experimentou a vida boêmia dos intelectuais de sua geração, que foi intensa, febril e carregada de grandes emoções, como gostava de exprimir, mas já se impunha como orador e polemista tal como permaneceu no curso de sua trajetória.

No pequeno jornal *O Grêmio*, de 1936, do Grêmio Estudantil “Humberto de Campos”, do Ginásio Amazonense, vamos encontrá-lo com o artigo *Uma réstea de luz no silêncio*, na mesma década em que atuou em várias comissões médicas e sanitárias criadas pelo governo do Estado sobre saúde mental e cultural, por encargos do governador Álvaro Maia.

Escreveu sobre temas variados em diversas revistas e jornais de Manaus, por longos anos, deslocando-se depois para a capital da República, à época o Rio de Janeiro, depois de ter sido um dos fundadores da Associação Amazonense de Imprensa e orador na sua sessão inaugural, realizada na sede da Academia de Letras, em 1937.

Professor de Psicologia e Lógica, e de Física, do Ginásio Amazonense Pedro II, participou da Ação Integralista Brasileira, no Amazonas, foi diretor de *O Povo*, na década de 1930, em Manaus, juntamente com José Leite e Ivan Cintra, mas, foi na imprensa carioca que seus inúmeros artigos e discursos tiveram repercussão, tornando-se notável, também na capital do país.

Sua presença na Academia Amazonense de Letras, herdeiro de um dos seus fundadores nos idos de 1918, foi meteórica, mas fulminante para a gravar seu nome na história da instituição, notadamente com o primoroso discurso de posse versado sobre Euclides da Cunha, cujo rebate formal foi do não menos brilhante e fulgurante Djalma da Cunha Batista, discursos que se inserem nos anais do Silogeu de forma muito especial.

Dentre as obras que publicou em forma de livro *Fronteiras*, foi sempre muito elogiada e durante muitos anos teve trechos incluídos em artigos de jornal, discursos, palestras, conferências, orações acadêmicas, especialmente a célebre descrição das águas dos nossos rios, seja como “água em caudal, o rio; água em revolta, a pororoca; água em êxtase, o lago; água alegre, a corredeira; água em noivado, a espuma; água vaidosa, a onda; água triste, o charco; água em absurdo, a Amazônia.”

A reedição, em forma digital, para ganhar o mundo pela rede dos computadores, é honraria que a Academia não poderia deixar de prestar a um dos seus notáveis membros titulares.

DA MESA DO EDITOR

Acadêmico José Braga

O livro constitui a principal e mais genuína vocação das academias de letras, uma espécie de missão sempre inconclusa e desafiadora.

Criação engenhosa do mundo novo virtual, o “livro sem papel” muito contribuirá para a difusão e democratização do conhecimento.

Acompanhando os novos tempos, a Academia Amazonense de Letras reuniu 40 obras de seu precioso acervo, que foram vigília e foram luz nesta Casa, legado intelectual de nossos antecessores, cujas edições se acham esgotadas, revitalizando-as e disponibilizando-as sem qualquer custo para a atual e futuras gerações de leitores.

Um resgate de parte do que, ao longo da centenária e luminosa trajetória deste silogeu consubstancia o que se pode chamar de Pensamento Amazônico, inspirado no ideal acadêmico.

Com o uso da nova tecnologia, amplia-se consideravelmente o acesso dos leitores à produção intelectual acadêmica, popularizando-se cada vez mais o livro e sua função libertadora.

Festejemos, pois, esta conquista!

Casa de Adriano Jorge, setembro, 2021.

RAMAYANA DE CHEVALIER

FRONTEIRAS



RIO DE JANEIRO
1939

Aos meus presados amigos:

Generais

*Brasílio Taborda,
Meira de Vasconcelos*

e

Cândido Rondon.

Aos meus filhos

Stanley e Ronald.

P R E F Á C I O

O mal dos que se dedicam aos assuntos geográficos e à literatura de viagens é a ausência de colorido, é o cantochão das coisas insípidas, é a melancolia dos cenários e a falta de movimentação dos artistas — no caso, êsses habitantes selváticos que aguardam, ansiosos, a onda civilizante que, desde 1500, vem rolando do litoral para a hinterlândia.

Ramayana sabe ver e saber dizer. É um artista completo no focalizar paisagens, no encadear assuntos, no descrever costumes e, sobretudo, no concluir, após haver tudo analisado. Com facilidade se o acompanha de Manaus a Pôrto Velho, e daí à garriça capital do Acre, sentindo com êle as impressões que experimentou ao voar sôbre a mataria infinda da majestosa hiléia. Páginas belíssimas, como a que focaliza o encontro da canoa retrógrada com o avião engolidor de distâncias, ambos baloiçando nas águas do Madeira, ficam para sempre gravadas na nossa memória.

Períodos escritos com elegância e graça, nos quais a própria palavra canta quasi onomatopaicamente o que exprime, ficam indeléveis no nosso espírito.

Viajando pelos trilhos da “Madeira-Mamoré”, ou a bordo da cansada “Horta” — a dengosa lancha do Coronel Saldanha — tem-se sempre o mesmo observador

formidável, o mesmo escritor fulgurante que tudo aproveita para amenizar as asperezas dos fatos históricos e dizer da geografia regional sem cansar o leitor, ao contrário, deleitando-o, divertindo-lhe o espírito com questões sérias que dizem de perto à grandeza e ao progresso da nossa Pátria.

Numa viagem rápida, pôde Ramayana, apreender todos os assuntos palpitantes da gleba guaporeana. Seus olhos e seus ouvidos foram o filme onde se gravaram quadros encantadores que sua inteligência marcante coloriu com maestria.

Da descrição de uma obra d'arte ao desenvolver da questão petrolífera, da conversa com o "João Socó" à extasiante narrativa da história do forte Príncipe da Beira, dos festejos na capital do Acre ao momentoso problema aurífero, das conversas baixinhas com a linda cruenha à solução do futuro daquele trato de terra com a criação do Território do Guaporé, enfim, no simples e no complexo, no ameno e no escabroso, no fácil e no intrincado, o artista é sempre o mesmo: firme nas observações, seguro no cascatear dos assuntos, suave nas citações, forte, decisivo, notável, enérgico e altamente patriota na defesa ed tudo que lhe fala ao coração e à alma de brasileiro que "ama com fé e orgulho a terra em que nasceu".

* * *

A obra significativa que o Capitão Aluizio Pinheiro Ferreira ergueu nas nossas lindes com a Bolívia é digna das palavras certas, belas e justas de Ramayana Chevalier.

O bravo soldado paraense fez em pouco tempo o que rosados e fortes britânicos não se sentiram com forças

para fazer. O capitão Aluizio reconstruiu a "Madeira-Mamoré", abriu estradas e semeou colônias agrícolas, organizou escolas e distribuiu, à larga, medicamentos. Mas tudo isso é pouco, quando se verifica que Aluizio Ferreira levou a felicidade ao povo infeliz que vegetava, que vivia, modorramente, sem a alegria dos que ainda acreditam no auxílio divino e conhecem a palavra esperança... Educou uma massa humana notável. Deu-lhe alento. Fez nascer no seu coração a fé nos destinos do Brasil. Metamorfoseou múmias ambulantes em cidadãos dignos e decididos para a luta diuturna. Aluizio Ferreira ressuscitou uma gleba que a nefasta política dos conchavos havia jogado no rol das coisas inúteis.

Aluizio Ferreira deu o toque de alvorada naquele verde rincão. Animou os tímidos. Curou os doentes. Educou os incultos. E, depois da obra já grandemente desenvolvida, congregou todos os habitantes da região que dirige em tórno de um só ideal — trabalhar afinadamente com o pensamento voltado, inteiramente, para a grandeza do Brasil.

* * *

Que o livro de Ramayana corra o Brasil todinho, exibindo a têmpera dos que habitam o nosso Oeste e revelando a pujança, o talento do artista da pena que vive escondido, modeso, quasi anônimo, na bela Manaus — a capital da floresta.

LIMA FIGUEIRÊDO.

UM MOMENTO

Este livro é um ângulo de “cámara” da Amazônia. Por êle olhei, com a meticulosidade de um microscopista, o futuro do Brasil.

Primeiro havia eu escrito o “No Circo sem Teto da Amazônia”. Título arrancado de um artigo meu, pela curiosidade de Gastão Pereira da Silva. Eu era um deslumbrado pelo idioma, pela Arte, pela Vida...

Creio mesmo que o “No Circo sem Teto” era uma dívida que eu paguei à “Távola Redonda” de Carlos Chiacchio. Lembro-me bem: era eu estudante de Medicina na Baía, uma criança. Mas uma criança feliz, que amava desapoderadamente a alegria de sorrir e de dizer... Andavam cabelos loiros pela minha vida... Encontrei, então, para o grupo amável de Chiacchio, êsse extraordinário espírito, crítico de fecundidade rara, talento onímodo e transverberante, como quem entra para um clube de dança: sorrindo... Lá encontrei Hélio Simões, Carvalho Filho, Pinto de Aguiar, Eurico Alves, Jônatas Milhomens, José Queiroz Júnior, Damasceno Filho, De Cavalcante Freitas.

Eram êles, os continuadores da boêmia espiritual que começara em Chiacchio, Roberto Correia, Deraldo Dias, Aloísio de Carvalho, Magalhães Neto, Pedro Kilkerry, Durval de Moraes, Castro Rebelo Filho, Edgar

Sanches, Artur de Sales, e se havia continuado, sempre fúlgure e ilustre, através dos Rafael Barbosa, Pinheiro de Lemos, Alvaro Kilkerry, Eugênio Gomes, Presciliano Silva, Mendonça Filho, Alberto Valença e Castelar Sampaio...

Traziam, pois, os novos de agora, a responsabilidade cultural dos novos de ontem e de ante-ontem.

Novos na idade, visto que, mentalmente, ninguém mais novo do que um Chiacchio, um Artur de Sales, um Aloísio de Carvalho. Novos porque novos no cérebro, porque puros na idéia, porque fortes na imagem, firmes na forma, inestancáveis na fluidez inspiradora.

Novos porque novos em alma e em coração. Novos.

Eis porque era preciso ser novíssimo para lhes seguir na esteira multiflava de astros...

Senti isso e jurei, aos manes protetores do pensamento, trabalhar pela prova provada do meu legado. Carvalho Filho publicou os seus lindos livros. E, com êle, Queiroz Júnior Pinto de Aguiar, Damasceno Filho...

Todos lançaram-se aos vendavais da publicidade, esperada e aplaudida.

Enquanto isso, eu me queimava nos hipogeus de uma civilização doirada e fictícia. A imprensa, a tribuna, os cafés, a Faculdade de Medicina, furtavam-me à meditação que constrói, ao recolhimento que engendra belezas e ergue o futuro sobre ações positivas e roteiros precisos.

Mas a dívida ficara, e, anos após, quando os meus olhos se encontraram, frente a frente, com a nebulosa amazônica, o meu poder de criação plasmou o meu primeiro livro, pagamento daquele débito.

Eu era, ainda por êsse tempo, um deslumbrado.

Vi a Amazônia com olhos toldados de amor, de sonho, de fantasia, de miopia romântica, o que resultou em hipertrofia, em deformidades, em angústias, umas verdadeiras e certas, vagas e desorientadas outras, no todo de um romance que é tese, ensaio e drama.

Rumei, inexperiente, pelos mesmos trilhos dos alarmados escribas da Planície.

Hoje, estou na pleniposse do meu senso de observação: olho pelo teodólito, de minha experiência pessoal, sem teorias, sem delírios, sem irrealidades.

Por isso, enfrento a legião daqueles que transformam a Amazônia no "Mundo Perdido" de Wells, povoado de seres imensos, de feras incríveis.

Nada disse.

Só há uma monstruosidade nesta selva: a água.

Ela, sim, é enorme, solapadora, infiltrante, voraz. E' a hidromedusa.

A terra é uma condescendência dela. As árvores são encharcadas dela. Tudo é ela, na suprema aspiração do aniquilamento pela solução do mundo.

Fora da água: nanismos e alucinações. Nos homens. Nos vegetais. Nas coisas.

* * *

Água em caudal: o rio. Água em revolta: a porroca. Água em êxtase: o lago. Água em gangrena: o igapó. Água em dispnéia: o "furo". Água em turbilhão: o salto. Água em delírio: o rebojo. Água em tortura: a lama. Água alegre: a corredeira. Água triste: o charco. Água em triunfo: o delta. Água humilde: a fonte. Água hipócrita: o remanso. Água vaidosa: a onda.

Água em noivado: a espuma. Água em absurdo: — a Amazônia.

• • •

Tudo aqui é água de mil formas, de mil jeitos, de mil fôrças.

Essa realidade existe. Ninguém o contesta. E' capaz de espantar o ádvena, de deslumbrar o esteta.

O sentimento, entretanto, — note-se —, não é de pavor, é de admiração.

Plantar hércules em bandos ou soltar feras alarmanes, no seio desta floresta teimosa e azucrinante, é fantasiar.

E êste livro é, sobretudo, uma expressão de sinceridade e de realismo.

Para vencer esta selva não se necessitam metralhadoras ou gases tóxicos.

Com duas coisas se consegue dominar a gleba, reabilitar o homem, transformar o "habitat": — Que-nopódio e Atebrina.

R. C.

N Ú M E R O 1

O avião era, até bem pouco tempo, uma dúvida volante. Olhava-se para um avião com o terror místico dos indígenas, ante a arma misteriosa de Diogo Álvares.

Apesar da audácia dos "recordmen", da prodigiosa afirmação de estabilidade dos gigantese do ar, o aeroplano era visto como qualquer coisa de extra-natural, de incrível, veículo próprio para doidos ou deuses.

As façanhas dos malabaristas do azul ofereciam uma vantagem e uma desvantagem para a aviação: vantagem porque a admiração que nutrimos pelo engenho humano se ampliava sem fronteiras diante das parábolas, das "fôlhas-mortas", dos "piqués", das divinas loucuras que os argonautas do céu faziam no seu vasto e maravilhoso elemento; desvantagem também, porque, fascinados pela extravagância ginasta dos aviões, temíamos, do mesmo passo, a sorte funesta que, tanta vez, acompanha os insultadores da lei da gravidade.

A coragem do homem subia de nível: antes arrotando o pélago raivoso e a terra eriçada de montes e cavada em abismos, transformou-se êle no legendário condutor de naves aéreas, afrontando as iras do vento e as carrancas das tempestades, em pleno deserto do ar.

A guerra revelou, no avião, a quinta arma. Perigosa porque veloz, insidiosa porque móvel e minúscula,

apavorante porque portadora de enormes cargas de explosivos, desmoralizadora porque vertical e quasi onipresente.

A máquina assumiu outro aspecto, mais feroz e mais belo.

O mais pesado que o ar cresceu na admiração dos homens, aumentando-lhes o poder de destruição e a capacidade de conquista.

Formaram-se as legiões do espaço. Já não se busca velocinos de ouro no bojo lento e marasmático das galeras helênicas. Meia hora de vôo e o argonauta moderno almoça num ponto da terra para caçar feras depois, milhas distante.

A economia internacional resolveu aproveitar-se do pássaro de alumínio para a sua maior expansão. E a navegação aérea assumiu outra atitude: a de ligadora de civilizações, a de aproximadora de interesses, a de encurtadora de distâncias.

As almas passaram a se entender de mais perto e mais longamente. Os cérebros a se falarem mais confidencialmente. Os olhos a se encontrarem com mais assiduidade.

As grandes empresas compareceram junto às esquadras mortíferas. Os aviões comerciais começaram a cortar o azul de todos os continentes. E, ora vencendo montanhas, ora trissando sobre o espelho dos grandes rios, ora plantando sobre cristas marinhas ou florestas imensas, realizaram o ideal da união espiritual e física dos povos.

A princípio pequenos e desconfortáveis, são, hoje, os aviões, máquinas luxuosas e possantes, absolutamente estáveis, dignas de um século de supremas realizações materiais e largos surtos de libertação espiritual.

Uniram o sentido imediato da utilidade ao anseio indestrutível de beleza e de perfeição que perdura, intangível, no íntimo de quem vive pelo pensamento e pela forma.

Ao poder e à força da águia juntaram a elegância do cisne.

E, do mesmo passo que se constitue um prazer para quem viaja no seu bojo, o é também, como espetáculo gracioso, para os olhos que o contemplam do chão.

O homem moderno só pode ser considerado assim, depois de haver entendido e, por consequência, amado o avião.

Há mais perigo e desconforto num trem de luxo, num automóvel possante, que num pássaro de prata, moderno, majestoso, perfeito.

O avião é, mesmo, por todos os títulos, a navegação trivial do futuro.

Entediado dos horizontes próximos, desdobrados monotonamente, em velocidades medíocres, o homem subiu ao céu, e, de cima, surpreendeu-se com uma nova maneira de encarar a terra. Esta lhe pareceu mais pura porque mais longínqua, mais bela porque inédita, mais digna de si, porque dominada, em centenas de milhas, num só golpe de olhar.

Entra-se hoje num avião como se se entrasse para a cabine de um combóio ou para o assento de um V-8 macio.

O medo é uma invenção daqueles que, aterrorizados com um desastre esporádico, fruto da fatalidade, fazem, dele, a regra geral na vida dos conquistadores do ar.

Entretanto, se nós criarmos uma estatística rápida, confrontados os fenômenos, dos acontecimentos diários da aviação e dos outros gêneros de locomoção do homem,

haveremos de observar, com surpresa amável, ser a navegação aérea, aquela que oferece menor número de acidentes fatais.

Os pilotos praticantes nacionais, comandando aviões mais ou menos arcaicos do Exército e os pilotando com tanta bravura quanta imprudência, envenenaram, de pavor, a ignorância dos bípedes que nunca voaram, redundando isso num clima desfavorável para o entendimento da moderna aviação.

Há mais desastres semanais de ônibus, de automóveis, de trens, em todo o Brasil, que de aviões em todo o mundo.

Questão de observar e estabelecer o necessário confronto.

Para um país como o nosso a aviação realiza um prodígio.

Bem haja a êsses bravos pilotos do Correio Aéreo Militar que, interpretando com sabedoria o papel primordial do aeroplano no nosso progresso material, cruzam a nossa hinterlândia, realizando, pelo sertão, o que as linhas constantes da "Panair" do Brasil, da "Condor" e da "Airfrance" fazem pelo litoral.

A cabotagem tornou-se um desfile de cágados. As extremas da Pátria necessitavam de mais aproximação. Já de si enormes, as distâncias entre os povoados brasileiros se faziam ainda mais amplas, pela precariedade dos transportes, pelo desconôlo da tardança, pelas dificuldades de entendimento recíproco.

Tudo isso está, hoje, reduzido à têrça parte, senão a zero.

Os aviões da "Pan-American Airways System" aproximaram os dois polos da Nação.

Assegurados por uma engenharia consciente do seu poder, os aviões da "Panair" realizam os seus cruzeiros bi-semanais, com regularidade matemática e, sobretudo, com segurança, lema básico dessa grande empresa de aeronavegação.

Quer varando os espaços do litoral com os seus "Clippers" luxuosíssimos e os seus "Commodores" anfíbios, quer sobremontando as alterosas montanhas da Cordilheira andina com os seus "Douglas" ultra-rápidos, quer ainda planando sobre o lençol fluvial do Amazonas com os seus "Fairchild", que são, no seu tipo, os mais velozes do mundo, leva ainda a "Panair", ao coração da América, nos confins do Acre brasileiro, a sua voz de civilização, nas asas dos seus "Sikorsky S-38", dominando a selva imensa.

E veio a "Panair" demonstrar ainda, para orgulho nosso, a capacidade técnica dos nossos aviadores. Moços do Exército são chamados ao serviço daquela Empresa, revelando, nele, qualidades excelentes de comando, heroísmo, sangue frio e inteligência prática.

A Amazônia já de si monstruosa na estatura geográfica, teve com a linha semanal da "Panair", em aviões pilotados por brasileiros, uma das chaves doirdas do seu extraordinário futuro econômico em potencial.

O Acre, que era um mito corográfico, está, hoje, a oito horas de vôo de Manaus.

Quem, como eu, já gastou trinta e cinco dias subindo o colossal Purús rumo à capital acreana, pode compreender e amar, com insuspeita alegria, a máquina aérea, moderna e ultrapossante que, levando-me consigo após o café matinal às seis horas, me fez almoçar em Rio Branco às 14 horas do mesmo dia.

Não se pode mais duvidar da aviação.

As lendas dos "buracos" aereos, dos "vácuos" e outras invencionices forjadas por imaginações febrís em transe de medo, estão caducas, hoje, ante a eficiência, a segurança, o confôrto, a maravilha dos aviões modernos.

O mundo é mais belo, a vida mais rápida e mais simples, o destino maior e mais luminoso para os que possuem a ventura de entender e amar o avião.

Crianças felizes essas de agora, que nascem irmãs das asas velozes, que crescem sentindo o século na vibração dos motores aéreos, que sentem a grandeza de si próprias, no domínio constante e triunfal dos espaços azues...

* * *

O "Fairchild" -- PP-PAT -- da linha Belém-Pôrto-Velho, levantou vôo seguramente às seis horas da manhã.

O "roadway" movimentava-se na azáfama da distribuição do leite, recém-chegado nas lanchas do Carreiro e Cambixe. Homens rudes e morenos carregavam latas higiênicas, aos olhos da Fiscalização Médica da Prefeitura. O Dr. Comte Teles, de avental branco, dirigia o serviço, àquela hora matinal suavíssima, quando o sol não começara ainda a desancar a cidade com o seu fôlego esbraseado...

Autoridades no aeroporto. Curiosos. Amigos. Apresentações. Sorrisos. As madrugadas amazônicas são amáveis e generosas.

A comitiva do Comandante da 8.^a Região Militar iniciou os abraços de despedida.

Compunham-na o General Brasílio Taborda, o Major médico Francisco Rodrigues de Oliveira, os Capitães Aluizio Ferreira e Américo Figueira da Silva (ajudante de ordens) e eu.

Tínhamos por objetivo a região vasta e solitária da fronteira noroeste, onde nascem os grandes rios amazônicos e se escondem, em teimosos lençóis subterrâneos, os grandes veios petrolíferos.

Inspeção militar aos destacamentos das extremas brasileiras, em especial às guarnições de Mato-Grosso que, ao longo do Mamoré-Guaporé se estendem até o Forte Príncipe da Beira.

As primeiras impressões são aquelas que significam a verdade, dizem os orientalistas. Fotografias instantâneas da alma, traços rápidos que ficam, como se gravados em diamante negro, no granito da memória, reproduzindo-se e confirmando-se pelo convívio.

O General Brasílio Taborda deu-me a impressão de um legítimo cabo de guerra: sereno, sóbrio, culto, enérgico, justo, patriota. O Capitão Américo ressuma mocidade e alegria por todos os poros. E' um jovem soldado que integra o quadro, já de si brilhante, dos modernos oficiais do Exército Brasileiro. O Major Oliveira, meu colega, apresentou-se como um turista da ciência em vilegiatura na hinterlândia. Despreocupado, simples, às vezes ingênuo, deixava-se levar pelas simpatias antropológicas a tal ponto que se esquecia de que, antes de colecionador de diâmetros e de ângulos cefálicos, era chefe do Serviço de Saúde da 8.ª Região Militar. No fundo, entretanto, um bom companheiro de jornada. Quanto ao Capitão Aluizio Ferreira, o Brasil culto e progressista já o conhece de sobra. O seu perfil não cabe numa argumentação psicológica, senão no enorme

cenário construtor que êle nos apresentou, no decorrer desta viagem inesquecível.

* * *

Começámos, após a "decollage", feita com mestria pelo comandante Mota, a contemplar a terra, do espaço. Ainda se não havia levantado de todo, do tapete verde da Planície, a talagarça inconsútil de neblina, filha da inesgotável umidade da selva.

Iamos descobrir sensações inéditas. A Amazônia, do tombadilho dos "gaiolas", atrai mas fatiga.

Há uma espécie de torpor estranho que se apodera do viajante, ao encarar a gleba, da amurada de um navio. Torpor que é uma mistura de mormaço, de tédio e de mesmice panorâmica.

A flora amazônica se desdobra num mesmo plano, achanada em maciços, recortada em monotonias, alarmando pela extensão e desiludindo pela estatura.

Os hiatos gigantescos de civilização que se escancararam entre os raros povoados ribeirinhos, emprestam, às viagens fluviais, um clima de insuportável melancolia.

Mesmo para quem a conhece pela primeira vez, a selva amazônica constringe pela isocromia dos seus aspectos.

O verde assume, aí, tôdas as cambiantes. Um pintor, experimentado na técnica das côres, descobriria, no verde, milhões de verdes.

Um profano na sublime arte de Corrêgio desliza, todavia, para o cansaço natural, ante a reprodução interminável dessa côr uniforme, que se desdobra até o infinito, desde os berços flutuantes dos mururés aos renques esfiapados e solenes dos cipós.

Há verde por todos os lados. E êsse turbilhão verde provoca, em quem mergulha os olhos nos seus recônditos, primeiro uma atitude de espanto, depois um gesto de admiração e, em seguida, um bocejo de fadiga insopitável.

Do ar, a Amazônia se transfigura, mas persiste na primitiva sensação de cansaço.

Transfigura-se porque já não se constitui, para o observador, uma simples parede vegetal-dupla, orlando a caudal barrenta e plácida.

E cansa porque é planície.

Nada mais fatigante que a linha reta ou que as extensões planas.

Desde Manaus, na direção de Borba, primeiro pôrto de escala, a paisagem multiformiza-se.

A impressão da terra que luta contra o naufrágio total surge, de súbito, fazendo estremecer a quem fixe o pensamento na sorte da Amazônia.

Lagos imensos, caudais volumosas, pantanais, igapós, igarapés, furos, paranás, sacados, tudo se desenha, debaixo de nós, abrangido num círculo de olhar, como um jôgo infantil, apequenado e geométrico.

As formas mais extravagantes, que recordariam animais mitológicos das lendas juvenis, reúnem-se, atraem-se, distanciam-se, polarizam-se em recortes, em ângulos, em curvas, em coleios, como seres extraordinários a dormirem no leito imenso e fôfo da floresta.

Tem-se a impressão de não ser possível a marcha mais curta pela selva, sem o obstáculo de um núcleo líquido, igapó ou lago, a obstruí-la.

O bandeirante amazônico tem de ser, forçosamente, anfíbio.

A água é, nesta região brasileira, um caminho obrigatório, antes de ser um manancial.

Até os últimos limites possíveis do olhar, perdem-se, brilhando ao longe, lençóis d'água, circulares, oblongos, esguios, polimorfos, confundidos na névoa, retalhando a terra, dividindo a flora, como se temessem, na união botânica, o inimigo que os conteria, vencendo-os.

Estamos voando sôbre o Madeira. A enorme corrente líquida surge, mesquinha, coleando entre ilhas e bancos de areia, como uma serpente domesticada e quieta.

A umidade, entretanto, não cessa. E' contínua, uniforme, renitente, resistindo às asperezas do sol que já vai alto, às ingerências da luz que a atravessa e coloriza.

A floresta imensa aí está, humilde sob nós, a oferecer, no charão infinito do seu solo, o presente japonês dos seus espécimes, reduzidos a zero pelo altímetro do avião.

De cima, tôdas as coisas se aplainam e dulcificam. Viajando pelo ar, chega-se a amar essa extensão enorme e verde, que nos parece inocente e hospitaleira, habitada por gnomos velozes, duendes graciosos, homens de Liliput, sadios e felizes...

A névoa, fugida das clareiras inumeráveis, em linha vertical, como fumaceiros destacados, oferece, no conjunto, a idéia de que a selva tôda, por quilômetros e quilômetros, arde, num colossal incêndio sem labaredas.

E, por vêzes, tombada em véu sôbre as copas achatadas, numa extensão prodigiosa, semelha o instante augusto de um matrimônio panteísta, em que a floresta bruta, ajoelhada em prece, noivasse com a luz.

A água continua... O Madeira se desenrola num fio ténue, abraçando manchas escuras, e descascando ao

sol, como beijos de feridas pálidas, as praias imensas e desertas.

A idéia é a do deserto. Habitamos um deserto, que só o avião descobriu em tôda a sua plenitude. Um deserto de onde fugiram o heroísmo e a glória.

Um deserto espetacular, esmagado em si mesmo, próprio das árvores e das águas, onde o homem vive por empréstimo, sem nenhuma possibilidade de domá-lo.

A fotografia é inútil nestas paragens e nestas alturas.

A fisionomia da terra, quer num lado, quer no outro, acima ou abaixo do rio, se reproduz monotonicamente, da mesma forma.

Aquí e alí um arquipélago florido de paudarcos ou de taxiseiros. Manchas amarelas, ilhotas violáceas que despontam, do seio maciço da selva, como condecorações ou como úlceras.

E' o verde. Que obseda. Que se perpetua, lutando com o loiro do sol, com o azul do céu, num combate lírico de gigantes, enchendo-nos da certeza da nossa pequenez física, da consciência da nossa potência espiritual, na ebbriez do vôo sôbre aquelas grandezas...

Da neblina, perseguindo-nos sempre, os igarapés deixam escapar reflexos, bruxoleando aos quandos, como golpes que escorressem...

Barbaridade de conjunto. Ao final, a mesma monotonia das distâncias iguais. Nem uma cadeia de montanhas, nem um contraste físico que amenizem a continuidade dos aspectos.

Só há um contraste: o do líquido e o do sólido. O líquido: macilento. O sólido: verdoengo. O líquido e o sólido: uniformemente tediosos.

De vez em quando uma sensação de queda do avião. Passagem de corrente aérea, diminuição da resistência gasosa. Mas a estabilidade é matemática. Não há lacunas nos movimentos do motor que se revela no ruído isócrono, constante, quasi embalador.

E, efetivamente, há sono na carlinga do "Fairchild",

O Major Oliveira, com a fotografia de dois índios desnudos sôbre os joelhos, túnica desabotoada, ressona como um justo.

Eu me preparo para dormir também. Ajeito os travesseiros na poltrona confortável.

Mas o avião dá uma descaída. Outra. Mais outra. Os meus sentidos inexperientes se alertam.

Que será? Iremos cair? Então a engenharia teria falhado comigo, numa primeira viagem aérea?

Olho o General: êle está calmo, contemplando a paisagem. **Olho o Capitão Américo:** êle sorri diante de um retrato de Joan Crawford, na capa de uma revista americana. O Major Oliveira ressona ainda mais alto.

O mecânico Rocha e o Comandante Mota, conversam gritando, despreocupadamente.

O Capitão Aluizio estuda, displicente, um mapa da fronteira oeste. Só eu estou alerta.

Toco no braço do radiotelegrafista Newton que pacificamente conversa pelo Morse com as estações da "Panair".

E êle me responde, calmo: estamos em Borba.

De fato, minutos depois, vejo a água pertinho, a floresta próxima correndo como uma louca e, breve, o "Fairchild" entra de papo nas águas quietas do Madeira.

E Borba aparece, espiando-nos do alto do barranco...

* * *

Dez minutos de quietude. O rio, veloz, vinga-se do pássaro aéreo que o humilhou do alto: torce-o, volteia-o, fá-lo dançar em rodamosinhos, em espirais, em rebojos, como se lhe mostrasse a força bruta dos seus tendões fluidicos. A bóia de atracação dança com êle. Aproximam-se canoas de pescadores curiosos e a embarcação postal para a coleta da correspondência.

Estamos, do bojo da aeronave, pela janela envidraçada, espiando as maretas do rio e as caretas dos homens.

Desenha-se, então, no quadro ainda meio sonolento, um paradoxo lírico: — a ave de alumínio e a canoa preguiçosa. Ambos índices do ímpeto conquistador do "homo sapiens". O primitivo e o moderno, o arcaico e o atual, persistindo e vivendo, num mesmo século, na mesma hora, a serviço do progresso e da civilização.

Ambos como que se afagam, se acariciam no contato fugaz de minutos. Chegam-se, chocam-se docemente ao embalo das águas, como que murmuram confidências, trocam impressões, conversam sobre histórias diversas, antagônicas, absurdas. Humilde uma, orgulhoso, o outro. A canoa veio da madraçaria dos barrancos, da letargia dos aningais, da barganha diária das palafitas. O avião desceu do céu, cheio de glórias e de fantasias, canoa de asas que também barganha e soluça entre os "cirrus" levianos e as correntes aéreas formidáveis.

Paradoxo digno do Amazonas; onde existem, na mesma capital, o "galpão", que asila desherdados da sorte e

um teatro decorado pelo maior pintor do mundo, no seu tempo...

E, para orgulho nosso, no comando de ambos, os mesmos tipos nacionais. Caboclos serenos, fortes, inteligentes, guiando, de um lado a fragilidade da igarité, do outro a audácia do hidroplano. Filhos da mesma gleba, desviados no rumo econômico e prático, trabalhando e vencendo, pelo mesmo país, na obscuridade dos lagos perdidos ou na limpidez dos espaços imensos...

Canoa e avião, fraternos companheiros de combate, aproximados em êxtase, na brevidade de minutos. Ronca o motor. Adeuses. Tento fumar. Mas o "Fairchild" não é "Clipper": uma tabuleta na parede adverte-me da proibição.

Uma carreira doida, dois ou três trotes que representam os últimos contactos com a água, e a floresta diminui de tamanho e muda de aspecto, como se esmagada pela própria força ascensional da máquina.

De novo no espaço. O que equivale dizer: novamente semi-deus, desbravando o azul, espiando entre alamedas de fumaça, entre sicômoros de nuvens, longe da lama da terra, pegajosa e triste, e da lama dos homens, mais triste e mais pegajosa ainda...

Rasgam-se, mais outra vez, debaixo de nós, paisagens irmãs.

As mesmas? Não. Outras paisagens em si próprias, idênticas, entretanto, às entrevistas anteriormente.

Opera-se, com a natureza amazônica, olhada do alto, o mesmo fenômeno que se apresenta no terreno psicológico quanto aos fatos concientes, no terreno físico quanto às fulgurações da luz.

Cada estado de consciência é esperado dos outros, individualizado, escotomizado, mantendo, embora, rela-

ções vertiginosamente estreitas entre si, que oferecem, por sua rapidez de sucessão, o facies de uma corrente contínua. Cada clarão luminoso é sempre outro, à medida que se aperta o botão elétrico gerador. Entretanto, a sua fisionomia física é igual, sempre a mesma, no confronto com fenômenos idênticos e anteriores.

Tal acontece com êsse panorama que engolimos com o olhar, na travessia aérea sôbre o rio e a selva. Passam-se as horas, preenchidas pelo rugir isócrono e monótono do hélice, e, de minuto em minuto, é outro o quadro, do ponto de vista físico, é o mesmo quadro, do ponto de vista ornamental e botânico.

Para os espíritos analíticos, as minúcias da planície atraem e comovem: — aqui, uma palhoça rústica que a altura transformou em brinquedo japonês, onde os homens e os cães se movem no terreiro batido, como piolhos ligeiros entusiasmados com o avião; além lagoas quietas, bordadas de bancos arenosos, onde as aves aquáticas semelham môscas em legiões volitando sôbre um prato de mel.

Os espíritos sintéticos absorvem a paisagem de um trago, àvidamente, como se a bebessem aos golos, da vertical que se afunda no rio partida da carcassa da aeronave, até os longínquos limites da enorme arena verde, onde as côres naufragam em cambiantes e a névoa polvilha de cinza as copas anãs e a fímbria horizontal.

O altímetro acusa quatro mil e quinhentos pés. Pelos ventiladores do avião, que parecem cachimbos apontados sôbre nós, o ar gelado das altas camadas atmosféricas, sopra em nossa cabeça com a velocidade de um meteoro e a algidez de um cadáver.

Isso lembra aos espíritos cultos, por associação de idéias, uma imagem aérea daquele "cold wall" do Gulf-Stream, barreira polar no itinerário da perfurante corrente morna do Atlântico...

O mecânico Rocha, nesse instante, aponta, do seu lugar, qualquer coisa, à frente, ao comandante Mota.

Interesso-me. Quereria sair do lugar, espiar por trás dos "ases", como uma criança, buscando o horizonte, curiosamente.

Mas não posso fazê-lo. Resta esperar. O quê? Breve, a resposta: — o avião pinoteia como um potro, inclina-se sobre as asas, arfa, procura vencer um obstáculo poderoso.

E' o temporal. Voraz temporal amazônico, cheio de terrores místicos, de descargas elétricas, de nimbos pletóricos.

O vento acelera a velocidade. De dez metros por segundo passa a quinze, a vinte. Torna-se perigoso. O piloto, hábil e prudente, procura contornar a tempestade. Ondula em círculos largos, tentando desbordá-la. À frente, o horizonte é negro. O hidroplano está sitiado por todos os lados por uma caravana de dromedários plúmbeos. Joga como uma igarité na ressaca. Ronca, rouquenho, procurando vencer os elementos, na luta titânica da máquina contra a natureza.

Mas nós não estamos querendo "réconds" de resistência, nem epitáfios épicos sobre heroísmos inúteis. Ademais, o lema da "Panair" é: "segurança acima de tudo".

Obediente ao brasão de sua empresa, o piloto resolve confessar-se vencido, e descer.

Em círculos concêntricos, abicamos para a massa d'água.

Minutos depois, sob um dilúvio celeste, nadamos no Madeira...

* * *

Calado o motor, inicia-se a palestra. Comentários sôbre a tormenta. O General parece não se aperceber do tempo: está calmo, olhando, como um bom brasileiro do sul, a volubilidade climatérica do Brasil do norte. O Major, acordado, toma parte numa discussão nascida do título de um livro: "Incolas selvícolas".

Uma canoa, meigamente, tripulada por dois mongolóides bisonhos, focinha perto da minha vigia.

São caboclos humildes, que se chegam, seduzidos pela curiosidade do avião.

A inação de algumas horas de vôo rebenta num desejo invencível de palestrar. E ouvir a "íncolas quasi selvícolas" como aqueles, valia bem uma espera de temporal.

O Capitão Aluizio abriu o escôre. Iniciou, com o General, uma "enquête" sôbre acontecimentos fantásticos da Amazônia. Por cúmulo da coincidência, o Capitão Américo lia um número do "Correio da Manhã" que divulgava um fato ocorrido na cidade amazonense de Coarí, onde uma cobra de dimensões arqui-bíblicas, havia arrastado no dorso o trapiche daquele burgo ribeirinho, o qual pesava a ridicularia de dois a três mil quilos.

Os cariocas, naturalmente, acreditaram nisso. Os habitantes de Coarí, entretanto, até hoje amaldiçoam o "reporter" que hospedou, naquela pitoresca cidadezinha do Solimões, animal de tal porte.

A verdade é que a conversa rumou para os offídios.

Estimulando-lhes a sem-cerimônia, o Major Oliveira relatou um caso acontecido na Marajó, em que uma "boiuna", de tamanho respeitável, houvera dado trabalho exaustivo, a cinco homens que a mataram, só para conduzir-lhe a cabeça fabulosa.

O Capitão Aluizio citou uma outra sucuriú, formidavelmente grande, que servira, durante dois meses, de ponte-pênsil, para a passagem das composições ferroviárias da Madeira-Mamoré.

A esta altura, o caboclo que pilotava a igarité não se conteve. Era demais... Aquelas cobras quasi "oficiosas", estavam desbancando todo o serpentário do município de Borba que, pela tradição, não vive só de camelões...

Era preciso reagir contra a vantagem dos ilustres oficiais da comitiva.

E, circunvagando o olhar pelo deserto barrento do rio e pelo deserto glauco da selva, o "marupiara" principiou: — "Vosmecê está vendo aqueles "tapirís"? Pois bem, é lá que nós "moremos", lá pras bandas de Humaitá... Uma noite, sentimos uns tremeliques embaixo de casa. Não nos "incomodemos". Quando acordamos, estávamos no outro lado do rio. A malvada da cobra grande nos transportou para a outra margem, com casa, roçado e tudo, sem pedir licença... Pois bem, seu "muço", desde "entonce", nós viemos baixando o rio, com êsses tremeliques de noite, ora numa beira, ora na outra. Nós "num" sabemos o tamanho da marvada. Mas "cumo" somos pobres e precisamos ir à capital, estamos "cozinhando na água fria" sem perseguir a bicha... "Quarquer" dia dêsses estamos em Manaus..."

O Capitão Aluizio enfiou pelo bojo do avião, para não rir à frente do pobre "íncola selvícola".

Aquela cobra representava uma terrível concorrente da "Amazon River Steam Navigation".

Com uma força daquelas, nem toda a Companhia de Fronteiras seria bastante para carregar-lhe um dente...

Era demais... Até o temporal fugira com medo do monstro.

E, refeita a calmaria, subimos de novo ao oceano azul...

* * *

A sorte desgraçada das cidades ribeírinhas da Amazônia!...

Existe a palpitar nas suas veias veteranas uma saudade, vaga e triunfal, de um tempo heróico que se foi, com a opulência e a fartura...

Debruçam-se elas, pobres cidades provincianas, sobre as cordas fluídas inconstantes, representando, na sua fixidez panorâmica, a tetania mortal que se instalou nos músculos e nos nervos econômicos da planície...

Quem a viu, não as sentirá diferentes, no conspecto atual.

Um pouco mais de canície cronológica, mais algumas heras sobre as paredes ulceradas, um teto a menos, um capinzal a mais, e uma população de bois, lerdos e amigos, que pascem à sombra das mangueiras enormes.

Os homens mumificam-se como os prédios: repêtem os mesmos têrmos, contam, repisadamente, os mesmos episódios, sentam-se, derreados sobre um dos ossos ilíacos, da mesma maneira, e bocejam, entreolhando-se como se estivessem desconfiados do próprio marasmo.

O prefeito distingue-se dos outros por uma particularidade qualquer: ora a bigodeira caída em beira de cabana de sapê, ora umas botas altas e severas, isoladoras da humidade e do trivialismo provinciano, quando não se revelam pela loquacidade mais ridícula ou pelo mutismo mais bronco.

Fingem que mandam alguma coisa. Na realidade: obedecem. Por imposição de um comodismo mórbido, de um "laisser-aller" pernicioso e quasi boçal, entregam-se aos secretários, aos manda-chuvas politiqueiros, aos conselheiros carrancudos. Fazem o que êles pretendem, agem como êles querem, aparentam tôda a autoridade que, de fato, pertence aos outros de dentro das cortinas.

O movimento dessas cidades é irrisório. Parece incrível que o desconchavo de quatro edifícios, outrora apresentáveis, que o desalinho de uma só rua paralela ao caudal, equilibrada milagrosamente à beira de um barranco em véspera de suicídio, que o deserto de iniciativas e de trânsito que acampou nesses bivaques marginais, possuam e ostentem o rótulo pomposo de cidades!

Lá estão elas, sonolentas, contemplando-se no espelho volúvel das águas, como meditativas madalenas na rótula desdentada dos barrancos, a esperarem por um beijo pago que não chega, a avocarem um beijo puro que não volta mais...

São como a lua: só se lhes conhece uma face. Possuidoras de uma só rua, fazem dela o balão de oxigênio de suas ruínas, o esgôto piedoso de suas saudades e dos seus ímpetos de viver.

A rua da frente, que é tôda a cidade, representa o bairro comercial, o residencial, o prefetural, o judiciário, o policial, o religioso.

São tristes e resignadas. Entregam-se ao próprio destino de calcetas fluviais, como se a sua esperança se tivesse diluído no imenso verde florestal, como se o seu desespero descesse sempre, com o descer ininterrupto das águas amarelas...

Anoitece num grande burgo do litoral. Anoitece no Brasil. O choro das almas destroçadas, o gigantesco clamor que sobe das usinas, dos bares, dos clubes, dos restaurantes, das avenidas regorgitantes, dos bairros lânguidos e cariciosos onde o Amor é um lamento e uma súplica, tudo bóia no ar iluminado, suor e perfumes, desviando a meditação, obstruindo a fístula das mágoas, emparedando o cérebro para a fuga dolorida das reminiscências.

O rádio, nos grandes centros, é um companheiro banal mas agradável.

Nas cidades marginais da Amazônia, quando a noite cai de bôrcó sôbre a selva sitiante, o rádio é um grito de dôr e de revolta.

Quasi sempre isolado na casa isolada de um barganhador enriquecido que se deixou estagnar na beira do rio, êle é como um pássaro prêso que chama a companheira. As melodias apunhalam as noites úmidas, levando, para o casebre dos voluntários da solitude, o amargor desesperado das recordações...

De mistura com o coaxar dos sapos, com o cricrilar dos grilos, com a sonora monotonia dos bacuraus, ponteia o rádio, perfurantemente, envenenando as almas de uma tristeza ainda maior, que vem com a convicção de um irremediável isolamento.

O destino melancólico das cidades ribeirinhas!

Difícil rebuscar as raízes dêsse problema. Defrontamos com o resultado da hipertrofia das forças centrípetas da economia estadual.

Os governos absorvem, por absoluta necessidade administrativa, o fluido vital das rendas dêsses centros urbanos fictícios...

O Pará se converte, por sua situação geográfica, no magneto sedutor de todo o elastério econômico do vale. Belém é o sorvedouro. O rio Amazonas, calha veiculadora do sangue financeiro da planície, tem o seu coração pulsando na orla atlântica... Isso ainda será adentro dos séculos... E' o que se deduz da observação dos próceres da análise amazônica. Ademais, quem houver estudado bem o funcionamento do sistema atual no vale do Amazonas, deve convencer-se que, longe de progredirem, tôdas as cidades fundadas depois de um século, ao longo das margens do grande rio e de seus tributários, caem em ruínas e em decadência. E', sem contestação possível, o resultado da centralização, no Pará, de tôda a atividade real da região inteira!

Quem diz isso não sou eu, é Agassis' ("Voyage ao Brésil", pgs. 260-261), a respeito dêsses conjuntos urbanos.

Todo o seu ideal é o dia seguinte. Porque com êle chegam, às vezes, o vapor e, sempre, o sol.

As sombras noturnas anulam os estreitos limites do casario. Parece que, nas trevas, se opera uma invasão da selva. Misturadas as tintas numa só tinta, a floresta avança até o rio.

E engole o burgozinho humilde, durante o sono dos seus filhos, até que a luz de novo a rechasse para as suas divisas...

Breve, após uma travessia difícil, atingimos Manicoré.

Chamam-na assim por vários motivos. Dizem uns que por causa do rio do mesmo nome, desaguardo ao sul da cidade. Outros, traduzindo erradamente o termo *nheengatú*, atribuem-na o epíteto de "alma de porco".

O certo, entretanto, é que, ali, viveu e prosperou uma povoação indígena, cuja história assinala, entre os seus fastos ilustres, a presença da filha do tuchaúa da tribo dos Corés.

Manicoré, seria, pois, a "alma de Coré", grupo selvagem dominador da região.

Poder-se-ia chamar Borba, ou Humaitá, ou Silvas, ou Codajaz, ou João Pessoa, ou Barcelos, São Gabriel, Urucurituba...

Porque é qualquer daqueles povoados ribeirinhos, rotulados de cidades, com outro nome...

A nossa parada devera ser insignificante. Dez minutos no máximo. Talvez um pouco mais, em face do carregamento de gasolina e óleo, imprescindíveis para a continuação do nosso vôo.

O tempo, todavia, estava mau. O vento, forte, corria além do normal, impedindo a decolagem.

Por duas vezes foi esta tentada, sem resultado. O avião pinotava, de vértice em vértice de maretta e terminava por focinhar, de novo, no rio inquieto. O horizonte mesmo, para diante, cintava-se de chumbo.

Era melhor esperar. Por isso, sob um aguaceiro ingrato, aproamos em canoa para a margem, subimos o barranco enorme da cidade que, com a chuva, semelhava um tobogan de sebo, e percorremos a cidade, isto é, a única "rua da frente" até a casa de um "manda-sol" da terra.

Almoçámos. Às duas horas da tarde amainou o tempo. A chuva cessou de cair. O rio encolheu as escamas.

Minutos após estávamos no ar. A distância entre Manicoré e Humaitá foi coberta com eficiência. Passámos sôbre vários poços gigantescos, achatados na selva, lagunas abandonadas, cobertas por uma camada de limo verdoengo, onde se presume vivam e se desenvolvam, aos milhões, as larvas do nosso conhecidíssimo inimigo anofelíneo.

São como escleróticas paradas, mortas, baças, lá no chão, divergindo dos lagos alegres, infestados de pernaltes, das enseadas risonhas, povoadas de jacarés.

Depois de Humaitá, onde a demora foi curta, velha matrona de "robe" remendado e cabeleira nobre, uma das mais antigas cidades do Amazonas, berço de governadores e de deputados, de magnatas e de poetas, rumámos então, para a primeira etapa do nosso programa: Pôrto-Velho.

Conseguimos alcançá-la quasi ao crepúsculo. A rainha da fronteira oeste surgiu de súbito, debaixo de nós, como uma inesperada aparição. As suas ruas e as suas casas foram revelações singulares aos nossos olhos cheios de vegetais e de monstros potâmicos.

Recepção fidalga. Formada a Companhia de Fronteira, com todo o garbo militar. A entrada da cidade, o prefeito Ferreira Sobrinho, que tem matupás no seu lago, poeta e palestrador, fez a entrega da chave simbólica da cidade ao General Taborda.

Logo a seguir, como se não pudesse sopitar o entusiasmo ainda juvenil, o Juiz de Direito, Dr. Castanheira, bradou um discurso alegórico à comitiva, referto de tro-

pos, de imaginativa candente, ofertando, em febre, o coração dos seus jurisdicionados.

Em vários automóveis moderníssimos, dirigimo-nos, então, para a residência, admirável e requintada, do Capitão Aluizio Ferreira.

Ao outro dia, cedo, deveríamos levantar vôo para a capital do Acre.

N Ú M E R O 2

Mais ou menos às seis horas, depois de um repasto copioso no "Hotel Brasil", dirigido por um megatério cor de ardósia, estávamos prontos para cobrir a segunda etapa de nossa viagem.

De Pôrto-Velho seguiriam, incorporados à comitiva, o Capitão Waldemar Soares de Lima, o primeiró tenente Dr. Sílvio Grangeiro de Almeida, os segundos ditos Antônio Xavier de Andrade e Silva e Valdemar Lisbôa Messias e o Dr. José da Silva Castanheiro, Juiz de Direito da Comarca.

Rumariam êles para Presidente Marques, ponto intermediário do vôo para os confins acreanos, onde nos aguardariam para a continuação da viagem na direção de Guajará-Mirim e Forte Príncipe da Beira.

Mudámos de aparelho. Avionaríamos, agora, no "Sikorsky S-38", rótulo PP-PAM, sôbre o maciço florestal do oéste.

Aparelho anfíbio, menor que o "Fairchild", biplano, munido de dois motores e asas de lona. Aspecto claro, interior alegremente colorido, envidraçado em paralelogramos, de poltronas estofadas em vermelho vivo.

Ao largarem o cabo de amarar, era tal a correnteza do rio que, pela fôrça das águas rodopiantes, e apesar da perícia do piloto, o avião deslisou rumo a um pon-

tão, abalroando. Resultou, disso, um achatamento na asa e no flutuador esquerdos.

Nada obstante, movimenaram-se os hélices, e o "Sikorsky", em magnífica decolagem, subiu aos céus...

Começámos a descortinar a acidenada paisagem fluvial do Alto-Madeira: rochedos desnudos, canais impossíveis, águas revôltas, em cachões, rio tumultuário e estreito, raso e perigoso.

Ao longo dêsse percurso surgiam, aos quandos, ora por uma síncope de floresta, ora por um rasgão de pedreira, os trilhos da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

Os quilômetros sucediam-se vertiginosamente, como cortinas cinematográficas, aos lados do aparelho que voava baixo.

Aluizio Ferreira, já em plena região sob seu controle, apontava ou escrevia, aqui e além, trechos que correspondiam aos núcleos e às estações da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

O ruído do "Sikorsky", muito mais intenso que o do "Fairchild", nos prendia a um silêncio quasi místico.

Quem se debruce sôbre uma carta geográfica da região em apreço, haverá de medir, por um formidável ângulo obtuso, cujo vértice repousa em Presidente Marques e as extremas em Pôrto-Velho e Rio Branco, o roteiro de aeronavegação para o Território Federal do Acre.

Enorme ângulo, aberto para o Norte, ligando em horas, dois pontos de lento e difficilimo acesso terrestre, comunicando, com a principal cidade do meridião amazônico, a capital da terra de Plácido de Castro.

Até Presidente Marques, estamos sôbre o Madeira. Mais algumas dezenas de quilômetros, e êste poderoso afluente do Amazonas perde-se na sua origem tributária: — o Mamoré e o Bení.

Panorama diverso do de jusante, mais pitoresco, mais acidentado, menos fatigante.

Alcançamos Presidente Marques sem precalços. Aquatizagem perfeita. Bom aeroporto natural.

De um lado o Brasil, do outro a Bolívia abrasileirada, região habitada por patrícios nossos, numa tácita dominação. A cidadezinha comove pela expressão de sua longitude geográfica. Para os transeúntes displicentes e imediatistas da Avenida Rio Branco, libélulas tontas a esvoaçarem derredor uma lâmpada eterna que é a Mulher, não existem êsses núcleos de resistência fronteiriça. Presidente Marques é uma ficção esmaecida, na lembrança, pela impiedade de sua postura cartográfica.

Entretanto, — eis uma verdade irretorquível — há mais Brasil no seio calmo dêsse burgo perdido na selva, do que em qualquer cosmopolita café carioca.

Sente-se a Pátria, quando se está entre a Pátria e o estrangeiro.

Palpita-lhe um coração: — a coragem da solidude; resfolegam-lhe os pulmões: — sêres humanos que se apegaram à terra, vivendo dela e para o seu futuro; vibram-lhe os nervos de aço, sôfregos, infatigáveis, patriotas: os trilhos da Estrada de Ferro; inflama-lhe um sonho, moderno, conquistador, heróico, atual, esplêndido na estrutura brutal do seu objeto, maravilhoso na pluma esvoaçante de fagulhas que o turbanteja, como àqueloutro, matador de Verhaeren: — a locomotiva.

Daí, prosseguindo na rota desta segunda etapa, somos apresentados, de cima, a uma personagem lendária, que vive, em contos sinistros, em lendas sombrias, em trechos macabros, na imaginativa de vários plumitivos amazônidas: — o Abunã.

Rio trágico, "le fleuve aux hommes noirs", onde a maleita sacrifica uma população anual de hércules, tortuoso, estreito, penumbrino, descrevendo, no tablado seivoso da floresta imensa, a marcha sinuosa dos offídios.

Lá está êle, lá em baixo, terroso, esquisito, acompanhando-nos com os seus coleios, infiltrando-se, como senhor singular, no peito verde e infinito de uma região selvática, órfã de lagos, viúva de sangradouros, de igarapés, de furos...

Durante muito tempo contemplamos, do alto, o curso do Abunã.

Cada vez mais estreito, êle se converte primeiro num canal, depois num filete e perde-se no macioso verde, infiltra-se na sombra das copas abraçadas.

Começa, então, aí, aquilo que os inexperientes da aviação denominam: "zona perigosa".

A quem sai de Manaus para uma viagem aérea até o Acre, nada lhe chega às oíças com mais vigor do que a advertência sôbre essa "zona", extensa e impenetrável, coberta por uma floresta coesa e ininterrupta — só floresta — entre o último trecho do Abunã e a capital do Território.

Tal é a renitência do aviso, que o passageiro do espaço, atingido êsse ponto, sente, mesmo, qualquer coisa de estranho nos nervos e na atenção. Dir-se-ia iniciar-se alí, o caminho para o inferno.

Mas por que? E' preciso desconhecer o que seja a aeronáutica moderna, a segurança dos seus aparelhos, a perícia dos seus comandantes, a garantia de suas máquinas, a extraordinária precisão dos seus mecanismos, para imaginar-se solto, inseguro, indefeso, no trampolim sem cordas do infinito.

Efetivamente, os olhos só passeiam sôbre um es- tendal de espécimes botânicos, variegados, multicolori- dos, brutalmente esmagados pela altitude, como um cha- rão de copas microscópicas. Durante cêrca de duas ho- ras, voamos sôbre a selva, única, sózinha, senhorial, do- minadora, selva que desmente a primitiva impressão de afogamento entre tentáculos fluídos.

Em face de uma "panne" num motor, temos duas fôrças favoráveis: o outro motor, e a capacidade plana- dora do avião.

Para baixo: nada. Ou para a frente: o Acre. Ou para trás: o Abunã, onde só se tem duas soluções: a aquatizagem difícil e a decolagem impossível.

Qualquer dos dois pontos poderá ser atingido num vôo planado, servido por um motor.

Mesmo com ambos os motores parados, o aeroplano anfíbio vence, em equilíbrio, uma distância igual a oito vêzes a altura em que se encontra.

Ora, acontece que no aparelho em que viajamos o altímetro acusa cinco mil metros, existem dois motores, a marca é "Sikorsky" e os pilotos são da "Panair".

Estamos tranquilos. Que resta, pois? Dormir, ao embalo dêsse besourão prateado, isócrono e roncadador, que vai espantando onças e antas nos cipoais.

Não há mais sedução na paisagem. Repete-se, até às últimas fronteiras do olhar e da imaginação, o mes- mo quadrilátero gigantesco de flora, achatado no chão, referto de tôdas as variantes do verde, uniforme, e mo- nocrômico, como um tapête glauco.

Já vai longa a viagem. Os pilotos esticam o pes- coço, pesquisando, à frente. Rastejam as árvores. Es- casseiam os festões. Há claros na selva. Depois, cam- pos, pequenos, maiores, enormes, a perder de vista.

Identifico: — arredores de Rio Branco. Alvorço-me. No horizonte, brilha, como uma serpente em fogo, o rio Acre. Surgem palhoças, currais, estâncias de gado.

Casas, arruados, praças, o Palácio, o Quartel, as duas ametades do burgo acreano namorando-se sôbre o rio, o comércio de Empresa, as residências de Penápolis, o povo, reunido em massa no aeroporto, as extremas da cidade heróica de Plácido de Castro.

Circulamos sôbre Rio Branco, e aos balanços, aproamos sôbre o campo, aterrissando.

* * *

Salta o general. Saltamos todos. Recepção oficial. Procuo o meu prezado colega, interventor Epaminondas Martins. Ele ficou na cidade, esperando a comitiva.

Vejo, entretanto, o Dr. José Martins, secretário de Estado e irmão do interventor; o coronel Fontenelle, o "gato" querido da tropa, comandante da Fôrça Policial do Território; os oficiais da Corporação; os colegas Valentim e Portela, o Flávio Batista, o Meninéa, o Anselmo Sá Ribeiro, o ilustre Mário de Oliveira, o Kreuser, o João enfermeiro, o celeberrimo Carlos Lobo, o desembargador Djalma de Mendonça, o Martins, que me recomendou dissesse ao Clovis Barbosa, em Manaus, que "A Selva" é a coqueluche do Acre, o Diógenes livreiro, sereno e amável, o Roberval Cardoso e o Peret, campeões do Aprendizado Agrícola, o capitão do Pôrto, simples e distinto, e tôda aquela gente boa, inesquecível, que vive, sonha e sofre, num dos pedaços mais esquecidos e mais gloriosos do Brasil.

Encheu-me de alegria, como um retôrno ao lar paterno, aquela chegada súbita, sem aviso prévio, a Rio Branco.

O aeroporto está distante da cidade. Percorre-se longa estrada a pé, até o Aprendizado e, de lá, em lancha, gastam-se uns bons vinte minutos até o pôrto principal da cidade.

Uma coisa nova: a escadaria cômoda que substituiu o barranco incrível, obra do ex-governador Martiniano Prado.

Abrços protocolares. Alôs amigos. Sorrisos espontâneos. Festa no coração da gente. Trajeto a pé, até a residência do Dr. Epaminondas.

Enche-se a casa. Palestra cerimoniosa de chegada. Continuum, comigo, os alôs frequentes, aos velhos conhecidos, do tempo em que eu fazia Saúde Pública, adentro as terras mais "de fora" da Nação.

Reminiscências. Convites. Recados. Fatos que se recordam. E risos aflorando à bôca, por qualquer motivo, como rosas que desabrochassem sem normas de estação.

O general comoveu-se com as demonstrações de afeto. E' o primeiro comandante de Região que aporta àquelas plagas.

O soldado foi levado à parede. Para um fuzilamento de carinhos.

Abrandou a postura militar. Sentimentalizou-se. E a palestra desvia-se do rumo oficioso e meio cacete, para o terreno adorável das confidências espirituais, da poesia simples do sertão.

O general declama. Elegante, sóbrio, ilustre, o veterano cabo de guerra desfia um romance caboclo, poema suave e lírico, onde a alma calcinada dos atletas morenos do Brasil surgia, boiando em versos, em carícias, em doçura.

Chega a minha vez: — recordo Artur de Sales, êsse velho mago da “Távola” de Carlos Chiacchio, recitando “Um ocaso no mar”. Impressionismo inesquecível, marinha inapagável, que a Saudade fazia mais colorida, que a recordação pintava com vigor.

Aluizio Ferreira diz “blagues”. E o desembargador lembra, ao general, os tempos absolutos em que andava, farnel repleto, alma doirada, lábios cheios de mel, pelos “boulevards” amáveis de Paris...

Um incidente, esperadíssimo por nós, corta o jôro dessa castália matuta: — um servente anuncia o almoço.

A sala de refeições, clara e moderna, do interventor, enche-se de risos e de “boutades”.

O capitão Américo alude ao vinho fino, vinho à “Embassy”, que o Dr. José Martins nos oferta, enquanto o capitão Aluizio, com uma sêca nordestina na garganta, o sorve, aos golos, prazerosamente.

Faz calor. A brisa, todavia, acaricia-nos a face e abre-nos o apetite.

Naquelas distâncias, a comida mantém o ritmo internacional das grandes mesas: vem o velho Perú à carioca, a nunca desprezada salada de lagostim, um “roast-beef” de vitela boliviana, e, por término, “glebário”, uma tartaruga magnífica, que os acreanos, pitorescamente, apelidam de “vaca de Amazônia”.

Estômagos O.K. Restos de conversa farta, sonolenta, sem interesse.

Estamos fatigados. O horário da “Panair” é um inimigo do sono paternal da madrugada.

Urge um pequeno repouso reparador, que nos habilite a carcaça para o baile de gala, à noite, no Palácio da Interventoria.

O Dr. Epaminondas veio ao nosso encontro: con-vite para um instante de sesta no amplo e confortável quartel da Fôrça Policial.

À chegada ao edificio, continências do estilo, parada militar, recepção e apresentação dos oficiais.

Eu estava como quem retorna ao "ninho antigo". Já morei numa das dependências dêsse luxuoso acantonamento policial, honra e orgulho do humilde, porém, nobre e patriota soldado acreano.

O coronel Fontenelle fez-nos hóspedes queridos. O general Taborda deixou-nos à vontade. Um quarto para cada visitante. Confôrto e elegância. Amabilidades.

O sono, entretanto, foi uma hipótese. Velhos amigos, os oficiais cercaram-me de atenções, de gentilezas, de conversas íntimas, onde as recordações avultavam como pirâmides no deserto sem fim do presente balofo.

O André, o "Piroca", o Valentim, todos, amigos, sinceros, inolvidáveis.

À tardinha, uma surpresa: — A Academia de Letras do Acre, incorporada, vinha, em visita à comitiva do general, ofertar-me um diploma de sócio correspondente.

Espantei-me: Academia de Letras no Acre? Era verdade, com todo o cerimonial protocolar, aspecto venerando e patriarcal.

Mas até ali proliferava o germe das Academias?

Não havia dúvida. A Federação Brasileira das Academias, teve, pelo menos, com a sua criação, essa virtude (ou êsse defeito): semear, por quanto rincão nacional ainda existia indene, o grão promissor de uma Academia literária.

Estava, pois, o Acre, dono de um núcleo de intellectuais, candidato a um lugar na Federação Brasileira

das Academias, representado no cenáculo respeitável do pensamento catedrático nacional por uma célula majestosa e extática.

Houve um fato curioso, entretanto, que ofereceu aos meus olhos cansados de paisagens, uma inesperada e sutil paisagem mental: — o general Taborda, que se havia mantido até ali, mesmo entre nós, num recolhimento sereno e superior, entre os néo-acadêmicos acreanos tomou-se da eloquência brilhante de Clemenceau. E fez, em tom cordial, em tom de palestra discreta e amável, uma longa e fecunda conferência sôbre as origens de nosas estrutura social e política, ilustrando-a com fatos, com documentos, com citações, com idéias, com dinamismo verbal, dignos de um consumado dominador da oratória parlamentar.

Os moços do Acre, calados, absorviam-lhe os pensamentos, àvidamente.

E eu, recipiendiário de um galardão acadêmico, fiz-me arqui bancada humana, a aplaudir a inteligência dêsse grande cabo de guerra, lustre de uma geração de soldados, esteio da dignidade e do brio do Exército.

Quando tomámos contas ao tempo, anoitecia. O baile estava próximo. Despedidas. Abraços. “Até logos” furtivos.

Após o banho e a “toilette” em uniforme branco, descemos ao salão do Quartel, para o jantar último com o Estado Maior do coronel Fontenelle.

* * *

Não é possível compreender qual a principal função do Exército, sem atinar, primeiro, com o papel sobretudo cívico, do soldado acreano.

Dir-se-ia existir, nele, o mesmo sentido de patriótico empreendimento que vibrava — flúido vivificador — nos nervos indomáveis de Caxias.

Congregados em núcleo militar, numa região de altas responsabilidades diplomáticas e estratégicas, as praças de “pret” da milícia territorial representam, cada uma, um óbice à reinfiltração do ádvena rechassado, como exprimem, no silêncio resignado do seu pertinaz patriotismo, um exemplo — eloquente exemplo de brasilidade — oferecido às porvindoiras gerações.

Remanescentes de uma tradição que se constitue penhor de honra na história das nossas lides belicosas, êles são esteios da nacionalidade, distribuindo, através da fronteira, como permanentes focos de irradiação, o nome sempre respeitado e querido do Brasil.

Homens de várias profissões — pedreiros, calceteiros, marceneiros, funileiros, etc. — reunidos derredor um ideal de construção e de amor à gleba, erigiram um quartel — o seu quartel — obra que orgulhece ao brasileiro de outras paragens e comove, até à ternura, ao turista desintencionado.

Edifício moderníssimo, referto de todos os requisitos atuais de conforto e eficiência, as suas dimensões medidas com precisão, os seus motivos ornamentais, severos porém atraentes, a sua capacidade técnica irretorquível, colocam-no, sem favores, à vanguarda de vários grandes quartéis do Norte do país.

Ele é um produto do esforço titânico do soldado territorial.

E' o seu abrigo e o seu galardão. E' o seu passado e o seu futuro.

Levantado no centro de uma praça ampla e deserta, a sua majestade avulta, aos olhos experimentados da-

queles que sabem avaliar uma construção, pelo material empregado nela e pela dificuldade encontrada em realizá-la.

Não é, no entanto, só o quartel, o índice do extraordinário dinamismo e desinterêsse do soldado acreano.

Os prédios públicos mais impressionantes de Rio Branco foram erguidos sôbre o seu sacrifício, de inteligência e de fadiga.

Ponteia um torreão, clareia um telhado novo, brilha uma vidraçaria, reluz um ângulo de fachada, e eis-nos diante do trabalho incansável do soldado acreano.

E não se limita a isso a sua atividade: vara os ser-tões no desenvolvimento das estradas de penetração, por onde passam, hoje, as alimárias pacíficas dos "fábricas", e amanhã, não o sabemos, os exércitos reivindicadores do nosso patrimônio glebário.

Estradas estratégicas, utilíssimas, ligando pontos longínquos, favorecendo, destarte, a indústria extrativa, já existente, e a invasão extratora de novas picadas, por existir.

De várias bandas do país, são êles, ora do nordeste causticante, ora dos pampas frios, ora da Baía temperada, misturados em famílias, unidos em laços econômicos, mais fortes, mais vibráteis, mais indissolúveis, que os cipós intrincados que os circundam.

Da pedra inicial até às cumieiras, são êles os construtores de cidades fronteiriças.

Aquí o Palácio, alí o Quartel, além a Penitenciária, para a frente uma ponte, um arruado, um campo experimental, um núcleo agrícola, tudo saído de suas mãos calosas e nobres, que só apertam o lenço sincero de família à hora das lágrimas ignoradas e heróicas.

Eis o brasileiro íntegro e forte. Eis a Pátria, que a Pátria desconhece, na ambliopia dos quilômetros vazios, na indiferença festeira e circunvaga do litoral...

À hora da luta, o seu nome saltou do cerne da jangada para os livros históricos. Não precisa de elogios, nem de aleluias. Sua vida é um romance persistente e tenaz, luminoso e brutal. Como as pedras mais raras, êle se esconde na ganga mais áspera da Nação.

Ei-lo, sereno, decidido, simples, no conspecto e nos hábitos.

A quem indagar do seu valor, dos seus galões, do seu destino, diga-se sómente: — Êste é daqueles que vieram de Plácido de Castro!

* * *

Difícil dizer o que se sente, à entrada de um baile no Acre. E essa dificuldade vem do terror especial que nos empolga, ao dobrarmos a vista sôbre um mapa do Brasil. Êste Brasil que canta no aboiado dos vaqueiros nordestinos, que samba no desengonço dos maxixes cariocas, que soluça no leito magro dos hospitais e no silêncio recheiado das prisões, que ri nas clarinadas montanhosas de Minas, nas sequências sarampeadas de rubro dos cafezais paulistas, nos descantes à sanfona dos peões gaúchos...

E' grande êste Brasil, é deserto, é tristemente vazio e imenso, êste Brasil.

E do Brasil, é na Amazônia onde o deserto oprime com mais sutileza e mais mistério. As suas distâncias hipertrofiam-se no descabro de uma selva que se uniu em êxtase para a cerimônia da eterna virgindade.

O Acre transforma-se numa pousada distante, que o cinema, pelo veneno de suas tropelias de "cow-boys", empresta horrores e assombrações, seres e fatos, inexistentes na sua bucólica realidade.

Um baile no Acre, para os notívagos sulistas, é qualquer coisa à "far-west". Cavaleiros que chegam, empoeirados e hostís, abancando-se ao longo do balcão único, a bebericar a pinga entre chalaças, façanhas e anedotas. A clássica sanfona, o irremediável violão, ainda a velha mazurca senhorial, e os desafios violeiros dos conquistadores do sertão.

Um baile no Acre, na realidade, não é nada disso.

O Palácio da Interventoria abriu-se em luzes profusas, escancarando os seus salões. Chão lúcido, ornamentação moderna, "smokings", fardas, decotes. O legítimo "whiskey". Sorvetes de frutas delicadas. "Flirts" como em qualquer parte do mundo. Orquestra marcial, afinada e resistente, interpretando os últimos sambas cariocas, chegados de avião.

O interventor saudou a comitiva num discurso sereno, comedido, pensado, brilhante. Respondeu-lhe o general, em larguezas patrióticas, oferecendo, em primeira mão, àquele povo nobre, as suas impressões desvanecedoras da zona que os litorâneos esquecem. Discurso cheio de brasilidade, de cultura, de elevação espiritual.

Seguiu-se o baile. Mulheres lindas, que a mocidade fazia ainda mais belas, rodopiavam com os seus pares, em "foxes" atuais, em maxixes atualíssimos.

Palestras encantadoras, que a alegria da reunião social aumentava e desdobrava em maledicências...

O capitão Aluizio, sóbrio, preferiu a roda dos que conversavam sobre o Brasil.

O capitão Américo, jovem e elegante, majestoso em seus alamares de ajudante de ordens, falava, displicente e superior, com as senhoritas que indagavam, curiosas, das novidades do Rio.

Saudoso, o moço militar desbordou-se em minúcias. Mediu os passeios de Copacabana, as dimensões do “Lido”, do “O.K.”, do “Alvear”. Pendurou-se nos braços divinos e marmóreos do Cristo Redentor, subiu ao Alto da Boa-Vista, bebeu a linfa puríssima da Cascatinha, falou no “Plaza”, no “Metro”, no perfume inconsútil que bóia, subindo das raposas cinzentas da Gonçalves Dias: — fez prodígios.

As moças cercaram-no. Nada como o prestígio do Rio de Janeiro, mesmo falado no Acre...

E o capitão Américo não manda: — vai.

Ia alta a noite, quando fomos chamados à mesa oficial, para o “toast” protocolar. Membros do Govêrno, militares e políticos, apertar-se-iam as mãos num momento que será histórico para a vida administrativa do Território.

Ninguém que, ao ouvir falar em política intrincada, falaciosa, de campanário, se não recorde, logo, do velho conceito em que é tida, a “política do Acre”.

Anda-se sôbre pilhas ao passar entre dois contendores partidários naquelas longitudes. Aliás, êsse fenómeno se opera por todo êsse Brasil dos Acioli, dos Caiaido, dos Borges de Medeiros, dos Pessoa de Queiróz, dos Zé Pereira.

No Acre, o processo era mais fino e mais contundente. Atirava-se moralmente, de tocaia. Por encomendas, por anonimatos, pelo telégrafo.

Ah! o papel bigúmeo do Morse! Caíam senhores, levantavam-se espetros, espetavam-se dignidades, anava-

lhavam-se honras, bruniam-se reputações, alarmavam-se ambientes, nasciam criaturas, morriam fetos ainda não parturidos, tudo pelo telégrafo.

Naquele momento, no baile, ia se operar um prodígio: inimigos rancorosos de ontem, contendores irreconciliáveis de antanho, velhos combatentes sem quartel, dar-se-iam as mãos, derredor o interventor Epaminondas Martins, pela felicidade coletiva do Território.

O instante era, pois, de suprema comoção. Lia-se, mesmo, nos rostos serenos daqueles homens, a emoção que os empolgava.

Ao meu ouvido, cochichando, informou-me alguém que várias famílias, distanciadas pela política impenitente, derramavam lágrimas de contentamento, por aquela cerimônia.

Tudo, auxiliado em máxima percentagem, pela ação catalítica do general Taborda.

Ergo-me, então, saudando, no interventor, a eloquência daquela hora de harmonia e de patriotismo, que eu desejava se repetisse em tóda a extensão do país, para o fortalecimento moral da nacionalidade.

Brilham os olhos do Mário de Oliveira, procurador da República. Há sorrisos brincando ao rosto do Flávio Batista, ex-diretor do Ginásio Acreano. O desembargador Djalma de Mendonça aplaude, com significativos acenos de cabeça, o transcurso daquele evento benéfico para o seu povo. Todos vibram... e esquecem as rugas pretéritas.

Levanta-se Epaminondas Martins e, em meia dúzia de frases, incisivas e discretas, descreve a sua satisfação interior, agradecendo, ao comandante da Região, a

influência que teve nos acontecimentos. Abraços. A orquestra suaviza um "fox" embalador.

Chama-nos ao salão. E' tempo.

* * *

O general Taborda é um dos mais resistentes oficiais do Exército. Mede-se, a sua rizeza física pela do eminente patricio general Rondon.

Nos portos de parada, é o primeiro que salta e que abre a marcha, rápido e infatigável.

Como chefe, é o primeiro que acorda e o último que repousa.

Homem de sociedade, a alegria feminina faz-lhe bem à alma enflorada em ritmos modernos.

E o general dança. Na "ranchera", que lhe recorda a fronteira gaúcha, é insuperável.

Eis porque não sentiu, êle, o avanço do tempo.

Madrugadeia. Tresnoitado, falta-me o contrôle das pálpebras.

Cabeceio de sono. Mas a ordem superior é continuar na festa até a hora de levantar o vôo.

Não resisto ao convite amável de Morfeu. Aproveito um hiato de atenção da comitiva e, sutilmente, desço a escadaria do Palácio, tonto de sono, procurando pouso.

O melhor que encontrei foi uma tarimba do corpo da guarda.

"La guerre comme la guerre". Não hesito. Estiro o canastro no tarimbão e entro, de logo, em contacto com os duendes que me boiaram do sub-conciente. Ressonno.

E é nessa situação, que me encontra o capitão Aluizio, numa pateada justa e clangorosa.

Acordo estremunhado. O baile vai no fim, e o general está de saída.

Lá fora, o ar frio da madrugada açoitou-me o rosto e espantou a modorra.

Mais algum tempo e o "Sikorsky" roncará no ar.

Urgia preparar as malas. Quasi à hora da partida o querido coronel Fontenelle resolve presentear-me com um vidro de "Quelques Fleurs", de Houbigant.

Aliás, é costume do coronel: tôdas as vezes que vou ao Acre, volto sempre com um presente e uma saudade dele.

* * *

A chegada a Presidente Marques fez-se sem novidades.

Daí rumaríamos para Guajará-Mirim, em trem especial, continuando a viagem de inspeção.

A pequenina cidade fronteiriça estava agitada. Flâmulas e côres, como para a recepção de um general. A sua larga e majestosa estação ferroviária, erpleta de povo, escolas formadas em ala, empunhando bandeiras nacionais, como em qualquer festividade cívica.

A comitiva alcançou a "gare", entre abraços e sorrisos, já integrada dos elementos que, vindos de Pôrto-Velho, nos acompanhariam às montantes do Guaporé.

Próximo ao trem, os discursos obstruíram a marcha.

A máquina fotográfica do engenheiro Rondon, incansável.

Não era possível melhor reportagem que a daquele ilustre caboclo moderno, rebento de "gens" brilhantis-

sima, responsável pela exatidão mecânica da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

Notava-se, mesmo, a presença do capitão Aluisio Ferreira.

Como um sôpro vivificador, a sua ação catalítica se fazia sentir, já no desembaraço e no dinamismo dos funcionários da ferrovia, já no claro sorriso que perfumava, em sincera emersão, o rosto queimado daqueles homens do oeste.

Exatamente às nove horas da manhã, a composição largou de Presidente Marques.

N Ú M E R O 3

Estamos correndo sôbre os trilhos da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

Essas duas linhas de aço, paralelas, contínuas, desdobrando-se ora entre os lombos ásperos das pedreiras, ora sôbre pântanos, intransitáveis antes, faz lembrar uma lenda. Dolorosa, amargurada lenda de titans bronzeados que ficaram, bôcas mordendo o lôdo, no último estertor da maleita feroz.

Por todo o território nacional, por todos os centros avançados do mundo, correu, de lábio em lábio, essa lenda, impregnando de terror místico aqueles debilitados pelo confôrto urbano, desfigurando, nas suas linhas gerais, a face rude dos acontecimentos.

Cada dormente: um cadáver. Cada linha de trilhos de aço: uma linha de oiro. A energia gigantesca do homem, desbravador e tenaz, conseguira vencer a bruteza da gleba.

Projetada em 1870, quando, pela Europa, andavam a contender as patrulhas ulhanas e o cérebro de Thiers, sómente em 1907, nas asas do "Tratado de Petrópolis", foi a via férrea iniciada, objetivando a evasão da goma elástica do oriente boliviano, fonte propulsora, em si mesma, de todo o progresso amazônico.

O fantasma do paludismo vestiu de crepe milhares de famílias. Destruiu aquele que pretendia exterminá-lo.

Durante o espaço incrível de um ano, os estrênuos lutadores que erguiam aquele monumento heróico para o bem da Nação, ingeriram dois mil quilos de quinina! A profilaxia obrigatória haveria de pôr termo à devastação mórbida, oriunda dos chavascals insondáveis, dos câncros telúricos, abertos em perene atrocidade, contra o esforço dos violadores do sertão.

Um convescote racial acampou nas ribas do Madeira. Homens de tôdas as côres, de todos os feitios, experimentaram, no cadinho brutal da natureza bárbara, a rijesa de sua compleição, a capacidade de resistência dos seus grupos humanos.

Vindos de tôdas as bandas do Universo, da Europa central, da Escandinávia fria, da Patagônia deserta ou dos arquipélagos antilhanos, dos beijos civilizados do Mediterrâneo ou das escarpas amenas da Ásia Menor, cheios de sonhos de grandeza, de ambições mercenárias, vieram todos morrer, trêmulos como juncos, no estendal lodoso do Madeira.

Só os negros da América Central e os gregos suportaram o látigo da canícula, a fereza da terra, a impiedade palustre.

A quinina sustentou-lhes a audácia. E um organismo singular, forjado ao calor do trópico ou ao bucolismo eugênico do Mare Nostrum, conseguiu furtar-se à vergastada fatal do demônio pálido, dono das regiões invadidas.

A Estrada de Ferro avançou, palmo a palmo, cobrindo a terra e enchendo o espaço, das fagulhas e dos berros de suas máquinas.

Os seus trezentos e sessenta e seis quilômetros, estendidos entre Pôrto-Velho e Guajará-Mirim, documentam uma epopéia.

Transpondo rios, sôbre pontes de ferro, em lindo estilo, contornando 19 cachoeiras turbilhonantes, onde naufragaram, para sempre, milhares de seres, lá se vai o caminho moderno, afrontando a fúria dos índios, a perfídia proliferante da floresta, o obstáculo hiante dos vórtices fluviais.

Os ingleses, que a construíram, magnatas habituados aos grandes lucros, com ordenados principescos, abandonaram-na em 1931, sob pretexto de "deficits" constantes.

Covardia ante o clima ou a obra por administrar?

Ninguém discutiu ainda o problema. A verdade é que, lançada, como um desvairo mecânico, através da mais ingrata região patrícia, a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré fez cansar aos ingleses. Física e economicamente.

Surgiu, então, em 1931, a figura do brasileiro empreendedor.

Aluizio Ferreira postou-se à frente da Empresa, pertencente então ao Governo Federal, para descobrir-se a si próprio.

A obra era gigantesca. O prestígio tradicional dos anglo-saxões baqueara diante dos óbices financeiros e materiais.

A audácia não bastava. Urgia uma plena confiança em tôda a extensão de suas energias construtoras, afim de que, na propulsão do seu ímpeto levasse êle, o militar, o jovem brasileiro, à frente, o que os loiros da Albion tradicional haviam deixado para trás.

Para nós, pelo nosso prisma de observação, não era, a Estrada, um meio de escoamento de produtos bolivianos, tão sómente.

Como uma artéria de penetração estratégica, surgia a obra abandonada, ante os nossos olhos inteligentes.

Necessário, pois, continuá-la. Aluizio Ferreira firmou, na direção dessa Estrada, o seu nome de lidador e de patriota.

O que os estrangeiros ambiciosos não puderam, pôde a coragem e o esforço tenaz de um ilustre patricio.

Hoje, êsses trilhos de aço, que a lenda malsã transformara em "trilhos de ouro", estão dando lucros razoáveis que se prestam ao seu próprio funcionamento autônomo.

Dentro de tôdas as normas da higiene, alinham-se, nos terrenos da Empresa, as residências dos trabalhadores ferroviários, em ampla e atualíssima Vila Operária. Nos domicílios dos empregados superiores, telados e magníficos, a luz elétrica, o esgôto, o telefone, a água corrente, fornecidos gratuitamente, o conforto, enfim, representam uma voz, calma mas poderosa, que grita progresso e construção no âmago das distâncias azues...

Para a proteção do homem que trabalha, defendendo-lhe o futuro, existe a Caixa de Aposentadorias e Pensões, como em qualquer meio que se preza de possuir legislação trabalhista.

Além do centro telefônico, próprio da Estrada, levanta-se em Pôrto-Velho, a poderosa oficina da Empresa, aparelhada dos mecanismos mais aperfeiçoados, repleta de operários ancionais, onde os carros mais elegantes são reformados com precisão e onde se realizam os mais delicados serviços de engenharia.

Os trabalhos de conservação e substituição de dormentes, como o de lastreamento da linha, desenvolvem-se sem necessidade da criação de verbas especiais, onerosas ao Governo Central.

Como expressão de órgão de ligação importantíssimo, a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré avulta aos nossos olhos de patriotas.

Integrando o sistema ferroviário de toda a Nação, que conta, nas suas teias, com 33.510 quilômetros e 600 metros de trilhos, segundo estatística recente (1936), a E. F. Madeira-Mamoré, no cômputo das 55 empresas congêneres do país, é superior, em extensão, a 39 delas, sendo inferior, sómente a 5. E', pois, pelo comprimento do seu leito, a 16.^a via férrea da Pátria. São-lhe superiores em extensão: — A E. F. São Luiz-Teresina, a Rede de Viação Cearense, a "Great Western of Brasil Ry. Co. Ltd., a Este Brasileiro, a E. F. Vitória-Minas, a Leopoldina Railway Co. Ltd., a E. F. Central do Brasil, a Rede Mineira de Viação (inclusive a "Machadense", a "Trespontana" e o ramal de S. Gonçalo), a E. F. Goiás, a Companhia Mogiana de Estrada de Ferro, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, a E. F. Sorocabana, a E. F. Noroeste do Brasil, a E. F. S. Paulo-Rio Grande, a Viação Férrea Rio Grande do Sul (inclusive a Brasil Great Southern, incorporada).

São-lhe inferiores: — a E. F. Tocantins, a E. F. Bragança, a E. F. Central do Piauí, a E. F. Mossoró, a E. F. Central do Rio Grande do Norte, a E. F. Petrolina-Teresina, a E. F. Nazaré e ramal de Amargosa, a E. F. Santo Amaro, a E. F. Ilhéos-Conquista, a E. F. Itapemirim, a E. F. do Litoral, a E. F. São Mateus, a E. F. Benevente-Alfredo Chaves, a E. F. Corcovado, a E. F.

Maricá, a E. F. Morro Velho, a São Paulo Railways Co. Ltd., a E. F. Dourado, a E. F. São Paulo-Goiaz, a Companhia E. F. Morro Agudo, a E. F. São Paulo-Minas, a E. F. São Paulo-Paraná, a Comp. E. F. Barra Bonita, a E. F. Itatibense, a E. F. Norte de São Paulo (Araraquara), o Ramal Férreo Campineiro, a Tramway da Cantareira, a E. F. Campos do Jordão, a Companhia Melhoramentos de Monte Alto, a E. F. Jaboticabal, a E. F. Perús-Pirapora, a E. F. Fazenda Dumont, a E. F. Norte do Paraná, a E. F. Teresa Cristina e ramais, a E. F. Santa Catarina, a E. F. do Mate-Laranjeira, a E. F. Pôrto-Alegre a Tristeza, a E. F. Jacuí e a E. F. Palmares-Conceição do Arroio. Orgulhece, pois, dirigir uma via férrea, de tão magna individualização comercial e sobretudo estratégica.

De tudo, entretanto, fica-nos uma surpresa amável: — o extraordinário serviço prestado à educação nacional, com a assistência escolar da Estrada.

Superior à sua assistência médica, que é desenvolvida por três facultativos, itinerantes ao longo das linhas, mantém a Estrada doze escolas rurais, onde a juventude que alí vive aúfere os privilégios do saber prático, útil, imediato.

Onde existem seis crianças abre-se uma escola.

Eis o plano patriótico de Aluizio Ferreira, nas longitudes do Madeira, lá onde o eco dos cabotinos e dos indiferentes chega, abafado pelo rugir infatigável das locomotivas...

O que o inglês abandonou por imprestável, o brasileiro transforma em fonte criadora de economia, de lustre, de entusiasmo.

Qual o maior? O inglês, desertor, ou o patricio, modesto e nobre, que devolveu à pátria um trecho de si mesma, transfigurado em dinamismos e em realizações?

* * *

Estranha diferença esta, entre o mundo floral que o navio desvenda e aquele que o avião descobre!...

Dois mundos, absurdamente típicos, que os planos, vertical e o horizontal, dissociam e desfiguram, lançando, de chofre, o observador, num dédalo de dúvidas e de crispantes realismos.

Não se pode negar, à selva amazônica, o seu prestígio extensional.

Talvez, em nenhuma outra parte do mundo, a mata se desenvolva sôbre uma tão vasta, quão instável, zona telúrica.

Nada obstante o emaranhado fluvial que corta, retalha, divide, o maciço verdasco da floresta, ela assume, contudo, a feição ciclópica de um convescote botânico, onde se gizessem representar tôdas as espécies mais sugestivas do mundo vegetal.

A impressão física, entretanto, à altura do barranco e da carlinga de um avião, se revela, de maneira atrozmente antagônica, como se, do ar, o segrêdo imenso da jangla se pulverizasse em névoas, perdendo a eloquência do seu mistério, a grandeza fictícia das coisas próximas.

Esquissando, em vertiginoso painel crítico, a personalidade singular de Euclides da Cunha, Péricles Moraes, êsse enfeitador de realidades imperceptíveis, no seu luminoso ensáio "Legendas & Águas Fortes" (página 10, linhas 14 a 17), disseca e responsabiliza, no

cientista puro dos "Sertões", pelo assombro nascido de suas páginas surpreendentes, o feitio hiper-estésico do artista-escritor, a quem se deve emprestar todo o fulgor, tôda a nervosidade, tôda a magnificência, sobretudo, todo o gigantismo, da região analisada em ângulos.

O mestre da pena excedeu-se em tropos, sobrepujando com vantagem, o mestre do teodólito.

Do vértice dos tratados e das conclusões científicas, Euclides não nos teria mostrado uma Amazônia daquele porte. Ela se reduziria às suas proporções, de terra inacabada, friável, resultante de agonias do terciário e do quaternário, com restos de convulsões psicosoicas, sem os alarmados penoramas, as atléticas perspectivas, os absurdos imaginosos, que as acendalhas mentais do gênio ergueram em pira, à sua glorificação.

Pervagando, como notívagos estetas, pelas alamedas luarizadas da literatura amazônica, topamos, e a cada investida, com duas correntes, irreconciliavelmente opostas, as quais nos mostram, em êxtases e em crispacões, a natureza do vale sob dois aspectos antitéticos e, de certo modo, trágicos e líricos.

Esta selva, "esposa do silêncio, mãe da solitude e da neblina, não possui, para uns, senão o espírito penumbral, que "furta o sonho do horizonte e só tem para os olhos a monotonia do seu zênite, por onde passa o plácido albor, que jamais alumia os folharais dos seus seios úmidos!" (J. Eustasio Rivera — "La Voragine" — pgs. 126, linhas 1 e 2 e 16 a 19).

Sant'Ana Neri, um devotado pelas coisas da planície, correu-se de otimismo benfeitor, dêsses que só nos assaltam longe do pago nativo, quando, no seu "Les Pays des Amazones", citando Th. Lavallée ("Harmonie des continents et des mers"), assinala que a Europa,

exposta ao frio do polo, seria apenas habitável, se os ventos, soprando da África, não derramasssem sôbre o continente, por cima do Mediterrâneo, o calor acumulado nesse grande reservatório que é o Saara. Fenômeno contrário, afirma, se produz nas regiões amazônicas, onde, da explicação do sábio Maury, se deduz de que maneira, graças a essas correntes atmosféricas, "o clima da Amazônia é um dos mais notáveis do mundo".

Admirações e entusiasmos de um lado, abrandando as cruezas da selva, as ignomínias do interior, as angústias humanas, no surrealismo lírico das descrições pirotécnicas, dos arroubos poéticos, das elisões propositais, criando, destarte, um mundo estranho, místico, paradisíaco, onde caberia bem o panteísmo de Raimundo Morais, circunscrevendo em lira o redondel imenso da bacia hidrográfica, no seu estudo largo e sonoro da "Planície Amazônica".

Apesar de ser o "desespêro dos naturalistas", o Amazonas "esconde, como todos os E'dens, serpentes sob suas sombras"... (S. Neri, cit., págs. 10 e 11).

Clemenceau, no seu "Notes de Voyage" (pg. 235, alíneas 16 a 20), queima-se na ilusão das miragens distantes: — "Para falar da floresta brasileira, não basta um parágrafo, nem um capítulo, mas um livro. Um livro de um sábio que seria um poeta. Eu não visitei as feéricas regiões do Amazonas..."

Frederico Hartt falaria da mesma forma, tomado do sentimentalismo estranho, oriundo dos crepúsculos estivais, cheios de preságios, de irisações, de ternuras cósmicas...

Do mesmo jeito Theodoro Roosevelt, bandeirante por diletantismo, o transcursador do Rio da Dúvida, no seu substancioso: "Through the brasilian wilderness".

Assim também encarou, em descrição inçada da técnica álgida dos militares, a bacia monstruosa, êsse infatigável Nicolau Horta Barbosa, quando aludia à “melancólica saudade, inseparável da recordação daqueles lugares”. (Em “Pelos sertões do Brasil”, do coronel Amilcar Botelho de Magalhães).

Essa impressão, naturalmente vestida das tarlatanas poemáticas, seria idêntica à de Maria Sabina de Albuquerque (“Alma Tropical”, pg. 33, alíneas 16 a 19), quando nos fala do “cenário que a cada volta, a cada remada, quasi se desdobra numa fantasmagoria feérica ante os nossos olhos deslumbrados”, e que é, “a um tempo, grandioso e exótico”.

Na evocação dos que nunca a sentiram, no elastério dos seus sofrimentos e das suas belezas, a Amazônia é, ou um “mundo bárbaro, extraplanetário e inacessível” (Menotti del Picchia, “Correio Paulistano” — 1933), ou um “mundo agitado, fervente, que marcha, que recua, que sobe e que desce aos limbos da terra, que levanta trombas de lódo até o céu e que devora florestas em segundos, essa misteriosa, essa terrível, essa diabólica Amazônia, que é o útero geológico do nosso planeta, porque nela germinam esboços de continentes desconhecidos, que nascem e morrem na aluvião...” (Pádua de Almeida — “O Globo” — Rio, 1935).

Será mesmo assim? Não haverá em tudo isso, o estro fulgurante de dois grandes poetas, vestindo a gleba das roupagens da imaginação, traçando-a, em sangue e em febre, com o visionarismo transcendente dos que convivem com os deuses e os astros?

A “rudeza esplendorosa” da Amazônia (Marques Júnior, R. de S. Paulo — 1935), gerou enamorados santos. Não será um dêsses, êsse fascinante Gaston Figuera,

quando brada: — “Oh Amazonas, hásme tu poeta!” (Mi deslumbramiento en el Amazonas”).

Ou êsse outro suave e brilhante Carlos de Paula Barros, criador de “Muyrakitans” e “Calendário”, eternamente debruçado sôbre os encantos de sua terra natal, a exaltar-lhe as belezas e a escutar os batimentos surdos e rudes do seu desventurado mas generoso coração?

Para Andrade Murici (“Festa” — Rio, 1935), fecundo crítico patricio, é êle um “mundo terrível e formidável fastígio da hidrografia planetária”. J. Pereira da Silva, nos fala das “florestas profundas e bárbaras, a fauna exquisita e trágica, os rios coleantes e fabulosos, os silêncios siderais da Amazônia, abrindo as portas à inspiração...”

Tasso da Silveira (“A Nação” — Rio, 1935), paradigmário espírito entre os escóis espirituais do Brasil, refere-se “àquele mundo ebuliente e bárbaro, onde Deus como que ainda faz experiências genesíacas...”

Benjamin Lima (“R. Marítima” — Rio, 1935), mago da expressão verbal, encara o vale pelas “curvas alucinantemente caprichosas do formidável labirinto líquido...”

Diana Vilmar (“Gazeta de Notícias” — Rio, 1935), sutil e formosa mentalidade feminina, escreve-nos algo sôbre a “vastidão panorâmica desta, para nós cidadãos, quasi mitológica selva amazônica”.

Elói Pontes, a vê “ainda como uma fonte maravilhosa de pitoresco” (“O Globo — Rio, 1935), e Felipe Neri (“O Imparcial” — Baía, 1935), sente, em tôda a sua extensão, o fascínio do seu “impressionismo cinematográfico...”

Anísio Jobim ("O Jornal", Manaus, 1936), descreve-nos o seu "povo simples, sezonado, as suas intempéries e a claridade fascinante das manhãs..."

Raul de Azevedo (Crônica para "O Jornal", Manaus, 1936), na candura do seu estilo ágil, elegante e simples, exalta-lhe a fisionomia que "empolga, domina, assombra, o homem sempre infinitamente pequeno".

Huascar de Figueiredo, talento fertilíssimo de escritor e de artista, num trabalho longo e coruscante de reabilitação da gleba injustiçada, combate aqueles que "lhe malsinaram tôdas as belezas, recusando-lhe a reprodução dos traços fortes e das reticências de luz, que lhe são característicos incontestáveis e perfeitos..." ("O Jornal", Manaus, 1936).

Essas "extensas áreas de terras baixas da depressão amazônica, formadas por depósitos da época quaternária e talvez das últimas épocas terciárias, elevam-se a apenas alguns metros acima do nível do rio e estão em grande parte sujeitos a inundação..." (Wappaeus — "A Terra e o Homem", pag. 57, alíneas 14 a 19).

Esta observação de Wappaeus, anula, de muito, o lirismo daqueles que, só pela carapaça, examinaram as causas e os fenômenos amazônicos.

A água solapadora desagrega, dilue, rebenta, erosa, vulnera, derruba, na faina milenária de construção de um todo amorfo, acarretando daí os incertos e sinistros painéis, que, de certo modo, se escancaram aos olhos do analista frio.

Há razão entre os poetas, os apaixonados, os sentimentais?

Há, sim. As belezas existem, porque a beleza é um co-seno da feiura, como esta o é daquela.

Não fôra isso e a perfeição já se havia monotoni-
zado no hábito do homem conquistador.

As quedas lânguidas da luz, os golpes imprevistos dos panoramas, as colorações multivárias e ocultas na sombra, reúnem-se num só concerto, para o supremo êxtase.

Será só isso a Amazônia?

A imensidão da selva, se conta pela largura e pela profundidade. "Tudo era brenha e tudo era dado admitir para além do que não se via..." (Ferreira de Castro — "A Selva", pag. 80, alíneas 9 e 10).

E é ainda o enorme escritor português que, ante a voracidade botânica das ramadas, enxerga "sempre a mataria, a mataria e a água, em amplitudes de pasmar a quem não concebesse que nos oceanos pudessem também crescer bosques mitológicos..." (Idem, alíneas 15 a 18).

E' o conclave dos vegetais "que não se atraíam nunca..."

"Desde el dorso de la corriente columbrabanse las madjenes paralelas, de sombría vegetacion y de plagas hostiles."

Eustásio Rivera, colombiano, encarou assim a medusa insone e fantasmal, embaladora de lendas e de cadáveres...

Paul Adam, francês, espantado ante a audácia do autóctone desbravador, refere-se às calamidades patológicas, ceifadoras de vidas: "ora, a febre matava sete sobre dez dos seus membros, nas alfombras vegetais da Madeira-Mamoré. Isso distingue bem o caráter heróico da juventude brasileira". ("Les visages du Brésil" — pag. 140, alíneas 6 a 8).

E é ainda êle que nos aponta os "longs, couteux et difficiles voyages, au départ, dans ces "igarapés" pierreux, coupés de cascades proches, embarrassés de grosses branches et des troncs enormes, anciennes victimes des ourangs, peuples de caimans gigantesques et parfois feroces" (Idem, pg. 248, alíneas 21 e 26).

Paul Adam, armado da intuição latina apreendeu um trecho de paisagem, interpretando-lhe as arestas de atrocidade e o realismo cru, sem se estarrecer ante a "mise-en-scène" que precede a êsse horror indesviável.

Com êle, Paul Marcoy ("Voyage du Pacifique à l'Atlantique", "Tour de Monde", 1867, II, pg. 120 — in Agassiz, op. cit.), comenta: — "em lugar das profundezas sombrias onde se confunde em ver e largas extensões que se percorrem em pensamento, um inextricável conjunto de fôlhas e de ramagens, ferozmente armadas de dardos, espinhos, grifos, obstruirá sua marcha, a cada passo".

Debruçada sôbre a água que é o "movimento eterno sob a ação solar", como a batizou Jorge Hurley ("A Amazônia Cicolópica", pag. 35, alíneas 21 e 22), êsse renque de palmas e de espinhos adquire duas faces, uma e outra trabalhadas por mãos de artífices diversos.

Cornélio Hispano, o biógrafo primoroso do "Diário de Bucaramanga" e o poeta elegíaco do "El Jardin de Hesperides", no seu "De Paris al Amazonas" (pág. 311, alíneas 3 a 6), reporta-se ao "desaliento, la desconfianza, la miseria, el vomito negro, el paludismo incurable, son los fantasmas que rondam ahora en torno de ese caserio de incremento precário e artificial".

Enquanto isso, Agassiz revolta-se contra a "campanha de difamação" que, dêsse clima incrível, fazem os

brasileiros do sul, aos adventícios itinerantes. Acha-o um belo, um maravilhoso clima, como também o julgou Euclides, depois de sua penitência espetacular e tardia.

Sant'Ana Neri, diante do vale do Madeira, olha-o como o mais belo, talvez, dos afluentes do Amazonas... Ferreira de Castro, subindo o mesmo rio, sopita o seu desalento, lança as vistas fatigadas para a imensidade hídrica, e murmura a sua pergunta, escoada numa resposta arrepiante: — "Rio Caiari? Não. Rio da Morte... Rio da Madeira... (Op. cit., alíneas 3 e 4).

Entre Agassiz e Sant'Ana Neri, deslumbrados, Araujo Lima, sereno, elevado, sincero, brilhante, analisa: — "A terra é farta, mas difficilmente penetrável, quasi fechada ao homem; opulenta, mas bárbara; ubérrima, mas não dadivosa. E' riquíssima, mas avara". (Amazônia — "A Terra e o Homem", pags. 85 e 86).

Francisco Galvão, no seu "Terra de Ninguém", corroborando as assertivas do eminente pensador amazônida, dá-nos um quadro frisante dessa impenetrabilidade selvática: — "Iamos rasgando a roupa grossa de azulão nas tiriricas, enquanto os cipós malvados se enlaçavam na gente, dando trabalho."

A impressão do jarrête, da prisão, da asfixia, é permanente.

Há uma coesão perpétua naqueles braços finos, esguios, esverdeados, de cipós. E essa coesão não se acha, antes aumenta, cresce, multiplica-se, à medida que o homem, temeroso, abandona as picadas, os varadouros, os trilhos de antas.

Natureza essa, bárbara, no "sentido clássico de estranha", torcicolante, a colubrear dos rizomas aos caules, num desvairo sinuoso e tissular de talafitas.

Natureza própria para se ver de longe, nas páginas torturadas dos exploradores, ou na superfície tricrômica dos cartões postais.

Afinal, Euclides da Cunha e Huascar de Figueiredo deram-se as mãos, na análise meticulosa e sóbria da Amazônia, sob a sua feição tremendamente cálida de deserto.

O refrão do século XVIII, repetido por Tavares Bastos em 1866, e repisado por Euclides, nos "Contrastes e Confrontos" (pág. 207, alíneas 12 a 16), veio a calhar no estudo, sucinto porém fecundo e luminoso, de Huascar.

"O Amazonas é uma esperança; deixando as vizinhanças do Pará, penetra-se no deserto..."

Sente-se isso, na exaltação dionisiaca de Hermes Fontes ("Despertar", pág. 65, alíneas 14 e 15), fazendo brotar, da alma dilacerada pelo sofrimento, um caudal de névoas e de estrêlas, cobrindo êsse deserto, como um sudário incendiado de augúrios e amordaçado de silêncios:

"Sou o indómito filho da Floresta
Gênio revel das águas brasileiras..."

Mas que deserto? De homens? Não, de almas...

* * *

E lá vêm, à nossa frente, numa velocidade estranha e adversa, os trilhos de aço! Caminham traçando no seu curso metálico, um poema em louvor do chefe moço, levantador de energias baqueadas, varador de selvas e de inércias, campeão da hora dinâmica que passa!

Assim se descobre o Brasil. Dêsse jeito se ergue, em benefício dos que virão, o monumento em honra dos que ficaram!

Aonde? À margem das estradas poentas, à beira das picadas que ainda sangram, ao longo dos varadouros impérvios, comidos do mato voraz e incessante, atunelados na sombra bronca e fôfa das clareiras!

De um lado e do outro: mataria verde, emaranhada em intrigas florais, mais tortuosa e hostil que o passado dos aventureiros que a desbravaram, corajosamente...

O objetivo, trespassado na lâmina implacável das comparações, anula os laudatários inexperientes: a selva amazônica, como o homem amazônico puro, é um atestado de rechaçamento físico. Não cresce, não se ergue em ameaças ao céu, não tumultua em frondes altaneiras, na uniformidade das suas congêneres, rebentadas nos terrenos desniveladôs.

Costuma-se dizer que, na Amazônia, uma plaina sideral, gigantesca e invisível, realiza, pela decapitação das famas, o achatamento igual de todos os valores humanos. Inútil pretender sobressair-se aos semelhantes: o marceneiro cósmico devasta as altitudes mentais, identifica, pelo sofrimento, os seres que pensam e os seres que gozam. Isso no prisma intelectual como no físico.

A botânica não foge ao imperativo eterno: — os troncos, na impossibilidade de se elevarem em atletismos vegetais coletivos, contorcem-se, disformizam-se, entortam-se, abraçam-se, solidarizam-se, no mesmo sentido gregário dos rebanhos.

Aquí e alí, um homem superior no chavascal monótono das sociedades; aquí e além um monstro botâ-

nico, no anonimato raquítico da selva, achatada, metastásica e fatigante.

O mais: — comunhão de nanismos inexpressivos que vulneram pela impermeabilidade, que obstruem pelos laços intrincados dos cipoais.

Batida do alto, bêbeda de luz, por um sol fixamente implacável, cercada de todos os lados por um clima absurdamente úmido e solapador, a planície ganha em superfície, o que perde em altura.

Desborda-se, com a sua multidão meã, pela orla dos igapós, pela fímbria dos igarapés, ao reflexo sereníssimo dos lagos, cobrindo, com a sua sombra vacilante e tímida, o terreno que o sol empolgou de seiva, que a água beijou com os lábios frios da umidade fecundante. Nos territórios contrastantes, onde os socalcos ponteiam, à tarde, silhuetando o busto forte e brônzeo dos vaqueiros ou onde os grotões, estuantes de neblina, tentam fechar, em sarcófagos álgidos, os troncos esguios e resistentes das perobeiras, a selva abandona a postura humilde, ergue-se em protestos frondosos, sobe, até alturas incríveis, para buscar, ao nível dos beijos ásperos das pedreiras ciclópicas, a luz, o ar, o espaço, para os seus bracejamentos de gigante.

Os pinheirais se aglomeram em clans majestosos, matando, com a sua sombra caída do alto, as gramíneas ridículas, os cipós traiçoeiros, os parasitos trêfegos ou perigosos, próprios da rasteirice vegetal.

O apuíseiro é um índice do fatalismo inexorável, que preside ao destino das altitudes na planície equatorial. Asfixia os caules que se lançam para cima, na conquista de um império de frondes e de belezas.

Há, entre os homens da gleba, fenômenos idênticos. A lei não tem duas faces. As criaturas, vegetais e hu-

manas, suportam, no crivo selecionador do vale, a mesma sina trágica de aniquilamento.

Dai ser, a selva amazônica, uma selva de cócoras.

O lenhador do sul, defrontando os hérules que se perdem no espaço, sente que luta com indivíduos botânicos, cada qual erguido em monumento, desafiando a sua força e o seu cansaço.

O mateiro amazônico, ante a hostilidade fechada da floresta, encarquilhada e solidária, sente que luta contra um exército de duendes, contra um ser terrível e amorfo, armado de milhões de tentáculos, frágeis individualmente, perigosos e hostis na violência de sua capacidade reprodutora, na coesão dos seus dedritos impossíveis...

Foi contra essa manada de gnomos unidos e solertes que lutaram os homens de tôdas as raças e de tôdas as côres, que sonharam as serpentes metálicas dêstes trilhos!

E' contra a voracidade dêste ninho confuso de víboras vegetais que lutam, com Aluizio Ferreira, os atuais dominadores dêste pedaço do Brasil.

Seguem, na sua sequência implacável, os trilhos de aço!...

Fulgem, aos revérberos do sol, como longos floretes enterrados no peito bronco e largo da floresta.

Não são trilhos de ouro. A imaginação adventícia errou nos seus delírios estatísticos...

Mas, à carícia desta luz fremente, despejada do céu como de aljavas fulvas, êstes trilhos parecem, fulgindo na tremulina do mormaço, ofídios coruscantes...

São trilhos de prata...

A distância de uma frechada, ao lado direito da via férrea, despeja-se o Madeira.

O rio estigmatizado por Ferreira de Castro, o Cairí lendário e pitoresco, no trampolim de suas inúmeras cachoeiras, avança adentro o território amazonense.

Torcido como um fumo de corda, espicaçado pelos gumes emersos dos rochedos, a sua fauna ictiológica é uma das mais ricas e férteis do vale inteiro.

A quem encare o Brasil pelo prisma unilateral das patriotadas ôcas e declamatórias, surge, de pronto, no aranhol dos seus caudais possantes, o São Francisco como o rio eminentemente brasileiro.

Os versos afirmam-no em tiradas incandescentes; as crônicas elevam-no em elogios esmagadores; os escritores exaltam-no em lirismos nacionalistas; os polígrafos gravam-no como a única verdadeira corrente fluvial, legitimamente brasileira.

Eu admiro o grande rio nordestino. Venho, mesmo, de raízes ancestrais que se abeberaram às margens daquele curso d'água, quando, pelo nordeste, o clavinote ditava leis e o comércio era uma audácia arrepiante.

O meu primeiro contacto com o São Francisco foi uma decepção.

Subindo para o Norte na comitiva do presidente Getúlio Vargas, alcancei as suas margens, à noite, depois de fatigante viagem num trem especial da linha Baía-Sergipe.

Achei-o raquítico, sem funduras, sem dimensões alarmantes, sem larguezas panorâmicas, habituado que estava aos imprevistos e aos horizontes escampos da terra hidrográfica da Amazônia.

Por sua história, no entanto, por suas tradições que são heróicas, por seu passado que é rutilante, por suas

possibilidades que são ponderáveis, amei-o e deliciei-me com as harmonias vocais dos seus violeiros, com os lances de bravura dos seus peões ribeirinhos, com a grandeza espiritual dos seus homens e a resistência moral de suas mulheres.

E' preciso, todavia, que termine, de vez, êsse refrão de "rio brasileiro".

O São Francisco possui os seus cêrca de 2.900 quilômetros de extensão, desde a Mata da Corda, no maço Mineiro, onde nasce, até à sua garganta final no Atlântico tropical.

O Madeira é um tributário do Amazonas. Nascido de um abraço do Beni e do Mamoré, êle, com os seus alentados 3.240 quilômetros de curso, está, por inteiro, dentro do território nacional.

O nascimento não interessa. O filho de dois estrangeiros, nascido no Brasil, servindo ao Brasil, pulando pelo Brasil, com todo o amor que merece a nossa Pátria, é tão brasileiro como qualquer paulista de "quatrocentos anos".

O S. Francisco veio de um ôlho d'água glebário, nas serranias montanhosas.

O Madeira veio do beijo fraterno de dois gigantes líquidos.

E' todo nosso, muito mais extenso que o outro, muito mais largo, mas imponente, mais rico, mais promissor, e, sobretudo, totalmente esquecido pelos sentimentais do patriotismo, voltados para as ribanceiras do nordeste.

Acabemos, pois, de uma vez, com essa lenda de "rio brasileiro", em tórno do S. Francisco. Se há "rio brasileiro" poderoso pela fôrça de suas águas, pela can-

dura dos seus horizontes, pelo volume do seu corpo flúido, êsse é o rio Madeira.

Não há regionalismos nessa afirmação.

Sou, por imperativos ontogênicos, paulista e nordestino.

Por dever de patriota, sou brasileiro.

Daí a reparação de uma injustiça poemática, que se perpetua a despeito da realidade eloquentíssima da potamografia nacional.

* * *

Ninguém desconhece, nos rudimentos de uma cultura gológica, a existência de um provável Mar Interior, que, em períodos longínquos, enchia, como um reservatório prodigioso, o coração da América do Sul.

A própria fisionomia da bacia amazônica, plurifendida de calhas por onde descem os tributários, revela a presença de um possível cataclisma, depressor das terras aluviônicas e desenhador, nas nervuras dos seus caprichos, dêsse sistema fluvial de inconcebíveis proporções.

Desarticuladas as diversas camadas telúricas, numa como ciclópica desvertebralização, não coube ajustar, de novo, as peças desconstruídas, para a inteireza do conspecto geográfico. Os abismos cavaram-se, os precipícios abriram-se, os báratros escancararam-se, os condutos surgiram, para o carreamento da formidável massa d'água, contida no Mare Nostrum intra-continental.

Sant'Ana Neri esclarece: — "E' provável que haja sido o Madeira, uma das vias por onde escorreu o Mediterrâneo sul-americano, fustigado por um cataclismo desenhador dos altos relevos do continente."

O Caiari surgiu, pois, dêsse transbordamento forçado, devido aos processos de sobrelevamento das camadas telúricas, quer para oeste, no eriçamento andino, quer para o sul, no arquear dos platós matogrossenses e bolivianos.

A bacia amazônica, era, mesmo, muito menor, mais circunscrita do que se apresenta agora.

A bacia platina, esbarrondada para o norte, sem as eminências do Parecís e dos sistemas orográficos medianos, posteriores àquele cataclismo, chegava até muito além dos seus atuais limites, seduzindo dest'arte, pelo volume do seu todo, as artérias fluviais que lhe rendiam vassalagem.

No "Presidential Address to the geographical Section of the British Association" (Bristol, September, 1898 — in the "Geographic Journal", vol. XII, n.º 4, October, 1898, pag. 136 e seguintes), citado por Sant'Ana Neri, lê-se e compreende-se como se estabeleceu a hipótese dêsse elastério da bacia platina e consequente retração do sistema amazônico: "Recentemente, o coronel George Earl Church, cujo nome permanece ligado à primeira tentativa séria para a construção da via férrea Madeira-Mamoré, sustentou, com uma abundância extraordinária de observações e de fatos, uma tese nova. Êle pretende que, em um período geológico não muito longínquo, a bacia do Prata ocupara uma superfície muito mais considerável que a de nossos dias e que, quasi todos os rios, que hoje se unem para formar o Madeira, corriam para um mar pampeano e fertilizavam as terras onde se encontra a República Argentina."

A teia hídrica do Madeira, onde ponteiam em primeira plana o Mamoré, o Beni, o Guaporé e o Madre de Dios, extravasavam o seu conteúdo, por essas altu-

ras histórias, para o corpo respeitável da bacia do Prata.

A convulsão geológica veio, pois, para o enriquecimento do nosso patrimônio fluvial.

O vale amazônico dilatou-se colhendo, para a sua corda hídrica principal, o contingente dêsses tributários, robustos na estrutura física como felizes no poderoso manancial mineralógico que apresentam.

E', varando as distâncias dormidas ao longo dessas serpentes fluviais, que marcha a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Já sabemos dos ignorados sacrifícios para a estabilização dêstes trilhos históricos.

Ainda hoje, os trabalhadores das linhas, aos quando tombam em plena labuta diuturna, fulminados por uma frechada certa dos selvícolas.

Famílias inteiras têm sido trucidadas pela sanha ainda semiselvagens dêsses índios dificilmente civilizáveis.

Diz, e com sobras de razão, Otávio Tavares ("Do Amazonas à Guanabara", pag. 32, alíneas 7 a 12), observando o sentido estratégico que presidiu à construção desta Estrada: — "A linha férrea, entre Presidente Marques e Mutum-Paraná, apresenta uma singularidade bem rara: uma reta rigorosa de quasi 48 quilômetros. Dir-se-ia que o traçado evitou as sinuosidades para fugir à zona dos índios caripunas, no interior do noroeste matogrossense."

Os carapunas, são, ainda hoje, uma ameaça constante aos conservadores da via férrea.

Ao atingir o quilômetro 270, o viajante arrepiase, alerta.

Por ali começa o terror do deserto. De uma aberta de mata, de um ôlho de clareira, de um ângulo de tron-

co, de uma volta de picada, o pulso forte de um índio pode impulsionar a morte, no vértice envenenado de uma frecha.

Até o quilômetro 315, vive-se num ambiente lendário: as histórias sinistras expluem dos lábios acostumados dos ferroviários.

Aquí uma cruz, ali um cruzeiro, acolá um pequeno cemitério, além uma palhoça destrocada, tudo obra do índio solerte, reivindicador de suas legítimas rechãs, ora da tribu dos Caripunas, ora da dos Pacaás-Novos, resistindo ao esmagamento progressivo da civilização.

Sente-se, a cada passo, a obra construtora dos antigos contingentes transformados, hoje, na Companhia de Fronteiras de Pôrto-Velho.

Ao lado dessa Companhia, vibram, em irradiações de energia propulsora, a Estrada de Ferro e a Secção de Linhas Telegráficas.

A tudo isso preside o espírito singular dêsse grande patriota que é o capitão Aluizio Pinheiro Ferreira.

O fator de progresso dessas empresas de trabalho permanente é incontestável.

Não se busca a fachada espetacular que o cabotismo ostenta nos centros de dinamismo litorâneo.

O trabalho, aquí, é silencioso mas firme, obscuro mas eloquente, ignorado pelos indiferentes mas presente aos olhos dos vigias do nosso patrimônio territorial, sem propagandas luminosas, mas eficiente e prático, modesto mas utilíssimo, quasi desprotegido mas dadivoso para a Nação, enfim, longínquo, rude e sóbrio mas operante, infatigável, enobrecedor.

Em cada estação, que representa o núcleo de uma futura cidade, em cada marco quilométrico, em cada venda moderna, em cada palmo de rodovia, em cada

trecho de linha telegráfica, em cada pedaço de terra amanhada em cultivo sistemático, em cada ponte lançada sôbre um abismo, em cada pedreira que a dinamite dilacerou civilizando, aí estão os nomes, a obra, a vida de dois grandes patrícios: — Rondon e Aluizio Ferreira.

* * *

Pacaás-Novos e Caripunas: Incolas rechassados pelo assobio da locomotiva.

A grande obra de engenharia termina em Guajará-Mirim.

Lá, no "Triângulo", estive eu sôbre as pontas dos trilhos.

Por todo o trajeto, a comitiva do general Taborda recebia homenagens das populações nucleadas ao longo das linhas.

O Hino Nacional, cantado ao sol canicular, com uma lentidão pasmosa e cruel. Discursos perdidos, aqui e acolá, como libras num palheiro. Palestras dentro do trem, entre os oficiais viajantes e o engenheiro-chefe da Estrada, Dr. Benjamin Rondon.

Assunto: — o Brasil. Motivo: — uma nota do "Alto Madeira", reproduzindo um telegrama de Cuiabá, que se referia à Companhia Matogrossense de Petróleo.

Ações integralizadas. Capital conseguido. Comêço do fim: — sondagens...

Eu ia acamado, com um inchaço na perna, fruto de uma auto-intoxicação alimentar.

Quem sabe se o almôço do Acre? Carregadinho!

Tive que levantar do leito improvisado, numa das estações intermediárias.

Vila Murтинho, se me não engano. A curiosidade me veio de uma informação entusiástica do capitão Waldemar Soares de Lima, confirmada, entre sinais de contentamento raro, pelo tenente Xavier.

Olhei pela janela da composição. Tratava-se, nada mais, nada menos, que de... mulher.

Até ali, o demônio perseguidor de São Pacômio enchia a brenha com o prestígio do seu magnetismo pessoal.

Efetivamente, na plataforma da estação, uma criatura, filha de um grego com uma peruana-iutoto, contemplava a cerimônia cívica em honra da comitiva.

Dir-se-ia uma imagem fugida de uma tela de Muriilo, com trânsito prévio pela Holywood.

Maravilhosa carnação, sobrando num trecho de Brasil onde o bife de boi é baratinho e o bife humano custa os "olhos da cara..."

E era pelos "olhos da cara" que nós devorávamos aquela aparição sensacional, esquiva como uma declaração de amor matuto, adorável como um "cock-tail" de Malaga negro...

Quando o trem avistou as primeiras casas de Guajará-Mirim, o capitão Américo Figueira da Silva ainda estava pálido, trêmulo, emocionado como se tivesse sido promovido, subitamente, a coronel...

O engenheiro Rondon piscava, naquele seu jeito especial de ficar calado, com um evereste de simpatias no peito largo de atleta.

O tenente Lisboa, o "convocado velho", caçava hematófagos na selva cabeluda do peitarrão amplo, sorrindo até para os marcos de quilometragem...

O capitão Aluizio não falava. Olhava para o general, passava a mão na cabeleira desprevenida, virava o branco dos olhos para o céu e “quedava silencioso...”

Eu molhei a alma de uma ternura estranha: — aquela mulher deveria ser um misto de uva siracusana e “chicha” do Beni, doce, suave, sutilmente feroz, triunfalmente linda, na esplendidez desértica do seu corpo nu.

Guajará-Mirim ficou mais bela, mais pura, mais cândida aos meus olhos saudosos da gringa-grega.

E, à chegada, movimentada a estação, sobressaltei-me com um chamado de Aluizio Ferreira. Arrastando-me chego à portinhola do último carrô.

Tratava-se de responder em nome do general Taborde e de sua comitiva, ao discurso de recepção, feita pelo professor Tales de Paula e Souza, um dos mais esforçados e dignos espíritos daquela cidade mato-grossense.

Imprensei-me, então, entre duas catástrofes: — o mel que me descia da lembrança, recordando a gregazinha de Vila Murinho, e o fel que me subia da perna, inflamada e dolorida.

Falei, pois, mais pelo amor que voto ao grande povo madeirense, do que pela naturalidade, mutilada, de minha expressão oratória.

Ao punhado de sinceros patriotas que nos saudou em torrentes de generoso carinho, respondemos com a afirmação do nosso encantamento, ante a paisagem espiritual e cívica que se observa, inesperadamente, naquela longínqua e promissora região do Brasil.

Dia luminoso êsse, que se incendiava ainda mais, nas piras sagradas do patriotismo, da fé, da bravura moral, da festa interior que só os puros entendem e amam...

N Ú M E R O 4

Começa, em Guajará-Mirim, a segunda etapa da jornada de inspeção.

A viagem assumia, daí em diante, um aspecto novo e interessante.

O veículo era outro. Havíamos passado da carlinga de um avião para o bojo de uma locomotiva.

Viajaríamos, agora, no convés de uma lancha, a "Horta Barbosa", que realiza, com outras de menor porte, a ligação entre Guajará-Mirim e Vila-Bela de Mato-Grosso, no Alto-Guaporé.

E' a capitânea da flotilha mercante da Empresa de Navegação Mamoré-Guaporé, cujo concessionário é o coronel Paulo Saldanha.

Seríamos, pois, tripulantes de uma lancha, subindo aqueles cursos d'água, ao sabor dos arrecifes e troncos submersos, entregues aos cuidados da pilotagem que obedece às ordens do seu chefe caboclo.

Este é um cearense da têmpera dos antigos desbravadores da hinterlândia. Espírito eternamente jovem, de estatura elevada como um S. Cristóvão sertanejo e de coração igual ao daquele santarrão lendário, cuja coragem e desprendimento se revelam na luta em defesa dos fracos e dos oprimidos.

Paulo Saldanha é um símbolo naquelas rechãs alontanadas da Amazônia. Figura talhada no mármore puro do cavalheirismo, viajado inúmeras vezes pelos centros requintados do Brasil, o seu caráter apruma-se no viso das dedicações incondicionais e resiste, sem derreter, às altas temperaturas da honestidade medular.

E' um lidador estrênuo pelo progresso da zona ao seu cargo.

Incansável, forrado de uma capacidade de espantosa resistência, é êle o fulcro que sustenta o pêso da responsabilidade no equilíbrio permanente que exerce na navegação do Guaporé.

Investindo, continuamente, em suas viagens semanais, contra os óbices, sempre nascentes e imprevisos, de uma navegação por vezes perigosa e esfalfante, opera, êle, no seu mister, uma encomiástica obra de patriotismo.

Não são esporádicos êsses obstáculos. A cada passo surgem êles, com a subitaneidade das surpresas, colhendo o prático desavisado nas malhas, quanta vez irremediáveis, da catástrofe.

Sobretudo, exaltam a navegação do Mamoré-Guaporé, dois fatores primordiais de ação, ambos revelados ao mais leve exame, no desenrolar do seu contínuo dinamismo.

São êles: primeiro, o indissolúvel prosseguimento do trabalho da Estrada de Ferro até às cabeceiras dos rios divisores; segundo, a transfusão de brasilidade que opera, levando, aos confins daquelas zonas, a palavra civilizada da metrópole, vinda pelo ar e chegada através dos rumores da via férrea.

Com a base em Guajará-Mirim, populosa e florescente cidadela de Mato-Grosso, armada dos mais mo-

dermos processos de civilização, com um largo e promissor comércio, uma sociedade culta e ajardinada de belos espécimes femininos, um ambiente saudável e delicado, mantém a Empresa de Navegação as suas oficinas, os seus estaleiros, os seus mecanismos de reforma e adaptação das embarcações, em pleno Guaporé, no Fortim Conceição, de propriedade do coronel Saldanha.

Constitue-se, destarte, Guajará-Mirim, o ponto terminal e inicial de duas grandes correntes de progresso e de nacionalismo: o derradeiro trilho da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, o primeiro pôrto da Empresa de Navegação Mamoré-Guaporé.

Dir-se-ia que, na placidez dessa cidade provinciana, se efetua a anastomose de duas fôrças admiráveis, criadoras de vida e de esperanças nas longínquas fronteiras noroeste da Pátria: o extraordinário potencial dinâmico de Aluizio Ferreira, no conjunto harmônico e fecundo de sua via férrea, continua-se pelo rio acima, bordejando cachoeiras e transpondo saltos, enfiando pelos estirões e contornando arrecifes, na energia infatigável de Paulo Saldanha.

* * *

Apetrechada a lancha para a viagem, agregadas à mesma oito embarcações menores, montado o pôsto de rádio-telegrafia, aprestados os rifles, os fuzís, os revólveres, os cunhetes de munição, as rêdes e os mosquiteiros, os filtros, as máquinas fotográficas, livros, camas de campanha, cobertores resistentes à umidade, bugingangas, quinquilharias, minúcias curiosas para os índios, eis-nos prontos para seguir.

Despedidas. Adeuses. Promessas de rápido retorno.
Últimas resoluções.

Desatraca!

No barranco ficou, doido por acompanhar-nos, o engenheiro Benjamin Rondon.

* * *

Após os arranjos necessários, em que cada qual procurou alojar-se da melhor forma, dividiu-se a comitiva pelos batelões.

No da frente: o general Taborda, o capitão Aluizio, o capitão Américo, ajudante de ordens do general, o Dr. Castanheira, Juiz de Direito de Pôrto-Velho, o coronel Saldanha, comandante geral da lancha, e eu.

Os outros oficiais, distribuídos por outros batelões, alcunharam, logo, o nosso, de "primeira classe".

Um pouquinho de "dor de cotovêlo", com 99% de bom humor e de camaradagem...

Teríamos de alcançar a foz do Guaporé, à noite, apressando assim a viagem, em face de recentes despachos telegráficos captados pelo nosso receptor e dirigidos ao comandante da 8.^a Região Militar.

Urgia, pois, voltar o mais breve possível, amputando até, de certo modo, o já traçado programa de inspeção militar.

A "Horta Barbosa" tem ótimos pulmões e não piores cascos.

Estávamos tranquilos. O tempo, entretanto, encarregou-se de obstruir-nos o roteiro.

Noite fechada em "cumulus" ameaçadores, fuzilaria celeste impenitente, rio de perigosa travessia, tudo

concorreu para que a prudência do coronel Saldanha detivesse a marcha da lancha, retardando a viagem.

Eis porque, ao dia seguinte, completamente molhados pelo chuvaral diluviano, acordámos sem ter atingido ainda a bôca do Guaporé.

A vida a bordo avançava serena, entre reticências de tédio e exclamações de espanto, ante as maravilhas cinegéticas dos nossos atiradores...

O Dr. Castanheira bombardeava o general com as abundâncias do seu cavalheirismo, arrancando-o, por vezes, do seu mutismo todo natural que significa meditação e energia calma.

Avultaram, então, as "conversas pra boi dormir..."

Histórias cabeludas e tétricas, que nem H. G. Wells ou Hoffmann engendrariam, alertavam os nossos sentidos fatigados.

Aluizio Ferreira, de pijama, ria no seu sorriso "sui-generis" de quem, no lugar do coração, tem uma caldeira.

O capitão Américo, entusiasmado, de quando em quando, me puxava pelo braço, ora explicando o que significa, em geometria transcendente: "rebater uma época", ora narrando cenas comoventes e fantásticas, vividas por êle, nos Saltos do Iguassú.

O capitão Waldemar, "cavanhacudo" e linheiro, confiava o bigode prehistórico, desenhando, no ar, trechos da "guerre-en-dentelles", que foi a revolução paulista de 32, enquanto os tenentes Lisboa e Xavier, ouvindo-o, faziam figas com as mãos às costas...

Aquí e alí um berro: era o vozeirão do Paulo Saldanha, estimulando os tripulantes da "Horta", como se o seu grito desse mais fôrça aos braços dos marujos e mais velocidade ao hélice da lancha.

O major Oliveira, preferiu a Antropometria. Valendo-se de sua "gemada" na ombreira, seduziu o meu colega Sílvio de Almeida para os despenhadeiros da ciência de Viola e Quintiliano Saldaña.

Ficavam êles, horas e horas, diante de vários índios pacíficos e disciplinados que levávamos conosco, a medir-lhes os ângulos da cara e o tamanho do penis...

A "Horta" seguia o seu caminho...

Acompanhando os coleios do rio, em cada curva, em cada ponta de terra, em cada cotovêlo perdido no fim de um "estirão", o apito forte de bordo espantava os mergulhões ligeiros e os unicórnios majestáticos.

Havíamos deixado a zona dos índios Caripunás, a região dos Araras e dos Pacaás-Novos.

Movimentava-nos num meridiano contornador do maciço central de leste, onde predominavam, em vida errática e selvagem, os Massacás, os Toparís e os Nhambiquaras.

Breve, mais para a frente, chegaríamos às rechãs dos Macurapes e dos Morés.

Além, nas cabeceiras ignotas, onde fluem os olhos d'água dos divisores, encontraríamos os Arikemes e os últimos abencerragens dos Tupís lendários.

O território a percorrer era fértil de selvícolas, felizmente habituados ao contacto do branco.

E' de se recordar, diante dessas matas absconsas, a odisséia imortal dos legionários de Rondon.

A carta geográfica, que os pés dêsse soldado sincero e ilustre traçaram, se reflete, em ângulo reto sobre a história pátria, como um dos mais positivos, dos mais sérios, dos mais irrefragáveis documentos de nossa bravura e de nossa inteligência.

E' um monumento sem granito nem mármore. E' um monumento estendido em linha portentosa e formidável, sôbre o chão do Brasil, no mais enobrecedor dos atestados de resistência física, moral, cívica e militar.

Saiam dos acampamentos, penetrando na selva, os grupos pacificadores.

Por essa época, não muito remota, os índios, ainda agressivos e hostís, realizavam as suas guerrilhas constantes.

Desprovidos dos modernos recursos bélicos, preferiam a técnica de Cunctator: — assaltavam de chofre, contornando os obstáculos, senhores dos segredos da jungla, dividindo a atenção das expedições, mortificando pela vigilância permanente e exhaustiva, surdindo dos melões de parasitas, dos reposteiros de lianas, do desvão das tronqueiras, dos braços das galhadas, derrubando, no golpe certo da frechada, os desbravadores da hinterlândia.

Aquí um soldado, alí um engenheiro, acolá um comandante de grupo, além um mateiro, todos os dias um homem tombava, na luta perpétua contra o inimigo embuçado na selva.

A ordem de Rondon era terminante: — morressem sem atirar.

Para cada cadáver, nova investida pacífica. A cada frechada, um passo para a frente, com as mãos despidas de armas, refertas de oferendas.

Assim dominou êle a floresta do oeste setentrional, a floresta de todo o país.

Essas vidas que ficaram — heróis anônimos e eternos — no desconforto das veredas perdidas, representam pedras angulares no edifício enorme de patriotismo que o gigante caboclo, general das elites militares, cida-

dão das massas humildes e ignoradas, construiu em lustros de abnegado estoicismo.

A 3 de dezembro, pelas dezessete horas e um quarto, cruzámos com a lancha "Iugo-Slávia".

Vinha ela tripulada por soldados bolivianos, egresos do Chaco, no obscuro mister de carregadores.

As suas fardas pardacentas contrastavam, de longe, com o vermelho escuro das postas de carne bovina, penduradas em série, vindas das matanças dos currais benianos.

Os veteranos chaquenhos viajavam de fisionomias tristes e fechadas.

Longe da sangueira improficua dos pantanais do sul, a sua sorte não havia mudado muito.

Não combatiam mais as divisões de Estigarribia, não teriam mais de se perder nos alagadiços austrais, onde o cheiro de nafta provocava hecatombes e desfalcava de braços as férteis regiões do Madre de Dios.

O boliviano da fronteira, entretanto, o beniano propriamente dito, sofre sob um complexo de injusta inferioridade.

O seu patricio das montanhas, o cidadão dos altiplanos centrais, olha-o como um espécime degradado e impuro.

Na guerra, todavia, êle morreu com êles, esteve ao lado deles, torturado pelas mesmas atrocidades, às ordens de Peñaranda, defendendo a pátria e oferecendo a vida.

Agora, ei-los transformados em muares humanos para viver.

Do heroísmo passado, resta-lhes a farda desbotada e o caleidoscópico mágico das evocações.

Transportam gado, como dantes transportavam companheiros feridos.

Ao passarem por nós, olharam-nos longamente, pesadamente, sem um esgar, sem um aceno, imóveis e solenes como degredados ou múmias ambulantes...

Já no Guaporé, aproximávamo-nos do Pôsto Indígena "Príncipe da Beira".

A' atracação, veio a bordo, seguindo viagem conosco, o delegado do Pôsto.

O POSTO INDÍGENA

E' êle orientado por João Freire de Rivoredo, ex-inspetor das Linhas Telegráficas (Comissão Rondon) e segundo tenente da Reserva de primeira linha.

Magro, marcado de tracos profundos de sofrimento e sacrifícios, o delegado do Pôsto, entregou-se ao mister ingrátissimo de civilizar selvícolas, faz doze anos.

De Guajará-Mirim até o pôrto dêsse núcleo de pacificação distam 300 quilômetros.

Instalado, primeiramente, em 1924, no rio Pacaás-Novos, foi, depois, por ordem superior, transferido para o Guaporé, nas imediações do Forte do Príncipe, cujo nome adotou.

O seu aspecto é apazível. Reunido em casario de palha, ao jeito de um bivaque, obedece êste à disposição circular em tórno de uma praça, com mastro e pavilhão, onde habitam as famílias do gentio domesticado.

As instalações são feitas em caráter provisório, estando em via de acabamento, as casas definitivas, do tipo dos barracões, que serão transferidas para a sede estável do Pôsto.

A vida nesse conglomerado de habitações é, de certo modo, divertida.

A psicologia do índio se revela lentamente, fugindo às investigações apressadas e aos interrogatórios tendenciosos.

A desconfiança é uma coiraça protetora, que os defende das investidas da curiosidade itinerante.

O estado sanitário do Pôsto, apesar dos inúmeros precalços e do combate incessante contra as endemias, comuns naquelas alturas da Nação, se apresenta relativamente bom.

Moléstias costumeiras, a gripe, o paludismo e a pneumonia grassam com certa intensidade.

Com estas, apresentam-se de certo modo frequentes, a tuberculose e a escrofulose.

Dir-se-ia, mesmo, que o índio possui uma tendência pronunciada para a tuberculose.

A sua construtura física, robusta, contrasta com a extraordinária facilidade na aquisição das moléstias do aparelho respiratório.

Curioso e confortador é o fato de desconhecerem os índios a lepra e a sífilis.

Êsses dois terríveis fantasmas da nosologia brasileira, a bacilose de Hansen e a treponemose de Schaudin, terão sido elas trazidas pela civilização para o convívio intangido dos selvagens?

Cento e seis índios domesticados, inclusive quatorze Morés recém-catequizados, índios internacionais, trabalham e se civilizam naquele Pôsto, dirigidos por João de Rivoredo.

São Macurapes, Aruás, Jabotís, Toparís, Morés, Pacaás-Novos e Uarí-Uaiom.

Dêsses, os últimos e os primeiros, representam os espécimes mais bravios, tendo exercido, mesmo, até à

sua entrada no Pôsto, a exquisita profissão de comedores de homens.

Nesse conjunto organizado, vivem êles em ordem, como qualquer núcleo civilizado. Alimentam-se variadamente e com horário certo.

A disciplina é um dos seus característicos. Ao crepúsculo, improvisam tambores, formam em pelotões, tomam posição de sentido, e um dêles, assumindo o comando da tropa, dá vozes militares, rigorosamente obedecidas pelos outros.

São ordeiros, de uma extraordinária resistência para o trabalho, negando destarte, a já clássica afirmativa da ociosidade dos selvícolas.

E' lenda, e das mais grosseiras, a preguiça do índio.

O de que necessita êle é orientação e exemplos seguros, para a completa eficiência do seu trabalho.

Há um complexo de orgulho difícil de amputado, na psiquê do indígena.

Rivorêdo, compreendendo-lhes as tendências, dirige-os com a instrução moral e cívica e, sobretudo, com o carinho e a brandura, o que os leva a um estado de transcendente respeito.

Uma vez submetidos à violência, recolhem-se ao mutismo, à tristeza, à indolência proposital, reagindo, um dia, inopinadamente, pela fuga.

A vida entre os selvagens possui ângulos de intensa curiosidade.

Nas investigações que realizei a êsse respeito, atingi conclusões de incontestável interêsse.

No capítulo — matrimônio — possuem os selvagens qualquer coisa de aristocratas: as suas ligações se processam, por influência do "tuchaúa", desde crianças.

Reservam-se, um para o outro, aos albores da vida, como os coroados continuadores de dinastias.

Entre os índios Urupís, do Gi-Paraná, tribo de antropófagos, o defloramento é feito, entre cinco e sete anos, pelo "tuchaúa", com um ritual característico e "sui-generis", onde o dedão do "morubixaba" representa o papel principal.

Desde logo a menina une-se ao seu futuro espôso, realizando, com certa liberdade, os seus glabros idílios, em simulacros de amores furtivos e, com certeza, doces.

O sentimento de fidelidade entre os índios do Chapadão do Parecís, é quasi nulo. Não andam êles muito a par dos cânones evangélicos que proíbem a cobiça da mulher alheia.

Ama-se e a bom amar, nas malócas paliçadas do Guaporé.

Uma vez em face do adultério da espôsa, o índio que habita o "Pôsto Indígena Forte do Príncipe", não reage pela matança do sedutor ou por desforços físicos que, na maioria dos casos, equimosam o rosto de ambos os contendores e lhes furtam a elegância do traje e do aprumo social.

Correm para o Rivorêdo.

E' êle o juiz, o pai, o amigo, o conselheiro, o mediador, o testemunho sereno e imparcial.

Comparecem os ofendidos à sua presença e êle, com palavras suasórias, meios brandos de conciliação, sana tôdas as desinteligências, aplaina todos êsses "steeple-chases" conjugais, responsabilizando, quasi sempre ao velho e ingênuo "Juruparí", e tudo volta à terna normalidade primitiva.

Isso no Pôsto". Em plena selva, quem resolve as pendengas domésticas é o "tuchaúa", fatigado bode de ocara, nédio e concupiscente.

O trabalho é o divertículo por onde escorrem, anulando-se, tôdas as divergências tribárias.

Realizaram os incolas do "Pôsto", em roçado simétrico e bem acabado, com os seus 1.200 metros de frente por 700 de fundo, onde sobram, e em belos espécimes, cereais e legumes, para amplo abastecimento do núcleo indígena.

A obstetria indiática não possui compassos à Baudelocque, nem espéculos vaginais ou "forceps" recurvos. Não há sanatórios, nem escrúpulos higiênicos, nem injeções prévias de que se cercam as frágeis criaturas brancas...

O parteiro também, em muitas malocas, não existe.

A Natureza, a mãe carinhosa e onipresente, é a "curiosa" que assiste às "delivrances" na floresta...

Certa vez, dois índios Urupís, do Gi-Paraná, de dentadura limada em ângulo agudo para melhor saborear os bifes glúteos dos seus semelhantes, apareceram ao Rivorêdo, com uma criança envolvida em fôlhas de "sororoca", espécie de bananeira-anã, encontradiça na região.

Explicaram: — a mulher havia dado à luz, de côcoras, às margens do igarapé próximo da taba.

Lavaram o menino e o enrolaram nas fôlhas da "sororoca".

A mãe, após a saída da criança, amarrou o cordão umbelical com um trançado de embira e cortou-o, dilacerando-o com os dentes.

O resto do cordão ficou pendurado do sexo, oscilando, arrastando-se às vezes, até que, por movimentos

conjugados de trações hábeis, a placenta se destacou e foi lançada ao rio.

Operação, como se vê, simples, e, sobretudo, barata.

Após o parto, o marido enrolou a cabeça com um tecido fino de entrecasca de árvore e deitou-se na maqueira, gemendo aos quandos, como tôda a criatura delicada em pleno resguardo.

A companheira recém-descansada, não se apercebeu do fenômeno passado em si própria.

Safu para o mato, e, breve, voltou com um punhado de rãs e cogumelos, que o marido saboreou durante dez dias, tanto é o prazo do resguardo indígena.

Entre as artes e as indústrias rudimentares que cultivam, como sejam, na cerâmica, a confecção de panelas, chamadas "choa" e redes tecidas de algodão agreste aos quais chamam "chat", realizam êles verdadeiras cerimônias fúnebres, unidas de um respeito profundo e de um gôsto mais ou menos extravagante e, de certo modo, terapêutico.

E' assim que, entre os Morés, ao morrer um guerreiro, o deixam sôbre um girau, adrede preparado, a apodrecer, "escorrendo a matéria", tomado de um "tabú" severíssimo, até que só fique a ossatura branquejando ao sol.

Nesse instante, desarticulam-lhe o esqueleto, com cuidados reverentes, distribuem-lhe os fêmures, as costelas, as tíbias, os ilíacos, o crânio, pelos guerrilheiros mais hábeis, pulverizando-os ao pilão para, transformados em farinha, comerem-nos diluídos em "cauim" ou misturados à gordura densa de capivara ou a um quarto apetitoso de caetitú.

Não será isso, por acaso, um empírico mas eficiente processo de recalcificação?

Sem conhecerem o "Raul Leite" ou o "Bayer", já os nossos índios usam o cálcio, com respeitosa utilidade...

Difícil dizer porque resolvem fazer farinha dos ossos dos seus coetâneos.

Transformarão o próprio corpo em hipogeu daquele que se revelou grande entre os chefes, num atestado de veneração antropofágica, ou deglutem-no em pó para fortalecer o organismo, imitando-lhe os exemplos?

O Moré é um selvagem curioso. Gosta de vestir-se com cascas arboríferas, urdidas com tal arte, que se parecem, numa comparação otimista, as nossas camisas de crepe.

Possuem predileções por determinados alimentos.

Enquanto para os Macurapés, os Toparís, os Nhambiquaras, os Cautarios, os Pacaás-Novos, os Caripunás, os Araras, como para muita gente requintada de Manaus, o tracajá, a veneranda tartaruga e a pacatíssima anta constituem acepipes de rara delícia culinária, para os Morés são comidas repugnantes e indigestas, próprias de gentinha atôa...

Curiosos, os Morés...

Sobretudo porque, besuntados de copaíba e de terebentina, ótimo creme de beleza preservador dos mosquitos fatigantes, exalam um cheiro indefinível, que só as índias que os acompanham e o Rivorêdo que os dirige, suportam sem fungados nem lenços...

Do Pôsto, seguiram conosco, o tenente Rivorêdo e alguns selvícolas de vária procedência, vestidos na gandola de campanha.

Morenos tostados pela soalheira equatorial, de compleição robusta e biotipo idêntico, cabelos ásperos e der-

ramados em falripas sôbre a testa estreita, bôcas mais ou menos largas, lábios grossos e polpudos, olhar sereno e divagante, mutismo proposital com o branco, palradores entre si, desconfiados e inteligentes, viajavam pelos cantos dos batelões, ora investigando os porões onde arfavam as caldeiras, ora contemplando a paisagem que deslisava, nítida e lenta, pelos flancos da lancha.

Conversavam com o capitão Aluizio e o tenente Rivorêdo. O general arrancou-lhes algumas palavras, ditas a custo e bem medidas e pesadas.

No dia cinco de dezembro, alcançámos a praia da Lusitânia.

Estávamos, então, em pleno reinado dos Morés. Internacionais, êsses índios ocupam, concomitantemente, as duas margens do Guaporé, ou melhor, as duas fronteiras: boliviana e brasileira.

A Lusitânia é um dos respiradouros de suas tabas.

Essas disnõem-se em acampamentos, por vários lugares, comandados por um "capitão", enquanto a maloca central é dirigida pelo "tuchaúa".

A "Horta" vinha, aliás, de longe, a apitar pelas curvas e estirões, chamando os selvícolas.

Ao apontar dos lagedos que orlam a Lusitânia, duas silhuetas nuas, se moviam na praia. — Índios!

O grito partiu dos lábios de todos. Os binóculos funcionaram.

De mão em mão, sôfregamente, andaram êles pelos olhos curiosos de todos os militares da comitiva.

Sim, os primeiros autênticos, legítimos índios que nossos olhos viam, na liberdade animal dos instintos indomesticados...

— Índios!...

Ao longe, no areal pardacento e labiado, as duas figuras desnudas, bronzeadas, corriam e faziam gestos incompreensíveis...

Breve, outro grito do tenente Xavier: — “Mais índios! Ali naquela moita grande!”

De fato, do ventre da floresta surgiam cabeças, troncos, esgueirados entre os herveçais, espiando a lancha.

— Mais para a beira, coronel Saldanha!

Era o general que desejava aproximar-se para um reconhecimento e um “face-to-face” com o gentio.

O Dr. Castanheira não gostou muito: — Índios? Classe de gente de que eu não gosto!... E passava a mão pelo corpo enorme, apalpando as enxúndias, como se já sentisse os dentes agudos dos Morés trincando-lhe os filés indigestos...

A praia ficou cheia de selvagens.

Pulavam os curumís, corriam as mulheres, agitavam os braços os homens fortes e rudes...

Na distração do acontecido, os pilotos esqueceram-se do leme e trac! a embarcação montou num lagedo, com todo o pêso da carga e da marujada.

— Para a água!

O coronel Saldanha ficou branco: perder a “Horta” era, sôbre um prejuizo estimativo, uma lesão material supesavel.

— Para a água!

Vimos, então, falar a voz do sangue: — todos os índios soldados que levávamos, lembraram-se dos tempos livres quando caçavam antas e arpoavam tracajás e, despindo gandolas, atiraram-se ao rio.

Foi uma festa.

Aos gritos, às risadas, os nadadores hábeis puseram, breve, a lancha, flutuando.

Berros nágua, berros em terra, berros a bordo. E todo mundo se entendia...

Fenômeno simples de explicar, que os nossos parlamentos tornaram tão complexo e insolúvel...

Boiando a "Horta" e o seu comboio de batelões, voltou-se a atenção geral para os Morés.

Viriam êles a bordo? Não havia canoas em terra ou, se as havia, estavam ocultas no matagal ou mergulhadas no raso (astúcia de incolas).

Ter-se-ia de ir ao encontro deles. Aprestou-se um casco tripulado pelo general, capitão Aluizio, major Oliveira, capitães Valdemar e Américo, tenente Sílvio, Xavier e Lisboa, Dr. Castanheira e o Rivorêdo.

Achacado por um abcesso no maxilar, que me tomara metade do rosto, achei prudente não arrostar o tempo chuvoso na viagem de igarité.

Atendí mesmo, às sugestões profiláticas dos meus três assistentes odontológicos: — o general Taborda, Aluizio e Saldanha.

Fiquei a bordo.

Fui feliz, entretanto: alguns índios, entre os quais o "capitão" da maloca mais próxima, visitaram a sede flutuante da comitiva.

Chefiava-os o "capitão" Katoma, — na intimidade: Aiudú —, acompanhado de um séquito de mulheres e curumís.

O homem: um belo espécime de atleta: peito largo, cabelos longos e brilhantes, caídos em cerdas sôbre os ombros musculosos, dentes claros e regulares, olhos negros e ágeis, molares ligeiramente arqueados e o nariz

levemente adunco, revelador de origem incáica, quitchúa, ou guaraní.

A sua pronúncia denunciava o convívio com as tribus bolivianas do Beni.

As mulheres: horríveis. Feias, sujas, de pernas finas e circunflexas, cabelos untados de óleo de copaíba, malcheirosas, desdentadas, feridentas e de rosto riscado de tatuagens inexpressivas.

Serão dêsse tipo as tais inspiradoras de José de Alencar, Macedo, Taunay, e quantos poetas sertanistas nos têm iludido com os seus idílios selváticos?

Pior para êles.

Katoma, êsse Perí dos Morés, representava com dignidade a sua raça. Sorridente, astuto, desconfiado e sereno, pedia camisas e calças aos tripulantes, com semcerimônia infantil.

Relatou, mesmo, que, antes dos primeiros contactos com os brancos pacificadores, havia derrubado muito viajante com a irresistível distensão do acapú do seu arco.

Olhei-lhe os biceps prodigiosos e acreditei nas suas façanhas...

Ao lhes ser mostrada uma garrafa de mel, tomaram-na gulosamente, lambendo os dedos avermelhados de urucú.

E passavam nos cabelos, os restos que sobravam...

Os curumis escondiam-se debaixo das saias maternas, feitas de cascas de árvores besuntadas de terebentina.

Um Lelong ou um Adrien, perdidos na jangla transformariam êsses modelos de vestidos em esplêndidos "maillots" modernos...

Receberam presentes em profusão. Receberam só? Não. Ofereceram, também, cuias, missangas, arcos, flechas, acangatares, zarabatanas, penachos, dentes "soi-disant" de jacaré que mais pareciam os queixais de um mamuté, plumas de garças, madreporas trabalhadas, enduapes, membís.

Convidados para uma fotografia, aceitaram satisfeitos.

Se compreenderam o que seria aquela caixinha mágica apontada para eles, não sei.

Gostaram dos fuzís, dos rifles, dos revólveres, mas não demonstraram desejos de possuí-los.

Caramurú, entre os Morés, não esposaria Catarina de Paraguassú: viraria moqueca em azeite de bôto...

* * *

Acabada a visita, retiraram-se os índios.

— Katoma! Até logo!

— Hasta luego, capitán! responde-me o selvagem na sua algaravia espanholada de internacional...

A igarité dos oficiais, que havia ido à terra encostara, de volta.

A viagem prosseguiria.

Isso já estava a desejar o coronel Saldanha, que resmungava cheio de rabugice, vendo a sua querida "Horta" repleta de índios fedorentos: — "Êsses cachorrões querem é peia! Cambada de malandros! Aquele Rondon é um santo para aturar êsses bodes humanos! Safa!"

Graças aos seus impropérios movimentaram-se os hélices e a lancha continuou subindo o Guaporé.

Rivorêdo ficara, entre os Morés, no afã de aliciar alguns elementos para o "Pôsto".

* * *

Mudara a paisagem. Defrontávamos quadros primitivos, próprios dos altos montantes.

As rochas beijavam a superfície líquida, aflorando em rebojos, em espumaradas, em marulhos, ou emergiam de vez, ofertando ao sol os seus lombos lisos e vermelhaços, semelhando hipopótamos dormentes...

Em outros trechos, a estrutura petrográfica assumia novas individualizações.

Os arenitos, erosados, despenhavam-se de golpe sobre a orla, continuando-se, além, por formações graníticas, multiformes, desconjuntadas, reintrantes, caprichosas, como se egressas de um diastrofismo.

Em certas flexões do caudal, dividia-se a corrente: para um lado o remanso, quêdo, platinado, espelhante, traçado em angras feminís, fimbriadas de areia alvíssima, onde os pernaltas formavam batalhões alados e procissionais; para o outro, o turbilhão: pedreiras, escarpas, arrecifes, pontas de rochas, por entre as quais o "thalweg" enfiava torcicolante, arrebitando flóculos nas arestas desnudas, levantando acangatares irisados nos obstáculos submersos, rugindo, rodopiando, em torvelim, em delírio, em confusão, como a garganta de um monstro por onde tivesse penetrado, em tombos e espumaradas, a água de um caldeirão fervente...

Tôda essa zona potomográfica mascara-se com êsse mesmo rebuço. Talvez que as camadas subterrâneas, inumadas após sucessivas convulsões tectônicas, apresentem aspectos de estabilidade documentadora de suas

eras geológicas, fato que não aparece, senão através da ligeireza, o contorcionismo, a barbaria telúrica unifronte, nos atuais terrenos de peneplanagem, veiaidos das calhas enormes dos tributários amazônicos.

Cursávamos o Guaporé, fluído das covancas da serra de Santa Bárbara, prolongamento sudeste da cordilheira dos Parecís, derramado para o Mamoré pela prensa orográfica da serra do Aguapeí ao sul, a de Ricardo Franco, Tôrres e Guarujás no flanco esquerdo, e a serra dos Pacaás-Novos, no direito, de onde escorrem o Mutum-Paraná, o Jaci-Paraná e o Jamari, "fleuve aux grandes calebaçães", como o crismou Sant'Ana Neri.

O Beni e o Mamoré, grossas cordas fluviais geradoras, por anastomose, do Madeira, nascem ambos na Cordilheira de Cacapata, dos Andes de Carabaía, em pleno território boliviano.

Correm para o Beni, à direita o Cochabamba, e à esquerda o Madre de Dios e o Orton, todos os dois volumosos e longos, com as mesmas características dos rios dessa extraordinária e acidentada região.

A quem estude, com relativo carinho, a fisionomia geológica da imensa cancha amazônica, se revela, de pronto, o vale médio, como se cortado em vários ângulos, por um sistema orográfico que, partindo dos arrabaldes de Teresina, atravessa em fatias a Zona Madeirense, para perder-se, aos poucos, nas margens do rio Apa, súdito do Paraguai.

Defrontamos, assim, três vastas zonas, personificadas no seu conspecto físico: o planalto matogrossense, onde se torcem os caudais em aprêço, a Hilae, povoada por suas multidões de florestas compactas e uniformes e a Elodita Tropical, que lambe as ribanceiras do Ama-

zonas, nos alagadiços sinistros, focos habituais do paludismo terçoão.

Estamos, pois, a cortar o planalto matogrossense.

Do abraço do Beni no Mamoré surge o Madeira, o encanecido Caiarí dos selvícolas, encharcando tratos de terrenos polimorfos na sua estruturação geogênica, rechãs de lindos horizontes, de esquisitas representações, para onde correm afluentes de soberana estatura.

Atravessando os "llanos" de Apolobamba, sôbre formações paleozóica superior, mesozóica e arqueana, no tributo do Madre de Dios, surge do Beni e do Mamoré, sôbre terrenos do siluriano ao oceano, refertos de atas-cadeiras, paúes, abafeiras, charcos, tremendais, pântanos, lenteiros, brejos, remanescentes da época cenozóica, distribuídos em porção notável pelos "llanos" do Beni e pelos de "los Chiquitos".

Mais avançado, no têrço médio, rompem formações agnostozóicas, que, paliçando as bordas do altiplano, lhe eriçam o leito de anfractuosidades por onde se despeñham as cachoeiras, os saltos, os cachões revoltos, índices dessa faixa de plató, entre Vila-Bela e Pôrto-Velho, contornados de maneira técnica e perfeita pelos trilhos da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

Êsses acidentes, contínuos e perigosos, são comuns a todos os afluentes e confluente do Caiarí, por quantas vertentes fluam na sua descida para o vale.

Daí o receio da navegação no Guaporé, e a fisionomia espetacular do caudal, com as suas espumas e as suas gargantas vertiginosas.

A paisagem é hispida e inesperada. A cada giro do hélice: um tragadouro. Por cada volta de leme: a voragem. Respondendo a cada desatenção do práctico: o pego irremediável. Desafiando a perícia dos pilotos: o re-

moinho. Incendiando esperanças e temores: o sorvedouro.

Assim se desnova o rio na extensão abrupta de seu canal.

Os receios do coronel Saldanha eram, pois, fundados.

A uma guinada incerta, lançar-se-ia, a "Horta", no abismo.

A mesma marcha tinha de ser moderada e cauta, o que retardaria a viagem, acutilada pela sofreguidão do nosso rádio receptor, infatigável nas suas captações.

O ambiente político do país atravessava uma fase de transição.

Fechados os parlamentos, iniciada uma época de reajustamentos econômicos e administrativos, sob nova modalidade constitucional, urgia estabelecer medidas e atos que prevenissem os colapsos financeiros e as crises revolucionárias, comuns nesses instantes de especulação e descontentamentos.

O golpe fôra dado por tôdas as fôrças ponderáveis da Nação, derredor o Presidente da República, exercendo, com êle, a profilaxia da guerra civil, avizinhada e arrepiante, através dos temporais e dos recontros de uma próxima e perigosa batalha eleitoral.

Energias secretas, egressas das fileiras do marxismo solapador, uma vez vulnerado, de frente, na novembro de 1935, distribuíam-se agora, pelas candidaturas em jôgo, mascaradas de democracia e sitiando o Governo num círculo de ameaças, surdas mas reveladas, índices de convulsões intestinas ulteriores.

Contra elas se erguiam, no duelo pela garantia das liberdades individuais, o Exército, a Marinha e a corrente nacionalista de Plínio Salgado.

E entre os dois blocos em disputa, o da esquerda revolucionária e o da direita conservadora, o Governo Central, espectante até então, como a procurar momento preciso para desviar, do seu "thalweg" sinistro, o caudal de opiniões e de sentimentos que desaguaria em pélagos terríveis, idêntico ao do presente cenário castelhano.

A Nação atravessava, mesmo, um álgido minuto de apreensões e sombrios preságios. Inquietas as classes trabalhadoras pelo serviço de sabotagem dos agentes do Komintern, refletia-se essa inquietude no desassossêgo das classes industriais, no alto comércio, nos meios cultos, nas próprias relações internacionais, na concórdia continental, "per summa capita": na família brasileira.

Pressentia-se o ruminol a despenhar-se da montanha. O ruído subterrâneo das rebeliões preparadas e ultimadas à sombra do pleito a se ferir, transformava, aos poucos, o solo político da Pátria, numa chapa incandescente que tostava os espíritos e os corações.

Notava-se, outrossim, que as duas candidaturas antagonônicas, traziam, consigo, os vícios originais, os rancores implacáveis, os defeitos inoperantes, dos nascedouros de onde brotaram.

A plutocracia e a intransigência do financeirismo ádvena terçavam armas com os derradeiros ranços do outubrismo tenentista, agravado do contágio de novas influências bolcheviques.

Um: o candidato rico. O outro: o candidato pobre. Ambos: testas de ferro de massas humanas a pretendem desenhar, no nosso país, os diques e as profundas desavenças que se constituem fantasmas apavorantes de outras democracias, na realidade triste de suas lutas classistas.

Por outro lado, nos documentos públicos de ambos, a ideologia enfebreçada de Lenin assomava aos quandos, velada mas reconhecível, sutil mas real, já num conceito, já numa tentativa de programa, em um, de jeito hipócrita e doirado, no outro de maneira rude e espetacular, revelando-lhes os intuítos e os planos íntimos.

E, como se não bastassem essas provas para a concretização do golpe de Estado, encontrava-se a Nação a braços com um problema de árdua resolução: — Seriam êsses candidatos capazes de dirigí-la, num momento em que os lemes se negavam à bússola, os cerraceiros sitiavam a barcaça administrativa, os horizontes políticos fechavam-se em chumbo, derredor os ideais e as esperanças do Brasil?

Difícil responder. Nenhum dos dois possuía “pedigrees” que validassem uma afirmação.

Governar um Estado, nas calmarias de uma rósea reconstrução, auxiliado por todos os gladiadores malferidos da arena de 1932, ungidos da boa vontade de reconstruir em amplos banquetes de dois mil talheres, ou dirigir um Ministério, visando o sofrimento dos seus coetâneos na salvação das açudagens onde se sepultaram fortunas incríveis, não significa fôrça de propulsão capaz de levar a cabo, nos seus óbices mais vivos, a ingente obra de preservar um dos maiores países do mundo, do ciclone devorador da luta fratricida.

Bastaria o uni-lateralismo ideológico que cada qual trazia, nas dobras de seus programas, para desfigurar qualquer tentativa de aceitá-los.

Não se tenha como matemática, essa asserção de se ter desviado, de todo, o curso das rebeliões de classe.

Um dia poderão elas eclodir, de novo, no campo de cultura propício dêste país sem complexos educativos nem formação moral.

Virão, contudo, simplificadas nos seus manejos, moderadas nos seus ímpetos.

Encontrarão o povo mais ou menos trabalhado para recebê-las.

Em janeiro de 1938, entretanto, à hora tumultuária do pleito, seria um crime deixá-las explodir.

As consequências, de imprevisíveis, arrepiam a quem as tente analisar.

Essa a obra mais positiva do Governo Federal.

E, justamente pela aproximação dessas nuvens grávidas de relâmpagos e de augúrios, apressava o general Tabora, a marcha de nossa lancha, impedida pelos arrecifes.

O seu lugar era em Belém, no comando da Região Militar ao seu cargo.

Naquelas distâncias, o rádio era quasi um instrumento tartamudo.

Fazendo, embora, uma viagem de inspeção, dentro das lindes da zona militar sob as suas ordens, necessário se tornava em face das oscilações e dos trismos por que passava o organismo do país, a sua volta à sede da Região.

Teríamos talvez percorrido dois terços do caminho. Abandonar o objetivo maior, que era o Forte do Príncipe, desprezando o conceito que, de posse de suas credenciais, mais ou menos recomendáveis, fariam de nós os botocudos e os sedentários ribeirinhos, nada representava, em face da perda emocional que nos causaria êsse recuo inoperante.

Urgia avançar mais dextramente ou retirar sem colher o fruto de tão ingentes sacrifícios.

Mas, avançar como? Afrontando a tormenta do céu e os caldeirões da terra, a que só os práticos se atrevem, sabé Deus com que agilidades e estoicismos?

A marcha era lenta, o tempo, célere, a paciência, sôfrega.

Distraíamo-nos, ora entre as baixas temperaturas do "crapaud", ora exercitando as nossas armas, no tiro aos jacarés.

Vanguardavam o "team" dos cinegetas o capitão Valdemar e os tenentes Lisboa e Xavier.

Lisboa, então, marcava tentos milagrosos. Essa parte do Guaporé é um viveiro de hidrosáurios.

As suas cabeçorras triangulares, emersas do tanque plácido do rio, ofereciam alvos volantes, como cachopos que descessem, de "bubuia", indiferentes à fuzilaria dos Dilermando de Assiz falsificados e aos rugidos dos hélices concêntricos...

Pipocavam, na manhã contabescente, os rifles e mosquetões do Exército, eriçando, de bolhas esporádicas, a água, derredor o focinho dos reptís, atingindo-os, de raspão, na carapuça, quando Santo Antônio protegia os campeões do escantilhão.

O rifle do Lisboa tinha gôgos de pedrês caprichosa: os jacarés nem sequer piscavam às suas agressões.

Xavier e Valdemar espantavam ciganas e gaivotas, enchendo as angras do rebumbar dos seus fuzís de guerra. Só barulho: os crocodilos preguiçosos continuavam o seu roteiro ao sol, sem lhes dar, ao menos, a satisfação de um mergulho ou de um papo ao ar.

A cena era esplêndida. O cenário mais rútilo, ainda. As personagens, incomparáveis.

O Dr. Castanheira, abraçado ao Paulo Saldanha, apostava cabeças de "caimans".

E perdia, desoladoramente, em face da infalível pontaria dos nossos caçadores.

O tédio, fustigado refugiou-se nos arcanos fisionômicos dos Toparís, dos Macurapes, dos Pacaás-Novos que viajavam conosco.

Ainda algumas milhas e atingimos o "Polo Norte".

Por muito tempo estive eu matutando, respeito essa estranha denominação.

Polo Norte? No Trópico? Sob aquela canícula? Com aquele verdor fatigante e aquele sol vertical?

Haveria alguma razão, e essa apresentou-se quando abordei o coronel Saldanha, intrigado com o apelido.

Ele não falou: estendeu o braço moreno para o bordo e eu vi, nitidamente, uma paisagem polar.

Nesse trecho do rio, os lagedos descobertos, lisos, uniformes, abaulados, semelham blocos erráticos de gelo. E sobre eles os pinguás, cuja postura, solene, hierática, perquiridora, lembra a dos pinguins.

Lagedos: "ice-fields"; pinguás: pinguins; eis o "Polo Norte".

Lá, dormiríamos, por não ser possível transpor o salto do mesmo nome, sem graves precalços.

A "Horta", as embarcações em maior número esperariam, no "Polo Norte", o nosso regresso do "Forte do Príncipe".

Entrou em cena, então, o motogodilhe de 8 H.P.

Transporíamos, pela madrugada, a corredeira do "Polo Norte", no batelão de "primeira classe", impulsionados pelo motor a gasolina.

Dormimos todos, aguardando a ante-manhã, para a investida contra o sorvedouro polonortista.

Ao abrir os olhos, no estremunho dos que sonharam bem, o sol forte se enfiava em lâminas pelas frinchas dos esteirões de bordo, aquecendo-nos nas redes.

Madrugada? "Polo Norte"? Motogodilhe? Nada. A "Horta", aproada ao barranco, mergulhava o focinho no canaranal, como um peixe-boi pacífico.

Os batelões, agregados a ela, conservavam-se quietos. Gasolina, só nas caixas, ainda fechadas.

A prudência hipertrófica do coronel Saldanha pregara-nos mais uma peça.

Só pelas dez horas, tripulando todos o batelão melhor, seguimos entre os corcovos dos arrecifes, rumo ao montante do Guaporé.

Cada vez pior a navegação. A praticagem assume, aí, o seu verdadeiro papel: agilidade, oportunidade, coragem.

Quando atingimos o fortim Conceição, depois de uma luta espetacular contra a correnteza, onde se destacaram a resistência do barco e a perícia dos pilotos, governando-o com o próprio rabear do motogodilhe, resolvemos saltar.

Ficam aí, os estaleiros da Empresa de Navegação Mamoré-Guaporé, e uma fazenda senhorial do coronel Paulo Saldanha, com os seus campos imensos plantados de catuaba, muirapuama, guaraná, "braço-forte", "chichuasca", e outros vegetais impróprios para menores e senhoritas.

Os campos assentavam num quasi taboleiro, que o general Tabora julgou ótimo para um aeroporto militar.

A casa grande da fazenda, possui as mesmas características que celebrizaram o ilustre professor Gilberto Freire.

E os bodes, os cabritos, os garanhões, os touros, os galos, povoavam os cercados, enchendo o ar dos seus berros, gritos, cocoricós e mugidos.

No meio dessa paisagem bucólica e sugestiva: — o homem. Mas que homem? O semi-selvagem, ungado da simpleza da selva espontânea, já contaminado dos vícios da civilização, entre boçal e sabido, com um riso alvar para tôdas as perguntas, a esconder uma afirmação e uma negativa, uma dúvida e um assentimento, na misteriosa solércia dos aborígenes: — o João Socó.

Caboclo baixo, atarracado, de malares proeminentes, de lábios finos como lâminas, dentes sujos do sarro grosso do fumo de corda, olhos raiados de sangue, onde a iris boiava num acinzentado lúgubre, João Socó era uma múmia em pé, uma múmia sem vontade que, se não afirmava, não negava, também, coisa alguma.

A sua arma era um rifle antigo, de cronha amarrada a barbante, gatilho frouxo, mira sem ângulo, descalibrado, que se constituía o seu tesouro e a sua defesa.

Defesa, não, instrumento agressivo. Assim se desprendia das narrativas arrepiantes do João Socó, referidas de loucuras cinegéticas, nos quais a esquiva onça gלבária representava o papel de caça vulgar e desprezível.

Nada menos de duas grosas de felinos já havia êle chumbado com o seu "papo amarelo" de quinta classe.

A sua palhoça humilde não possui tapêtes de Teerán nem estofos de Damasco, mas, do chão batido de barro à taipa das paredes, uma coleção de couros de onça atesta o seu destino de matador.

Socó, entretanto, como todo selvícola, é desconfiado e áltivo.

Não admite humilhações nem dobra a cerviz a qualquer.

Curioso pela extravagância do apelido, indaguei-lhe do verdadeiro nome de batismo.

— João Guaporé — disse-me o caboclo.

— João Guaporé? — E por que te chamam e tu mesmo te chamas João Socó?

A resposta veio simples, pulando entre os solecismos de seu linguajar paupérrimo: — *“Antigamente João era Guaporé. Depois botaram nome de Guaporé em cabra, em bode, em batelão, em cavalo. Até em rio botaro nome de Guaporé. Então mudei nome pra Socó”*.

— E porque Socó? — repetimos.

João redarguiu com uma filosofia, tão simples, como desconcertante: — *“Porquê socó, bicho bonito, gosta muito de peixe. João também’gosta...”*

Rimos todos do Tarzan quadrado, feio e rude.

Descemos o barranco e retomámos o batelão.

Um quarto de hora depois, enfiando pelos canais espumejantes, entre pontas de pedras, divisámos, a estibordo e à frente, uma espécie de braço branco luzindo ao sol.

— O Forte! gritaram os militares.

Efetivamente, um baluarte do Forte do Príncipe, ao longe, apresentava-nos as boas-vindas.

Estávamos ao fim da viagem, quasi a chegar ao velho Pôsto de vigilância colonial, de onde o arcaico Brasil olhava as terras estranhas, com orgulho e serenidade.

Mais umas palhetadas do motogodilhe e saltávamos diante da guarnição da praça de guerra, formada em continência, subindo a ribanceira suave.

Lá em cima, como u'a mostra do passado homenageando o presente, um canhão veterano das conquistas lusitanas, esquentava ao sol cálido do meio-dia.

N Ú M E R O 5

Estranha aparição essa, que o gênio lusitano levantou, nos arcanos da selva atrozmente voraz, como o símbolo do seu poder colonial.

“Isto é um monumento a Portugal!” disse, diante da molhe espetacular, o general Taborda, homenageando a coragem dos bandeiras transmontanos, que vararam o planalto em milhares de milhas, desequilibrando o conclave tordesilhano.

Estávamos diante de um monumento a Portugal. E que monumento!

Nas ardências daquele clima, nas asperezas daquela gleba, nas torturas daquelas distâncias, o português, armado das coiras espirituais dos Mascarenhas, dos Albuquerque e dos Gamas, levantara como se já sonhasse com o julgamento dos pósteros, uma fortaleza que é uma obra d'arte, uma praça de guerra que é um documento histórico de nobreza e de orgulho.

Por seus torreões, brilharam, em agouros gloriosos, as almenaras bélicas, atemorizando o gentio e prevenindo possíveis invasões.

Em estilo arquitetônico abaluartado, o seu perfil é severo e majestoso, desdobrado em arestas, cobrindo uma vasta área de terreno.

No seu afã de distribuir núcleos coloniais por toda a parte, andaram os reinóis afortelejando as lindes do país nascente, povoado de fidalgarões de Algarves, nas fimbrias marinhas, quer defendendo as praias atlânticas, quer protegendo as derradeiras pousadas bandeirantes, nas vastidões centrais. O colosso estarrece. Faz pensar e sacode, num frêmito de entusiasmo, as fibras dos mais indiferentes às epopéias da braziliândia.

Basta um confronto: o que se faz hoje com o que se fez ontem.

Transmontando os mesmos óbices atuais, sem recursos de maquinaria ou transportes convináveis, fizeram êles, em tempos que lá se vão, o que, sómente à custa de sacrifícios inauditos, se opera, hoje, pelos mesmos caminhos.

Parece incrível a realização de maravilha tamanha!

Aquelas atalaias, carcomidas agora, pela impiedade cronológica, tiveram brados de alerta, gritos de sentinelas, dentro das noites úmidas do trópico. Aquelles baluartes viveram, em épocas distantes, pelo perfil sombrio e respeitoso dos seus canhões, garantindo a conquista dos seus soldados. Por aquelas ameias espiaram heróis, debruçaram-se alabardas, alongaram-se arcabuzes, descansaram morteiros. E, sobrelevando-se ao corredor parapetado, o cone mortífero dos bacamartes, a lâmina recurva das foices de guerra, o triângulo agudíssimo dos chuços e a ponta feroz das partasanas, infundiram pavor aos aborígenes e respeito aos dominadores das cançadas de Espanha. Os mosquetes, as pistolas, as espingardas pipocaram nos aningais das orlas, e o sibilo das béstas, o rodear das massas d'armas, o rebrilhar das adagas, dos espadins, dos punhais, das azagaias, das Rapière e das Claimore, rechaçaram, para

os sertões bolivianos e para os almargeais e brejões ribeirinhos, as tentativas de assalto das hostes ou grupelhos dos ladrões de fronteira.

Ouçamos, no que tange à impressão primitiva do Forte, a opinião de João Severiano da Fonseca, no seu "Viagem ao redor do Brasil": — "E', na verdade, imponente e grandiosa obra de arte essa fortaleza, construída conforme os preceitos da arte da guerra, todos, menos um, mas êsse de tal ordem, que sua falta torna desnecessária a existência de outros e por conseguinte desnecessária, por absurda, essa formidável máquina de guerra. E' apenas que está situada na mais imprestável posição.

Apesar de erguido numa colina, espigão ainda da Parecís que nela vem morrer, aí, no Guaporé, é completamente invisível de quem desce o rio e mal entrevista pelos que o sobem, que a custo a descortinam por sôbre o cimo das matas o frontal da estrada e a linha superior do parapeito da frente; o que não deixaria de ser uma vantagem, se, por sua vez, não fosse completamente invisível ao forte o curso superior do rio; e de pequena extensão, quando muito na primeira milha, o que descortina do seu curso inferior.

Ao navegante que se aproxima e o desconhece não é dado avaliar que soberba e alterosa molhe é; e, chegado ao forte, é sómente depois de galgar-se quasi tôda a ladeira, que êle se revela aos olhos, agora maravilhados do viajor: formidável, majestoso e imponente.

Qual a necessidade dessa obra monumental em tais regiões, não se compreende, quando o Guaporé corre-lhe pela frente, literalmente atravancado de pedras, desde acima do Itonamas até cêrca de trinta quilômetros, abaixo de seu pôrto; quando os terrenos fronteiriços são

almargeais e brejões, impossíveis de serem habitados e transitados, e quando o leito do rio, com suma dificuldade deixa uma canoa, como a que montamos, vencer-lhe as pedras e corredeiras; e quando, enfim, não poderia esperar agressão alguma pela direita, terrenos brasileiros encravados na mesma rêde de pantanais.

Que Rolim de Moura fundasse o fortim Conceição, compreende-se bem: era para defender a posição tomada aos castelhanos e firmar direito de posse à coroa portuguesa: e que também mais tarde buscasse essa colina para o pôsto militar, visto aquele Fortim ficar sôbre as águas nas grandes enchentes do rio.

Mas, para tais fins, e para servir de guarda ao rio e defesa à sua navegação, um simples reduto bastava, naquele tempo em que a artilharia ainda estava nas faixas da infância. O que não se pode compreender é os motivos que levaram Luiz de Albuquerque a erguer essa formidável fortificação num local onde, quando sua existência não fosse completamente nula pela posição nada convinável, seria desnecessária pela natureza do seu campo de ação. Para servir de quartel e tão sómente às tropas de vigilância, é obra despropositada; se foi intentada para impedir a navegação aos espanhóis, nas melhores condições de êxito só o poderia fazer do Itanamas para baixo, ficando àqueles, livre, tôda a navegação, do Itonamas e do Baurés para cima e pelo Marmoré, todo o resto do Guaporé e a própria navegação do Madeira. Se ao menos tivesse sido erguida em sítio donde fosse avistada, bastaria sua simples catadura para infundir respeitoso temor; mas há um século passado, como agora, invasores ou inimigos que se aventurassem, nessas regiões de rios encachoeirados, nem podiam vir tão numerosos nem tão armados de máquinas de guerra,

que fosse mister tal espantallo para conter-lhes os ímpetos. Si no verão de 1766, Juan de Pestana pôde trazer um exército e acampar em frente ao fortim Conceição, a falta de águas, que lhes deu trânsito por terra, tranca-valhes o rio; e, adiantado de estação, foi o principal inimigo que os fez desalojar e fugir precipitadamente.”

E mais adiante: “E’ deveras imponente e majestoso; e confesso, à puridade, que ao contemplá-lo tive pena, pesar verdadeiro, de existir tal monumento em lugar onde apenas um ou outro degredado, um ou outro selvagem — e raríssimo viajante que de necessidade lhe chega ao pôrto — terá ocasião de contemplá-la. Ainda hoje, apesar de meio século de abandono, apesar de inservível por se irem ruindo em escombros as suas dependências, apresenta-se tão grandioso que produz a mais inesperada surpresa a quem, galgada a colina, o vê de repente, e quasi de um jato, surgir, no meio do profundo fôssco que o cerca; semelhando as arestas de seus baluartes as proas de gigantescos couraçados, pelo bem traçado das linhas, inclinação sôbre o terreno e a côr férrea de suas muralhas, feitas de paralelepípedos dessa argila ferruginosa, conhecida na província com o nome de pedra canga.

E construido sôbre um quadrado de 119 e meio metros de face, com quatro baluartes, no sistema Vauban, de 59 metros sôbre 48 metros na maior largura. As cortinas que os ligam dois a dois, tem, cada uma, 92 metros e 4 centímetros de extensão, à borda do fôssco. Os baluartes eram conhecidos pela denominação de Nossa Senhora da Conceição, Santo Antônio, Santa Bárbara e Santo André Avelino. O fôssco varia na largura, guardando, porém, efetiva, a profundidade de dois metros: na frente e flanco esquerdo é de 30 metros e 2 decímetros de

largo, junto aos baluartes tem de metro e meio a dois metros, exceção feita do da esquerda, Conceição, que é de nove metros.

Em frente ao portão atravessa-o uma ponte de 31 metros, parte da qual, na extensão de quasi quatro, era levadiça e recolhia-se ao Forte. Fronteiro lhe ficava um revelim, e entre êsse e o fôssô um caminho coberto.

O portão fica a meio da cortina de norte: na face occidental e paralela ao rio, há uma poterna que se abre no fôssô.

Cada baluarte tem 14 canhoneiras; 3 em cada flanco e 4 em cada face. A gola é de 22 metros; e de 8 e 2 decímetros a altura das muralhas da esplanada ao fôssô. Êsses dados foram coligidos pelo digno primeiro tenente Frederico de Oliveira, ao confeccionar o plano topográfico, que graciosamente cedeu-me (sic).

Sôbre o portão, na altura de 10 metros e 3 decímetros lê-se esta inscrição a que já faltam algumas letras de cobre, antigamente dourado, e pregadas num retângulo de granito: "Josepho I — Luzitanicæ et Brasilie Rege Fidelissimo — Ludovicus Albuquerqueius A Mello Pereirius Caceres — Amplissimæ Hujus Matto Grosso Provincie — Gubernator Ac Dux Supremus — Ipsiuis Fidelissimi Regis Nutu — Sub Augustissimo Beirensi Principis Nominé — Solidum Hujus Arcis Fundamentum Jacieudum Guravit — Et Primum Lapidem Posuit — Anno Christi MDCCLXXVI — DIE XX MENSIS JUNII".

O portão, que nunca foi colocado, devia ter a largura de 2 metros e 66 centímetros, e uma parede provisória o fecha em parte, em mais de metade do vão a êle destinado, deixando para entrada uma porta de metro e 3 centímetros de largura, também provisória, mas tal que nunca composto de duas partes distintas, das

quais a anterior é um quadrado de quatro e meio metros de lado, e a outro, de cinco metros e meio de fundo sôbre quatro metros e 38 centímetros de largo. Nesta ficam, à esquerda, a casa da guarda e xadrez, e à direita os calabouços, tudo abobadado e êstes muito escuros, úmidos e faltos de ar."

Depois de várias considerações derredor às proporções das salas, balisas, contrafortes, espaldões, cisterna, que, para o curioso especulador possui tão só o mérito do detalhe, descreve João Severiano da Fonseca o poema inscrito a estilete numa das paredes da prisão militar, já hoje vagamente legível, quer pelo efeito calafetador da água em goteiras, enxarcando a argila e desfigurando a escrita, quer por criminosa sabotagem, aliás sem nenhuma necessidade útil, feita, na opinião do general Taborda, pelo próprio autor de "Viagem ao Redor do Brasil", no afã de esconder, de novos olhares, o original do documento poemático que exhibe no seu livro: — "Na parede do primeiro dêsses calabouços, escreveu um moderno Tasso sentidas endeixas, onde a nova Eleonora pouco é lembrada; mas, em compensação; o triste poeta buscava sua desdita, escrevendo, nesses segredos da masmorra, louvores aos que o tinham encarcerado; trabalho que é de supor baldado, pois, sem dúvida, o ficaram ignorando; sendo mais provável que, se soubessem do escrito, teria sido raspado e apagado, e o poeta punido por estar danificando as obras do Estado."

Segue-se, assim, a transcrição dos versos, de certo jeito masoquista, que, como observou João Severiano, por "supinamente toscos, mal medidos e mal rimados", não valem reproduzidos aqui.

Mais adiante, continua o escritor: — "Ao sair do saguão, na praça, uma escada à esquerda, conduz à meia

cortina da frente; donde pode-se circular tôda a fortaleza pelas cortinas e baluartes. Na praça, paralelas às cortinas, há duas dúzias de casas, compostas, a mais próxima, de seis edifícios que eram destinados a armazéns, oficinas e quartéis de tropa, e a interna, de outras tantas casas para oficiais, comandância, capela e enfermaria, êstes três na face fronteira à da entrada do Forte.

No centro há uma grande cisterna, com os escoadouros necessários para o excesso das águas, cuja abertura de saída vê-se na barranca do rio como um corredor quadrado, de dois palmos de face, fechado por uma grade de ferro. Caídos por terra, junto às canhoneiras, existem ainda treze canhões de ferro, calibre 6 e um de 12.”

Continua o observador, mais adiante: — “Fora da fortaleza, houve, nos seus bons tempos de mocidade, um povoado e também chácaras e sítios. Em frente ao baluarte de N.E. tinha o comando uma grande chácara, tôda cercada de alta e grossa muralha e dividida em grandes canteiros orlados de cantaria, e dispostos simetricamente, afetando a forma de uma estrêla. Está apenas a uns duzentos metros, ou pouco mais, do fôssco e todavia, apesar de irmos com o comandante do Forte, que já é prático dêstes sítios, custámos a encontrá-la, tão alta, densa e cerrada é a mata que aí cresce e encobre seus muros ainda hoje em pé. O que ainda mais revela a desídia, preguiça, descomunal indolência e imprevisão do futuro de todos quantos têm, há longos anos, vivido nesse Forte; que melhor lugar não poderiam encontrar para as suas plantações, a não ser os próprios baluartes e cortinas, que converteram em roça, o que, entretanto, ninguém poderia esperar.

Dos vegetais que acompanham o homem, ainda aí vimos todos os comuns nessas paragens, beldroegas, carurú de sapo, tanchagem, labaca, etc. e também vimos bananeiras; não sendo crível que, de tantas outras que os antigos cultivaram e que, naturalmente, deviam ornar a chácara dos governadores, não existam hoje árvores de laranjas, limas, atas, café, canas, etc.: talvez que a mata oculte ainda os destroços do pomar; no mais, o elemento selvagem, como de costume, matou e destruiu as plantas da civilização.”

Reportando-se aos inícios de povoamento da zona, ocupada pelo Forte, e da própria ocupação dêste, prossegue, mais adiante, João Severiano: — “Concluiu-se o Forte em agosto de 1783. Seu primeiro comandante foi o capitão de dragões da companhia de Goiaz, José de Melo de Souza Castro e Vilhena, que se achava desterado em Mato Grosso. A 31 daquele mês foi ocupá-lo com a guarnição do Forte Conceição, cujas ruínas, só com algum custo podem ser descobertas hoje.

O novo, há de custar a derrocar-se suas obras principais, tão solidamente foi construído. Tôdas as^s suas dependências internas e externas, casas, quartéis, depósitos, pontes, estradas, chácara e, mesmo, o fôssô, uns destruíram-se e os outros vão pouco a pouco, já estando a maioria em ruína completa. Mas essas muralhas são tão fortes, tão bem alinhadas, tão bem acabadas, — tão quasi perfeitas — que hão de passar os séculos antes que se derruam; e ainda hoje, mantendo, pelo menos exteriormente, tôda a idéia de grandeza e poder que lhes imprimiu o seu autor, testificam a consciência do trabalho e o esforço assinalado dos seus obreiros.

À perfeição da mão de obra junta-se a boa qualidade do material; e, coisa notável, o ferro, que tão fá-

cilmente se decompõe nos países quentes e úmidos; que no Egito, se estraga com uma dezena de anos; que, aquí na cõrte, nas grades expostas, vemo-lo em poucos anos completamente carcomido nas suas barras, corroídas pela oxidação: aí, no Forte, conservam-se inalteráveis e tão puros como se fossem novos, apesar de um século de exposição, os gatos de ferro que prendem as pedras das muralhas e que ostentam nitidamente a cõr azulada do ferro de fresco forjado.

Os edifícios internos, hoje em ruínas, foram também construídos na mesma consciência de trabalho; mas eram relativamente mais débeis e necessitaram do zêlo para conservarem-se: suas paredes são de pedra e cal e o arcabouço, de tal ordem, que poucas são as vigas que estejam estragadas.

Empobrecidas as ripas e os caibros, batidas as telhas, apareceram as goteiras; e o tempo começou, sem óbices, o seu processo de destruição. São as muralhas da frente as que guardam a mais esplêndida integridade: o mesmo já não se dá com as outras, que vão cedendo à fôrça da vegetação que aí se desenvolve por entre as fendas do muro ou sôbre os parapeitos. Enormes embaíbas e gameleiras já assoberbaram seus troncos, empurrando com as raízes, os blocos de pedra, quando visitámos o Forte. Os terraplenos dos baluartes, as cortinas e as praças, seriam mata virgem, se a guarnição, temerosa das onças e dos selvagens, não preferisse fazer neles, os seus roçados de mandioca e milho, feijões, canas e melancia.

Em todos os quartéis e casas vive grande, imensa quantidade de morcegos, a praga dos povoados velhos da província; mas, assim mesmo, não é tanta a quantidade como nos outros lugares e como aí, em outros tem-

pos, em que, segundo Pizarro, "princiando a sair uma hora antes da entrada do sol, o encobriam formando uma densa nuvem pelo espaço, dilatando de sua carreira, até os campos de Espanha, donde voltavam de madrugada."

Ao se contemplar esta fortificação que tem tanto de grandiosa quanto de estólida, não se sabe o que mais admirar, si o mérito da obra, o dinheiro e tempo gastos, as fadigas e misérias dos trabalhadores, isto é, a soma de esforços nessa construção empregados; vi a fantasia do Capitão-General em querer ligar o seu nome a uma obra no gênero das de Macapá e Cabedelo, talvez cioso das glórias e recompensas que obtiveram os construtores destas.

Não havendo pedra calcárea no sítio, foi a necessária para a construção, conduzida das margens do Paraguai ao Registro Jaurú, aí por terra à Vila-Bela de Mato Grosso e Guaporé abaixo, até o Forte; essa obra monumental ficou concluída dentro de sete anos, tempo diminutíssimo, se atendermos às dificuldades que deveriam acompanhar uma construção tão longínqua..."

* * *

Eis o depoimento histórico de João Severiano da Fonseca, escritor do tempo das caleças e das neurastenias metropolitanas, diante das muralhas da Fortaleza.

Mas o Forte que Severiano contemplou, achatado, sem horizontes estratégicos, invadido pelo mato, tomado de abandono e tristura, não foi o mesmo que eu defrontei, naquela manhã inesquecível, erguido em ângulos severos e linhas heráldicas, como a cidadela de um vice-rei.

E, há, nas observações de João Severiano, o desconhecimento daquilo que tentaram fazer e o desenho

psicológico daquilo que fizeram, os lusos, no esforço ingente de colonizar as hinterlândias.

Analisemos, de início, o relato do observador da "Viagem ao redor do Brasil", nos seus pontos frágeis, nos seus escorregos, nas suas erosões espirituais, no que de trêfego, apressado, estreito possui, entre o estrumal irrecorrível dos solecismos.

Principia êle, criticando a construção de obra tão grandiosa em local tão impróprio, que êle considera sem feições estratégicas, sem utilidade prática, incompreensível no seu entender.

E' preciso recorrer aos roteiros e às sugestões discretas dos alfarrabistas, para responder, esclarecendo, porque os portugueses levantaram tamanho forte, em distâncias que tais, homenageando, do âmago da selva, ao augustíssimo príncipe beirense.

Não cogitavam os lusos de, em construindo praças de guerra, defender sómente os terrenos conquistados pela audácia do braço e do peito, de possíveis agressões, já da flibusta constante, já de núcleos organizados em guerrilhas, reivindicando para as suas coroas, terras sob posse de outros.

Por tôda a fita marinheira do Atlântico, ora em pleno pélagos, ora preservados nas angras, nas restingas, nas enseadas, nas abras de todo o litoral, distribuíram os reinóis os seus fortins, de estilo abaluartado na maioria, garantindo o seu patrimônio.

Três Reis Magos, Cinco Pontas, S. Marcelo, Macapá, Coimbra, todos, guardaram o que era lusitano e se constituíram centros de resistência.

De que maneira? Pelo povoamento. Cada Forte era a base de uma futura cidade.

Para colonizar país tão imenso, urgia semear grupos de povoados por todo o sertão, e pelos beigos do mar.

Êsses povoados, sem o sustentáculo das armas, seriam fãcilmente desarticulados, ou pela belicosidade do sanhoso gentio, ou pelas incursões de corsários insaciáveis, saqueadores e cruéis.

Necessário, pois, começá-los em segurança: eis o fortim.

Derredor dele surgiam as primeiras habitações, os roçados incipientes, o baile pirovagante das coivaras, a festa das colheitas, e avançavam as casas, e multiplicavam-se os colonos e a cidade florescia, risonha e plácida, sob os pescoços negros dos canhões e as cristas das brilhantes partasanas.

Além dêsse sentido, eminentemente bélico, de defesa do território e das populações, existia um outro sentido, muito mais proveitoso, muito mais prático.

Tratava-se de, reduzindo despesas, descarregando o erário real, salvaguardar êsses centros de colonização, mantendo, neles, as bases de futuras póvoas, burgos, cidades, expressões objetivas de nacionalidade e de posse política.

Cada fortim se constituia autônomo, em face do tesouro da côrte: as suas plantações, as suas chácaras, os seus sítios, supriam-lhe as necessidades internas e dos seus agregados, enquanto a venda de especiarias e produtos agrícolas revertia em armas e munições, à intendência da Fortaleza.

Dalí para os arruados, os arraiais, os calçamentos, o lineamento das avenidas, a localização de delegacias e de comunas, distava pouco.

O povoamento das hinterlândias era feito, ao tempo das colônias, pelos exércitos coloniais.

Exércitos adestrados no manejo das armas e dos utensílios agrícolas, exércitos de técnicos em vários ofícios, defendendo e construindo, cidades e pontos de resistência por tôdas as fronteiras.

Onde acampava um dêsses conjuntos militares, a terra se remexia no amanho preparatório e, breve, aloiravam os milharais, rastejavam os feijões, agachavam-se em espinhos, os abacaxís, subiam, em hastes, as plantas amáveis que perfumam.

Não eram manadas de bárbaros ou de plantadores de burgos e de portadores de civilizações.

No próprio depoimento de João Severiano entende-se isso, quando êle se refere às chácaras, sítios e plantações devoradas pelo mato.

Isso, o que talvez tenhamos de fazer, se quisermos conquistar, para nós, o nosso país.

Essa a lição eficiente do passado, o exemplo sábio dos ancestrais, reproduzidos agora, sem intenções de propaganda, antes, com o espírito prático das superiores realizações, através daquela "voz do oeste" de que nos falou o Sr. Plínio Salgado, e do conselho de brasilidade, na grande marcha para os sertões, como prega o Sr. Getúlio Vargas.

O deserto espera os seus colonizadores. Em vários trechos da infinidão patrícia, estamos como à hora das bandeiras. Ressuscitemos o velho processo de domínio, que foi, na América do Norte, a arrancada para o "far-west", e, no Brasil, a epopéia inolvidável dos violadores da selva.

Daí, talvez, o desencanto da afirmativa do chefe da Nação, reconhecendo nos nossos celeiros litorâneos, uma plethora de doutores e augurando, para a concretização daquele sonho de conquista, a formação de uma van-

guarda de técnicos, da alta e da baixa, da complexa e da simples, da incipiente e da sólida técnica, varando as canhadas e os taboleiros vazios.

As organizações civis demandam, de início, um supremo trabalho em congregá-las. Há, mesmo, uma intensa vocação militar, entre os homens corajosos e nobres, que arrostam todos os perigos, nas invasões pela floresta bruta.

Couto de Magalhães e Rondon — marcam etapas firmes na história das bandeiras modernas.

O militar é, pois, um ótimo instrumento de ação, no mecanismo dos desbravamentos.

Resta aproveitá-lo, no sentido real da posse de nossa própria terra.

Reproduzindo as façanhas e os feitos dos antigos e produtivos exércitos coloniais.

No torvelim do instante que passa, quando todos os países se asfixiam no delírio de um super-armamentismo, o papel do Exército representa um esforço para a guerra no temor de uma paz esquivada.

Talvez não seja bem essa a verdadeira função das classes armadas. Maximé em nossas latitudes, onde as dimensões estarrecem, os meios de comunicação caducam, os perigos externos mais próximos se anulam ante a habilidade diplomática da nossa política de aproximação.

Entender o Exército como um agrupamento de homens e de máquinas com o propósito de destruição, vale por compreendê-lo como um organismo estranho, cravado no corpo financeiro da Nação, parasitando-lhe as reservas, as possibilidades, os surtos econômicos e se constituindo ameaça permanente ou sentinela imóvel de um combate silencioso.

Para nós, não devem de ser assim encaradas, no seu destino mais vivo, as fôrças armadas.

Sendo elas o espinhaço da nacionalidade, já na função educativa que exercem, já na formação moral das gerações que lhe transitam pelas casernas, nós as sentimos como as sentiram os gênios de Galieni, em Madagascar e Tonkim, de Mangin e Liautey em Marrocos, Algéria e Tunísia: uma formidável mola de construção, distribuída em dinamismos por onde sobrem desertos e haja precariedade do elemento desbravador.

Para conseguir pacificar o ânimo extremamente belicoso das tribus errantes do areal marroquino, a França não se utilizou das multidões fardadas que esmagam pela dinamite: entregou a Liautey a resolução dêsse árduo e penosíssimo problema.

E Liautey resolveu-o. Com metralhadoras? Não. Com os Grupos Sanitários Móveis.

Em vez de baionetas, saíam pelo deserto, caravanas de médicos.

Os G.S.M. disseminaram-se pelas vastidões da África setentrional francesa.

E a ciência, beneficiando as tribus sublevadas e roídas pelas endemias mortificantes, trouxe-as ao convívio amável do pavilhão gaulês, sem o sacrifício dos seus beduínos nem a humilhação dos seus "sheiks" ativos.

Essa, para nós, uma das mais belas conquistas da inteligência militar.

O Exército Colonial é necessário no Brasil. Seguindo as pégadas dos pioneiros portugueses, levaremos até os últimos limites da Pátria, novas cidades, novas culturas, novas esperanças.

Para isso urge: 1.º: — Criar uma fôrça de construção, especializada, com absoluta seleção de valores fí-

sicos e morais, e acima de tudo, com denodada e intensa dose de patriotismo que, para o engenheiro Benjamin Rondon, significa “vontade de levantar cidades ao revés de ficar vegetando nas existentes.”

2.º: — A formação espiritual de uma coórte de pioneiros, constituídos em quadros de moços, no corpo e na alma, aperfeiçoados por uma dupla seleção: a dos chefes responsáveis que designarão homens capazes para funções compatíveis e a do clima, reconhecido clima selecionador, que é irrecorrível.

Realizar isso sem as prevenções da ciência moderna, é fracassar.

A assistência médica constante, os transportes fáceis, as ligações telegráficas eficientes e a garantia do repouso anual que todo bom trabalhador deve ter, serão fatores sólidos na consecução de tal desiderato.

Constituídos êsses grupos, encaremos as suas possibilidades de realização.

A sua capacidade de ação encontrará, de início, maior elastério do que o de organizações idênticas em zonas de colonização africanas e asiáticas.

A terra lhes será mais permeável e mais dócil.

Não temos nós, aquí, o clima ásperrimo dos desertos africanos, onde a aridez é total e a carência de fontes de abastecimento, enorme.

A umidade favorece a flora e protege, de certo modo, o homem, contra as insolações e as sêdes violentas. As nossas feras são raquíticas, fugidias, insignificantes, comparadas aos terríveis habitantes das junglas da Índia, dos sertões africanos.

E' Sant'Ana Neri quem nos ensina: — “Começamos por advertir que se não encontra, nas florestas inextricáveis que bordam todos os cursos d'água da Amazonia,

os animais gigantescos úteis ou ferozes, que se encontram em certas partes da Europa, nas estepes ou nas junglas da Ásia, nos desertos da África, no seio das ilhas da Oceânia. Não se verão ali tropas de elefantes, portadores de marfim, nem caravanas de camelos, portadores de homens.

Não se receia a carga feroz dos rinocerontes, nas ervas altas, nem os ataques dos hipopótamos, nos rios. Nem o leão, nem o tigre real, fornecerão, ali, momentos de caça épica. O búfalo não puxará seus carros, em passo lento e tranquilo. A zêbra e a girafa, sem freios, velozes, não farão brilhar aos olhos curiosos, as constelações de suas peles, e a águia não disputará as alturas do seu sol. Nas solidões da Amazônia não se encontrarão os grandes símios, seus irmãos presuntivos, os orango tingos, os gorilas, os chipanzés.

Vive-se, ali, em promiscuidade com os derradeiros espécimes da idade terciária. As preguiças, os tatús, as antas, as vacas fluviais, farão sonhar com megatérios, smilodontes, megalonyx, paleotérios e dinotérios, engolidos pelo dilúvio...”

De feito, a Amazônia é paupérrima de fauna, como achanada na flora.

Identidade estranha essa, entre os animais e os vegetais.

Não há perigos arrepiantes nas nossas selvas. Salvantes os ofídios venenosos, que o Nordeste e o Centro possuem em dose muito mais estilizada e pérfida, e de que os seringueiros se defendem com simples botas altas ou arsênico e mercúrio guardados num dente de jacaré, não há de que se arreçar na selva amazônica, no ~~vacante~~ vacante às fêras.

A nossa onça é sorrateira e covarde. Pressentida, foge do rifle do mateiro, a bom fugir. Os jacarés, longe de atingirem as estaturas do "caiman" indú ou dos crocodilos egípcios, distanciam-se deles, ainda mais, pela lentidão dos seus golpes, pela lamentável exiguidade dos seus lances, pela ridícula indiferença com que se deixam manipular pelos caboclos mergulhadores boçalizados numa estupidez de feras de quinta classe.

As "boiunas", as cobras grandes, as serpentes formidáveis que se assenhoream das águas, hipertrofiadas cada vez mais pela imaginativa febril do homem do trópico, passaram à categoria de "histórias pra boi dormir".

As pitons indianas e algumas cobras de Goiaz e Mato Grosso, deixam-nas humilhadas no seu nanismo impotente.

Quanto aos paquidermes, o maior é a anta, que, com singular facilidade, come na mão daquele que a prendeu na armadilha.

Dos animais que voam, o mais interessante é o gavião que se escafede sem delongas, mal avista um minúsculo e ágil bem-te-vi.

Dos bichos protegidos, o mais resistente e inofensivo é o jabotí, que suporta dezenas de anos sem comer nem se mover, porque um tronco de perobeira lhe atinge em cheio a carapaça.

Os macacos não resistem a um comentário: fracos, descalcificados, sem grandes mostras de instinto refinado, possuem como expressões de proa o "coatá", que é um Raul Pederneiras aos cinco anos de idade, magriço o desconjuntado, e o "barrigudo", cujo nome revela deselegância física desprezível.

Na água possuimos: o bôto, que é mais “don Juan” do que fera; o peixe-boi, lerdo, pesadão, nem porco, nem vaca, nem peixe, e que, apesar do seu focinho a “bull-dog”, come capim como qualquer rocinante barato; o peixe-cachorro, que só aterroriza mesmo as piabas dos canaranais; e o puraqué, o famigerado peixe elétrico que, em resumo, faz o papel de um fio descascado, próprio para massagens em velhotas nervosas.

Por faltarem espécimes alarmantes, a ingênua imaginação do caboclo se queima nos seres sobrenaturais: e vêm: o mapinguarí, que é um macacão cabeludo e gigantesco, que ainda ninguém viu; o matinta-perera, o sací, o caipora, comuns a todos os “folk-lores”; a “alma da seringueira”, criada por seringueiros madraços para fugirem do corte, em certos dias; o “cão-êra”, pássaro enorme, que é uma espécie de Saionara da selva: — hipnotiza e devora; o “bate-bate”, etc.

Não foi com outra diretriz mental que Nunes Pereira, comentando os ilusionismos do vale impúbere, escreveu: — “Aliás (sempre que se trata da Amazônia), convém ter em mente que a sua sedução, para a maioria dos espíritos, resulta mais dos “mistérios” do que das realidades que ela encerra.”

O de que se devem precaver os desbravadores é no que tange à fauna minúscula: os insetos vivem aos milhões, de milhares de espécies, tôdas inconvenientes, mortificantes, aborrecidas, sugadoras, hostís, transformando a floresta amazônica num ambiente desagradável e neurastênizante.

Não há de que temer, pois, nas arrancadas para o oeste.

Os nossos pioneiros não teriam, também, por obstáculo sério, o encontro armado com tribus numerosas e

organizadas, estimuladas pelo espírito de congênita belicosidade e, sobretudo, cegas pelo fanatismo religioso, que se constituiu a maior barreira oposta às incursões dos europeus nos territórios dos clans africanos.

Possuímos mais, um elemento a nosso favor: — os exércitos coloniais, teriam por itinerário, o fecundo exemplo do português reinol.

A imagem daquele grande Ricardo Franco de Almeida Serra, astrônomo notável, plantador de marcos de conquista da terra, seria o seu inefável guia histórico, fazendo, dos seus passos heróicos, a vereda por onde enfiarão as colunas modernas das bandeiras.

Ademais, cumpre notar um fator de graves arestas, no desconchavo moral da hora que passa: o nosso iniludível patrimônio territorial.

Um país de imensa base física como o Brasil, tem necessidade, neste século de conquistas, de assegurar as raias que lhe foram legadas, criando e mantendo êsse patriótico serviço, pelo desenvolvimento progressivo de elementos capazes de fixar à delimitação e a posse da gleba contra as ambições desvairadas dos famintos de territórios férteis, dos gulosos de matérias primas.

Esse o melhor brado de alarma, para a inércia em que jazemos no que tange à garantia das nossas lindes e ao povoamento dos nossos sertões.

Não faz muito, um deputado francês, o Sr. Paul Reynaud, apontou, como elemento capaz de resolver a crise colonial em que se debatem os países europeus, pela divisão de seus distritos, as “vastes terres de l’Amazonie...”

Como aviso, vale muito, ao nosso pacato “laisser-allen” colonizador.

Valha-nos, como recordação do que poderemos fazer nesse sentido, armados dos atuais apetrechos mecânicos, a façanha triunfal de Raposo Tavares, bandeirante da velha guarda, estrutura completa de lidador e de amigo do Brasil, rasgando a nossa hinterlândia, a partir de Quitauína, através dos maciços e dos lagamares centrais, até o Pacífico, descendo as fraldas andinas com o alto no Pongo de Manseriche e varando a Amazônia a atingir Gurupá, onde erigiu um fortim que, até hoje, conserva o seu nome, como um preito de admiração e de apreço ao mérito.

Fica entendido, pois, que os núcleos agrícolas foram e serão bases de colônias militares.

Vivendo dos seus próprios recursos, numa existência independente e proveitosa, delas nascerão as cidades, os municípios, os territórios, as Nações, os Estados.

Essas colônias, entretanto, se constituem em força propulsora, desde que se integrem de um quadro de oficiais de fronteira, supletivo dessa lacuna do nosso Exército, construído pela busca, nas fileiras, dos representantes lídimos do pioneirismo imortal.

Pense-se no problema, em face da criação dessa unidade suplementar.

Avulta, em primeira plana, a dificuldade de escolha: a seleção, já por si rigorosíssima, deve de recair sobre as energias moças, militares que se entreguem, de pleno corpo, espontaneamente, e por distinção funcional, ao árduo mister de garantir o patrimônio territorial.

Esses homens, cuja vocação seja a das bandeiras, formarão uma espécie de Legião de Sacrifício, com vantagens e prerrogativas melhores que as dos oficiais urbanos, onde a resistência física e moral seja posta à prova, com rigor e desinterêsse, num cotejo ásperrimo.

Para encarar, de perto, com exemplos, essa interrogação espiralada no ar incerto dos ceticismos, tome-se, de pronto, duas corporações atuais, organizadas por homens de coragem e de inteligência, e lançadas aos vendavais dos desbravamentos, com fascinação jasônica: — o conjunto militar do Território do Acre e a Companhia de Fronteiras de Pôrto-Velho.

Uma, surgida do estoicismo do major Djalma Dias Ribeiro, a outra, do intenso patriotismo do capitão Aluizio Ferreira.

Ambas, vinculadas à terra, semeando-a de frutos opimos e rasgando-a em ótimas rodovias.

A primeira, investe contra as densas superfícies arboríferas do Acre, no desiderato de unir Rio Branco a Vila-Plácido. A segunda, iniciou a quilometragem na senda de Presidente Pena, como iniciará, breve, a enorme rede rodoviária de ligação no extremo matogrossense, com a estrada Guajará-Mirim — Vilhena — Cuiabá.

Assim se comportam os pioneiros. Assim comportar-se-ão os núcleos de resistência colonial militar, ao jeito daqueles que, em Bagé, em Sacramento, com a autonomia do seu trabalho agrícola, ao tempo dos vice-reis, levantaram o Rio Grande do Sul.

Essa, umas das mais sérias justificativas de Luiz de Albuquerque, ao oferecer, ao céu claro do Guaporé, o perfil medieval do Forte do Príncipe da Beira.

* * *

E, como se não bastasse essa alude de razões desabando sôbre o estendal de afirmativas trêfegas de João Severiano, uma outra comparece a plenário para o esclarecimento daquele gesto lusitano, que espantou Fon-

seca e espantará, por muito tempo ainda, os homens felizes que o defrontarem.

Rememoremos trechos do "Le Brésil em 1889" (pagina 25), citados em Sant'Ana Neri, recompondo, em largas pinceladas, o amplo cenário do Noroeste rondoniano, ao tempo das incursões portuguesas: — "Pelo Estado brasileiro de Mato Grosso, o Amazonas se liga à grande bacia do Prata, porque, próximo a Vila-Bela, as fontes do Guaporé, braço principal do Madeira, são apenas afastadas de algumas centenas de metros, dos pequenos cursos do Aguapeí e do Estiva, que se lançam no Jaurú, braço considerável do Paraguai, de sorte que, por meio de um pequeno canal, que os portugueses tentaram fazer, no século XVIII, ligeiras embarcações de fundo chato poderiam passar, de um ao outro lado, efetuando, assim, a mais espantosa das viagens, indo da embocadura do Prata à do Amazonas, pelo interior das terras."

O resumo aí está, nas suas côres mais vivas, arguindo a incredulidade dos céticos, a ignorância dos indiferentes, a leviana convicção dos psicólogos apressados.

Essa raça de titãs, que passou "muito além da Taprobana", não admira que passasse, de outro jeito, "muito além do Guaporé".

O plano era gigantesco. E a sua realização, importava no povoamento das ribanceiras fluviais, por onde teriam de transitar as futuras embarcações egressas da bacia platina.

E, como para o sustento de uma povoação àquelas alturas, não bastasse o edificá-la, urgia guarnece-la em fôrças bélicas para, atemorizando os inimigos, estabelecê-la com calma e segurança.

Daí a significação do Forte do Príncipe da Beira. Está êle colocado, a meio caminho, entre êsses manceiros do Aguapeí e o curso do Mamoré.

Conseguida a transfusão do Estiva com o Guaporé, havia mister consolidá-la por uma posição militar.

E' grande o Forte, não há dúvida. Mas, a sua grandeza, verificada em quasi tôdas as praças de guerra abaluartadas do litoral, revela o esforço de uma raça indomável e nobre que, nos ínvios sertões do Brasil, plantava pontos de defensiva e, do mesmo passo, monumentos arquitetônicos.

Aquela Fortaleza secular representa três coisas: — um núcleo militar de resistência, um marco divisório indestrutível e um glorioso monumento ao gênio português.

Essas três significações supriram o espanto e as interrogações de João Severiano.

Maxime, quando êle mesmo assinala o estado de miséria e de desconforto em que se encontraram as colunas armadas, quando ergueram aquelas maravilhosas e vetustas muralhas.

Aliás, note-se no trabalho do autor de "Viagem ao redor do Brasil", uma série de contradições. Obra tamanha não possuía motivos de levantada, pela ausência de selvícolas e inimigos brancos. Mais adiante, no entanto, afirma Da Fonseca que os remanescentes do Forte, receosos do gentio irascível e cruel, faziam roçados no lombo dos próprios paredões.

Existiam ou não, os adversários? Havia ou não razões?

Êsse dilema se perpetua, torturado entre as exclamações de espanto e as reticências de mofa de João Severiano.

O destacamento do Forte responde ao observador esgarçado.

Até hoje, recordando o passado, às ordens do diretor da Madeira-Mamoré, que é capitão de artilheiros, compõem os seus soldados um núcleo agrícola, base de uma futura colônia militar, que será, por sua vez, matriz de uma grande cidade.

A minha impressão foi a de quem assiste a um espetáculo inédito e magnífico.

Ao clarinar daquele sol fecundo e farto, os muros de argila canga, de pé, como sentinelas pompeianas inconspicíveis, semelhavam paralisadas de ferro, a guardarem um punhado de vidas e de sonhos, desafiando o tempo e glorificando o braço lusitano que tanto viveu pelo Brasil.

N Ú M E R O 6

Ao se falar em petróleo, corre, pelo espinhaço do mundo, um calafrio trágico. Todos conhecem a história triste e espetacular da nafta, derramando-se, em oiro, nas mãos dos homens, e em sangue no coração dos povos.

Mas porque falar em nafta, num livro de viagem? Responder-se-ia que a nafta vive em tôda a parte, ora correndo nas veias da terra, ora pingando dos fios telegráficos nos despachos febrís desta hora sombria.

Ou por outra: a região do Mamoré-Guaporé é um dos dedos do gigante, enclavinados no orbe.

Poder-se-á afirmar assim? E' audacioso êsse pensamento. Audacioso e leviano.

Não basta encarar o problema pelo seu lado resolvido no estrangeiro.

Não é suficiente olhar as tórres ou as sondas que se levantam derredor o território nacional, para gritar que o Brasil é um poço insondável de nafta.

Ao observador imparcial, ao contemplativo sereno, qualquer palavra adiantada sem raciocínio, qualquer afirmação admitida sem prudências nem filtrações, redundarão num gesto de insólito ridículo.

O petróleo pode existir em todos os países do mundo ou somente em alguns países do mundo.

Substituamos para melhor: em algumas regiões do mundo.

A geologia do petróleo é soberanamente ingrata. Imaginemos: uma criança, o método de diagnose petrolífera. Investiga aos tropeços, perquire aos desencantos, mergulha na terra, quanta vez, às cegas. Os trâmites de aparecimento e formação do óleo negro são de tal jeito desencontrados e díspares que é difícil, senão impossível, precisar com matemática exatidão onde existe e em que massa pode êle fluir.

Os caminhos científicos que percorremos não nos outorgam credenciais para o estabelecimento de programas, de leis definitivas, no que concerne ao descobrimento do óleo.

Em vários pontos da Terra, surgiram sinais de nafta. Por trás dos reposteiros dos "Foreign Affairs", as intrigas tramaram-se, os homens, afogados em sangue, boiaram sujos de nafta, para trazerem aos seus países o documento de posse dessas zonas malditas.

Transformou-se a fisionomia do planeta. O ouro, que era um velocino, na Grécia antiga, e uma independência, na moderna, perdeu o fascínio e a intangibilidade.

Qualquer mineiro de Apalaches, com as mãos cabeludas besuntadas de óleo, enche-as de oiro, displicentemente.

Nações atoladas na insolvabilidade financeira, miseráveis e desoladas, viram-se subitamente arrancadas do marasmo letal para a glória maior.

O que era excremento ontem, é energia e triunfo, hoje.

A eterna reversibilidade dos valores terrenos...

Por tôdas as bandas do mundo lutou-se pelo óleo: nos infernos climáticos da Pérsia, nas geladeiras da Sibéria, nos desertos graníticos da América do Norte, nas solidões de Java, nos juncais de Sumatra, nas orilhas do gôlfo do México, na Alsácia, na Rumânia, em Burma, na Galícia, no Japão...

Homens contra homens, bêbedos de ódio, manchados de óleo bruto, empunhando armas e imprecando aos céus, pelo domínio, de uma bôca demoníaca, surgida no chão, que, um dia, vomitou um lodo verde que valia milhões.

E êsse líquido mau, ficou claro, ficou translúcido, e, milhares de milhas além, pelas artérias de aço de um cavalo moderno, correu impelindo, numa rua de Londres, o "Rolls Royce" do Sr. Anthony Eden...

O ciclo da nafta, referto de lágrimas e de vinganças, constitue hoje o motivo dos enormes "dreadnoughts", dos "Clippers", dos "Junkers", dos exércitos...

Nos próprios Estados-Unidos, onde pontifica a "Standard", não foram poucas as decepções na cabra-gega petrolífera.

A ambição velava os olhos e o dólar, macio e sorrateiro, escoava aos montões, para tapar, muitas vêzes, um buraco estéril e desilusor.

A própria natureza do terreno pode aproximar uma probabilidade mas nunca adotá-la "in totum". Não faz muito, o diabásio era considerado um inimigo do petróleo. Onde existisse o diabásio seria infrutífera a pesquisa do óleo.

O México era cheio de diabásio. Um teimoso qualquer entendeu de lutar contra a norma inflexível dos geólogos dêsse tempo.

Perfurou, perfurou e, num dado momento, o petróleo subiu para o céu, levando consigo, pelos ares, a lenda daquela incompatibilidade.

Conta-nos Fróis Abreu que, um dia, um geólogo de projeção entre os seus pares, escreveu um artigo num dos mais autorizados jornais técnicos, demonstrando por A mais B, que a zona do Panhandle, no Texas, seria uma área produtora de pequena importância. As sondagen, no entanto, a transformaram numa área importantíssima.

Nas perfurações de Toole Sounty os prognósticos eram desalentadores.

As esperanças agiam na razão inversa do escoamento do ouro. À medida que as terras se levantavam, que os grandes tratores carregavam as sondas, que os futuros petroleiros chegavam em carros fechados para a construção da futura cidade, como se estivessem a realizar uma página novelesca de Upton Sinclair, as esperanças cavavam túmulos por onde refugiar-se.

Um pro-homem da nafta, geólogo de barba e ná-sóculos do Estado de Montana, olhando, um dia, o avanço dos maquinismos, a corrida dos mineiros, a localização da jazida em Toole County gargalhou sarcástico, com um desafio: — “Beberei todo o óleo que sair dessas terras estéreis!” Doze meses após, Toole County era um magnífico campo petrolífero.

A cumprir a promessa, o nosso geólogo estaria nas condições daquele alentejano que desapareceu depois de uma aposta, onde sorvera uma mistura de óleo de rícino, aguardente alemã e sulfato de sódio...

As áreas basálticas dos Montes Rochosos, com os seus sinclinais macios, mereceram de vários geólogos

negações fechadas no atinente ao seu aproveitamento comercial como campo de óleo.

Vieram os teimosos. E os gadanhos das sondas fizeram surgir os campos de Sumburst, em Montana, e os de Artesia, em Novo-México, desfechando golpe mortal sôbre a lenda inculcada pelos "donos da terra".

Eis porque não vale brigar, escudado tão só num documento geológico.

Mesmo porque a melhor demonstração de uma jazida petrolífera, o "seep", indica, mas não autoriza a medir, pelo jato, a massa de óleo soterrada.

Sabemos, e nem é isso segrêdo para ninguém, que o petróleo é um belógeno de primeira ordem.

E, mais que isso, é um tecelão de tramas sutilíssimas, na oficina internacional, confundindo, nas suas malhas, os diplomatas mais hábeis e os militares mais puros...

Os "acidentes", por decisão do rei-óleo, alargam-se por quantas bandas tenha o mundo. Dos assassinatos por arma de fogo, à arma branca, aos afogamentos, aos estrangulamentos, aos envenenamentos sutís, aos "suicídios", aos desastres ferroviários, aéreos, marítimos, automobilísticos...

Os titãs disputam o sub-solo do globo. Cada traulitada: um império. Cada sabotagem: um continente.

Os senhores da nafta já nos vigiam há muito tempo. Ninguém se iluda mais.

No capítulo da luta, já se esboçam, nos cenários da Pátria, as primeiras atitudes.

Monteiro Lobato publicou dois livros: — uma tradução de Essad Bey e um depoimento de Hilário Freire, com prefácios e oportunos comentários sôbre a atualidade brasileira em matéria de petróleo.

São livros acres, sinceros, de combate, livros de quem deseja asas para realizar o seu próprio sonho, que é o grande sonho de todos nós e do Brasil: achar-se a si mesmo, explorando petróleo.

Há histórias no seu livro que fazem pensar; há perfis indeléveis.

De início devo declarar que tenho a maior confiança nos moços engenheiros, patrícios ilustres, que servem à Nação, no Serviço Geológico Federal.

Não posso duvidar de um Glicon de Paiva, de um Fróis Abreu, de um Irnac do Amaral, um João Neiva de Figueiredo, um Fontenele, um Mário Mendes.

Devo, entretanto, como gente que enxerga dois dedos adiante do nariz, duvidar de um Oppenheim e de um Malamphy, não sugestionado pelas catilinárias de Monteiro Lobato, senão por experiência própria no convívio com todos êsses mandatários do argentarismo internacional.

Sei, a respeito dêsse Oppenheim, referências discretas, feitas por pessoas que o circundam nos trabalhos geofísicos, esclarecedoras dos manejos e das cabras-cegas dêsse malandrão de "deck A", no despistamento petroleiro.

O caso Bourdot Dutra é impressionante: uma consciência em luta contra si própria.

Washburne aparece como um tipo sobrenatural, a quem se desencantou com meia dúzia de passes do Oppenheim...

Não creio, pois, nessa raça de instrumentos do petroleirismo ádvena, nem em quantos, brasileiros ou não, ponham-se a defendê-los.

A Nação está ciente da sua condição de ventosada paralítica. Mas, entre estar ciente e estar conformada, a diferença é catastrófica.

Daí os gemidos de protesto que os patriotas dignos erguem aos céus, pedindo a Deus que tôda a nafta oculta pelo conchavo e pela solércia, suba em tromba aos espaços e caia, inflamada na alma dos palitiqueiros subterrâneos...

* * *

Não se pode afirmar que possuímos petróleo em quantidade comerciável. Mas, também, não se pode afirmar o contrário.

Em ambos os casos o interessado incorre numa leviandade.

Se as prospecções não dão direito a que se proclame existir petróleo industriável no Brasil, é desprezível atitude ou imperdoável impatriotismo assoalhar que êle não existe no território nacional.

O Relatório da Diretoria do Serviço de Fomento da Produção Mineral (1933-1934), dá como zonas a pesquisar, as seguintes, a partir do sul:

1 — Área de Lages-Santa Catarina — constituída de rochas permo-triásicas, com estrutura sabidamente favorável à acumulação de petróleo (embora um tanto erodida) e onde já se procedem a duas sondagens, uma das quais produzindo algum óleo.

2 — Faixa sedimentária permo-carbonífera e triásica, começando no Distrito de Ouro Verde, em Santa Catarina, e avançando até ao norte de São Paulo, através do Paraná. Nesta área já foram executadas as sondagens de Ouro Verde, Valões, Rio Claro (Paraná),

Marechal Malet, Guimarães Carneiro, Barbosas, São Pedro, Bocaina, Guareí, Bofete, Pirajú e Rio Claro (São Paulo), com ocorrência, em algumas delas, de petróleo e gás natural.

3 — A região devoniana de Monte Alegre e Itaituba, Estado do Pará, onde já foram efetuadas sondagens e encontrados vestígios de petróleo, gás natural e água salgada. De resto, os sedimentos de Monte Alegre contêm algas fósseis análogas às do devoniano petrolífero da região dos Apalaches (Pensilvânia, Virgínia Ocidental, Kentucky), considerados, nos Estados-Unidos, como matrizes de petróleo.

4 — A região do Javari-Alto Purús, Alto Juruá e Alto Acre, limítrofe com o Perú e Bolívia. Esta área, geologicamente mal conhecida, é muito sugestiva, quanto a petróleo, em particular a Serra de Contamana, contraforte dos Andes, pela proximidade dos campos petrolíferos daqueles países e a possível continuidade, no Brasil, das formações oleíferas, sob o espesso manto terciário e quartenário que cobre grande parte do Amazonas.

5 — O pantanal de Mato Grosso, contíguo ao Chaco Boreal, de geologia pouco conhecida e prospecção difícil, onde todavia é possível encontrar-se o horizonte petrolífero devoniano da Bolívia.

Entre outras áreas existentes, cita a Bacia do Rio Parnaíba (Maranhão-Piauí), onde a opinião unânime dos geólogos desapoia a ocorrência de um veio petrolífero regular.

Estão, pois, fora de discussão, no conceito do S.F.P.M., os indícios veementes do Riacho Doce, as pegadas petrolíferas do Lobato e do Cururupe e os sinais mais ou menos claros do Pacaás-Novos.

Quanto às prospeções de Itaitiba e Monte Alegre, mantêm-se elas na mesma temperatura de quando foram estudadas.

As do pantanal de Mato Grosso são ordenadas pela Companhia Matogrossense de Petróleo, organização particular, de ações integralizadas, e trabalhos começados.

O Javari, até agora, permanece uma interrogação. Oppenheim está por lá. Isso já é mau caminho...

Maximé, quando os nossos engenheiros moços se animam para a conquista de um poço e o chefão afirma que a nafta, por ali, é boato...

Os nossos limites com o Perú estão situados a quarenta quilômetros de vários "seeps", isto é, de inúmeras "chapopoteras", como dizem os mexicanos.

Os americanos acampam perto de nossas lindes, furando o chão na sede do óleo que esvurna em borbotões. Do nosso lado: "néris".

Entretanto, certo dia, recebeu um amigo meu, do Acre longínquo, de Cruzeiro do Sul, exatamente da região em aprêço, dois boiões de um óleo esverdeado, de cheiro característico, a que o ingênuo cavalheiro Sr. Henry Deterding chama petróleo.

Em carta particular, o ofertante declarava ao destinatário estranhar de como, existindo tanto petróleo por aquelas zonas (conforme prova engarrafada), ninguém o explorava ou vendia.

Esse petróleo do Javari e altos rios da região é um monumento... de hilaridade.

S. S. Van Dyne ou Edgard Wallace "entregariam os pontos" ante a imaginação de certos grupos argentários no bloqueio ao óleo peruviano do Javari.

Relate-se um fato, ocorrido faz pouco, que, no rosto, traz o índice de uma indelével inconsciência: — Nave-

gava, de Belém para o Alto Juruá, o navio "Miguel Bittar", de propriedade privada.

Num lençol d'água como o do Solimões, onde as larguras se confundem com o horizonte e o "thalweg" anda lá pelo reino das "boiunas", nada mais fácil que um encalhe, ou um acidente...

A certa altura, além de Manacapuru, o navio, que fazia manobras para safar-se de um pôrto, em marcha lenta, bate com uma alvarenga que o acompanhava num bico de pedra ou coisa semelhante e zás! mergulha com carga e tudo, salvando-se, incólume, tripulação, passageiros, macacos e papagaios.

O noticiário dos jornais afirmou: — o "Miguel Bittar" foi a pique, com carga e tudo, sem tempo de salvamento, exceto para os passageiros, tripulação, macacos e papagaios...

Coisa interessante: — o navio afundou, e quem abalroou com a pedra, rasgando o casco, foi a alvarenga...

Outra coisa interessante: — o navio desceu, sem tempo de salvamento da carga, e a caldeira, que estava trabalhando, pois o barco ia saindo, não explodiu com o banho frio...

Engraçado, não é?

Mais curiosa, entretanto, foi a notícia que correu, confirmada pela firma proprietária do lanchão: — o "Miguel Bittar" conduzia, para o Juruá, uma sonda de 1.500 metros, há muito esperada pelos engenheiros americanos que exploram os "seeps" da fronteira peruana...

Coincidência? Talvez, não é? Sabotagem? Sei lá, eu não tenho nada com isso...

Quanto a Riacho Doce, a coisa corre por conta técnica de Edson Carvalho. Monteiro Lobato conta uma porção de aventuras acontecidas nos arredores da zona em exploração, tôdas verídicas para quem conhece o nordeste, o petróleo e a ambição humana...

O caso Riacho Doce (em Alagôas) todavia, para mim, não possui a estatura do do Lobato, na Baía.

Nascido de um obstinado patriotismo, como é o de Oscar Cordeiro, digno cidadão baiano, trabalhador estênua pelo futuro da mais bela, mais saudável, mais promissora terra do Brasil, o Lobato, surgindo primeiro, com as tibiezas das iniciativas incipientes, obteve a atenção do Ministério da Agricultura e se constituiu zona privilegiada para prospecções petrolíferas.

Isso afirmaram Fróis Abreu, Glicon de Paiva e Irnac Amaral, traçando em elogios sinceros e sóbrios os perfís do homem e da gleba, como propulsores dessa nova corrente de progresso e de engrandecimento nacionais.

Voltemos, entretanto, à realidade que os nossos olhos acariciam...

Estamos descendo o Guaporé, orilhado de taxizeiros floridos e povoado de unicórnios hieráticos.

E por que a lembrança do petróleo?

Por causa de Monteiro Lobato e de um célebre dinamarquês, Torvald Loch.

A história de Loch é curiosa, tem ângulos de verdade e se passou nestas rechãs que ora atravessamos.

O seu mérito, como pesquisador de jazidas, é incontestável: — foi pôsto à prova e com sucessos flagrantes, no período angustiado da grande guerra, quando para satisfazer as exigências de uma aliança, mais comercial

que bélica, os Estados-Unidos incentivaram a abertura de novos campos petrolíferos.

Antes de entrarmos no assunto convém uma vista d'olhos em certas minúcias da geologia, para elucidação de têrmos e de pontos de vista, debatidos e usados pelos "oil-men".

De início vivemos nós a falar em "seeps", "seepages", "oil-seepages", como se estivessemos a dizer: — revolução, cadeia, colônia correcional e outros substantivos comuns...

Que é um "oil seepage"?

Digamos, em português, um "olheiro". Expliquemos: — há um foco de infecção num braço humano. Nesse foco realiza-se uma batalha, entre os germes da vida e os germes da morte. Cada soldado defensor que morre, representa uma gota de pus. Milhões de soldados mortos, milhões de gotas de pus. Uma coleção de pus, portanto.

Esse pús, prisioneiro entre os músculos mais profundos, tende a libertar-se. Atravessa as faixas de carne, provocando reações locais, e, certo dia, a pele enru-bece, esquenta, inflama, e dói. O tumor está presente, cresce, globaliza-se, cria um ponto de flutuação purulenta, que o povo denomina botão e, um dia, rebenta por êsse foco, numa ferida que o vulgo chama a "bôca" do tumor. Por essa "bôca", começa então a escorrer o pus sob pressão, até que o médico, vindo em socorro do doente, ajuda a fuga da matéria pútrida espremendo-a ou rasgando mais amplamente o foco.

Substituamos os têrmos.

O pus é o petróleo; as zonas musculares são as camadas telúricas; a coleção opressa é a jazida; a bôca do tumor eruptido é o "oil seepage", é o "olheiro".

Haverá fenômeno físico que identifique melhor o óleo do que um "seep"?

Creio que não.

O "olheiro", entretanto, é suficiente, para se aquilatar da riqueza petrolífera de uma região, em dimensão, em quantidade, em potência, em força expansional de jazida?

Creio, também, que não.

No que se relaciona a olheiros de petróleo, temos de considerar três casos estruturais (Fróis Abreu):

"1 — Exsudação de óleo pelo favor de exposição da "rocha reservatório". (Exemplos: — Sudoeste do Kansas, Sudoeste do Missouri, Nordeste de Oklahoma).

2 — Casos há em que o petróleo, em vez de ter em sua trajetória uma componente horizontal tão grande como precedentemente, sobe antes verticalmente, através de fraturas, fissuras e falhas. Se classificada neste item, a exsudação de petróleo é veemente indicatriz da presença local de "estrutura" geológica favorável ao armazenamento da substância que, por defeito na cobertura, poreja na crista. (Exemplos: — Campos da Califórnia, Golfo do México, Rumânia, Rússia, Burma, Java, Sumatra, etc.).

3 — Finalmente, há olheiros secundários que são alimentados por trajetos vicariantes dos condutos servindo aos tipos precedentes, quando êstes interessam ao acaso horizontes rochosos muito permeáveis ou sede de grande circulação de água subterrânea que arraste mecânicamente o óleo.

Estão, como exemplo, os diapirenos, que funcionam como verdadeiros paióis de lamparina, exaurindo óleo dos reservatórios profundos por um mecanismo capilar.

Em geral, "seepages" desta natureza nada significam quanto a petróleo industrial. São numerosos na Andaluzia, Baixos-Pirineus, regiões tôdas desprovidas de petróleo comercial.

Resumindo, e em caráter geral, pode-se afirmar:

a) Quanto mais rica em petróleo uma região é, mais indícios superficiais possui ela (Apalaches, Califórnia, Baku, Carpatos, Iran, Neerlândia, etc.). Há algumas brilhantes exceções a esta regra.

b) Quanto mais tectônica, quanto mais inclinação nos sedimentos, quanto mais falhas, tanto mais indícios superficiais de petróleo, sem que, por coisa alguma, sejam necessariamente importantes os depósitos que os forneceram.

Esta outra regra tem aplicação mais lata que a precedente.

Concisamente, em uma região estruturalmente bem coberta, de tectônica sub-tabular, pouco ou nada injetada de eruptivas, um pequeno "seepage" (exsudação ativa) apresenta-se com um tremendo valor indicativo da presença profunda de jazidas de petróleo.

De outro lado, em região de tectônica enérgica, falhada, ou atravessada por diques ou diapirenos, os indícios superficiais de petróleo perdem muito de seu valor indicativo, a não ser que os exemplos de sua presença muito se multipliquem na área em aprêço."

Temos, dess'arte, uma noção mais ou menos nítida, do que seja um "olheiro" petrolífero, de como se pode formar e o que representa um "seep".

Voltemos, pois, à história de Torvald Loch.

Através de Monteiro Lobato, no seu rebelado "Escândalos do Petróleo", entende-se assim a narrativa do geólogo dinamarquês:

“Estava “montado” em canoa subindo um rio quando achei petróleo boiando nágua, beirante à margem. Trilhei o petróleo durante dia e meio, rio acima, até o ponto em que vinha de terra, e, depois de abastecer-me de víveres, internei-me pela terra a dentro até descobrir donde o petróleo provinha. No quarto dia descobri uma “oil seepage”, ou exsudação ativa de petróleo num dos morros, dando aproximadamente de 500 a 600 litros por dia de 24 horas. Enchi com êle uma das minhas borrachas de água e também colhi amostra das areias que saíam com o petróleo. Era um óleo de côr verde-castanho, de gravidade leve e parafinoso — da mais alta qualidade conhecida. Aquele campo petrolífero apresenta muita semelhança com os do Oklahoma e do Texas, nos Estados Unidos. A formação geológica é provavelmente do período Paleozóico ou do Siluriano, e tudo alí indica que êsse campo talvez seja o maior campo de petróleo da América do Sul.

“A estratificação do petróleo deve estar a uns 500-600 metros. O terreno é um chapadão ondulado, com faixas de vegetação escassa, doentia, aleijada, em virtude das emanções de gás. Ao Norte e Oeste estendem-se, planícies e vales extensos, de 1.200 pés acima do nível do mar. Há nas vizinhanças do rio bastante madeira, própria para construção de tórres de sondagem.”

A “seep” estava situado à margem direita do Mamoré e esquerda do rio Pacaás-Novos, a 70 quilômetros da estação Guajará-Mirim, da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, nos limites com a Bolívia, a noroeste do Estado de Mato Grosso, com posição geográfica de 11°10' de latitude e 64°60' de longitude.

Vejamos, agora, um outro ângulo do problema.

Se nós podemos ter, em Edson Carvalho, no Riacho Doce, em Oscar Cordeiro, no Lobato, em Monteiro Lobato, no Xarais, legítimos pioneiros da investigação brasileira da nafta, temos também, no capitão Aluizio Ferreira, no noroeste matogrossense, um ardoroso partidário do petróleo brasileiro.

Quando disse eu para encararmos um outro ângulo do problema, é porque Torvald Loch, que denunciou uma "oil seepage" ao Sr. Vítor Oppenheim aos 28 de maio de 1935, inoperantemente, aos 18 de maio de 1937 integrou uma coluna de exploração petrolífera na mesma zona do Mamoré-Guaporé, chefiada pelo engenheiro Benjamin Rondon, por ordem de Aluizio Pinheiro Ferreira.

A história de Loch não tem, na realidade, a perspectiva colorida que lhe emprestou Monteiro Lobato.

Talvez haja encontrado uma "seep". Talvez, como novo Moisés, tenha entrevisto, no "maior campo petrolífero da América do Sul", a Canaan dos seus sonhos de geólogo amável.

O Relatório do engenheiro Benjamin Rondon, ao capitão Aluizio Ferreira, diretor da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, diz-nos, com sinceridade meridiana, do que houve e do que há, respeito ao petróleo do noroeste e à história de Torvald Loch:

"Pôrto-Velho, Amazonas, 17 de julho de 1937.

Exmo. Sr. capitão Aluizio P. Ferreira.

M. D. Diretor da E. F. Madeira-Mamoré.

Pôrto-Velho.

Em cumprimento às vossas instruções verbais, de ontem, venho fazer um rápido apanhado sobre o programa e andamento dos nossos trabalhos de Pesquisas Preliminares de Petróleo.

Partindo da cidade de Pôrto-Velho no dia 18 de maio passado (apenas três dias após minha posse no cargo de chefe da 4.^a Divisão na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré) prossegui viagem no dia 21 do mesmo mês, seguindo de Guajará-Mirim para o rio Pacaás-Novos, afim de alí verificar a existência de uma possível exsudação de superfície: "oil seepage".

A 22 do mesmo mês iniciei a ação em campo, com a turma que vos dignastes me confiar e que ficou assim constituída:

B. Rondon — Chefe dos trabalhos de pesquisas.

Dr. Torvald Loch — Descobridor da "oil seepage" e técnico em petróleo.

Tenente da Reserva Moacir P. Ferreira — Intendente e encarregado dos transportes.

Dr. Antônio Medeiros — Médico.

Enfermeiro Jessé — Transformado em chefe da turma de picada.

Um motorista, um cabo e quatorze praças da 3.^a Companhia do 2.^o Batalhão de Fronteiras.

A zona de nossos trabalhos se acha localizada em uma faixa do território nacional ainda completamente virgem de detalhes topográficos; e está apenas pontilhada em nossos mapas com alguns rabiscos, indicações de rios ou ribeirões.

Para ligar meus trabalhos dessa zona desconhecida àquilo já conhecido do Estado Maior do Exército, decidi usar a Carta da Inspeção de Fronteiras, que contém todos os detalhes dos levantamentos que tive pessoalmente

ocasião de executar — entre abril e julho de 1930 — nos rios Mamoré, Guaporé e embocadura do rio Pacaás-Novos.

E, para melhor e mais fácil desempenho de minha missão, tendo verificado que as informações do Dr. T. Loch eram bastantes vagas, por isso que se reportavam a uma viagem realizada há 33 anos passados, resolvi avivar as recordações do descobridor da "oil seepage", com uma viagem rio acima, até o possível limite de *seus Dois Dias de Viagem, a Remo, em 1904*.

Acresce, ainda, que o estado das águas do rio Pacaás-Novos, no período da nossa entrada inicial, impossibilitava o estudo completo das camadas constitutivas de suas margens, ainda submersas.

Durante a viagem de subida do rio Pacaás-Novos, que percorri até o antigo Barracão de Bom Futuro, executei os necessários levantamentos fluviais a telêmetro e bússola, ligando-os à minha estaca última de 1930, na barra do rio Ouro-Preto, ex-Pôsto Indígena.

Aproveitei ainda essa percorrida rio acima para levantar o Ribeirão Dois Irmãos em cêrca de 6 quilômetros; em seguida percorrendo o seu curso em perto de 20 quilômetros mais, dentro do emaranhado buritisaal no qual êle se perde, ao descambar do divisor de águas Rio Novo, Sotério, Dois Irmãos, possível anticlinal — reservatório de petróleo — a estudar em detalhe ulteriormente.

No decorrer dos levantamentos no vale principal, escolhi diversos Acampamentos Bases, localizados nos quilômetros 58, 41, 33 e 72, de onde, logo em seguida, irradiei as "Entradas" em rumo Sul, Sudeste e Sudoeste.

Em seguida, sempre com os mesmos rumos gerais, partí ainda dos quilômetros 79, 68, 51, 39 e 38, com pi-

cadadas de pesquisas ao interior da margem esquerda do rio Pacaás-Novos, atravessando em alguns lugares o divisor muito baixo, anticlinal erodido, dêsse rio com o Mamoré.

Seguindo, depois, o rumo geral dêsse divisor quasi invisível, estudei a falha ou mergulha das camadas que caracterizam a margem norte do lago do Cariasal, percorrendo essa borda mui interessante em 10 quilômetros, dentro da faixa que o Dr. T. Loch denomina — "*Minha Zona de 1904*".

Foram todos êsses serviços executados entre 22 de maio passado e 1.º do corrente mês. Trabalho pesado, sem um único domingo de descanso.

E' de justiça deixar aquí consignado o ótimo rendimento de trabalho dos soldados de fronteira que me foram confiados.

Desejo ainda agradecer ao tenente Moacir P. Ferreira, ao enfermeiro Jessé — transformado em chefe de turma de picadas — e ao Dr. Antônio Medeiros, a sua colaboração e assistência diárias, prestadas em tôdas as horas, no desempenho da árdua tarefa que tínhamos a completar.

Do Dr. Torvald Loch direi apenas que, apesar de seus 62 anos de idade, tem êle ainda bastante resistência, coragem e entusiasmo pelas pesquisas petrolíferas. Será um ótimo chefe de sondagens regulares, com sua prática de campo, adquirida quando Inspetor de Poços de Petróleo, a serviço do Governo Norte-Americano, nos Estados de Califórnia, Texas, Oklahoma, e Louisiânia, entre 1915 e 1919, período febril de abertura de Novos Campos Petrolíferos, durante a Grande Guerra.

Sem ter ainda concluído os desenhos dos trabalhos topográficos realizados e a classificação das amostras geológicas colhidas (o que nos será entregue em breve tempo) é interessante, entretanto, desde já declarar:

1.º — Não encontrei, nesta primeira viagem, qualquer indício de "oil seepage"; e, mesmo, não acredito ser possível ao Dr. T. Loch marcar, em 1937, o local exato da colheita de suas amostras de 1904.

E' muito pouco provável que uma pequena exsudação entre densa camada de fôlhas sêcas, seja ainda visível no mesmo local de sua descoberta em 1904.

Convém não esquecer o fato de que, em 1921, nesta zona do Madeira-Mamoré, foi sentido forte abalo sísmico, não sendo impossível o fechamento de fendas nas camadas profundas dos terrenos agora em estudos, na região do rio Pacaás-Novos.

2.º — Entretanto, mesmo apenas com um exame superficial de primeira entrada, tanto eu, como o Dr. T. Loch, podemos afirmar que a faixa Mamoré-Pacaás Novos em muito se assemelha àquela do rio Beni, descrito nos trabalhos oficiais do Governo Boliviano — "Informe de la Direccion General de Minas y Petroleo — 1929".

3.º — Durante nossa recente viagem, obtivemos ainda mais duas indicações de visíveis exsudações petrolíferas, nos barrancos da Deolinda e do Corte — o que vou pessoalmente verificar no próximo mês de agosto.

4.º — Os geólogos franceses Mrs. Pierre Fildemann e Lobin Balfouries, no ano de 1909; o industrial inglês Silley, em 1922; o geólogo americano — a serviço da Standard Oil Company — Mr. Mac Patrick, em 1925; em tôdas as suas informações, dão o *Vale do Rio Guaporé* como constituindo o *Eixo Geral da Zona de Maiores Probabilidades Petrolíferas* no território brasileiro.

5.º — Finalmente, será interessante citar os termos do Balanço Final dos trabalhos do Dr. Pedro de Moura, Assistente do Serviço Geológico e Mineralógico, que a fls. 13 do Avulso n.º 16 (ano de 1937), sob o título — “Possibilidades de Petróleo no Território do Acre” — Ministério da Agricultura, diz: “foram selecionadas áreas para as pesquisas de petróleo. Destas, as de maior interêsse, sob êste ponto de vista, são o Acre, objeto da nossa expedição, e as do Oeste Matogrossense”...

Consolemo-nos com a punção das sondas, gigantescos dedos de S. Tomé; pois só êles, verdadeiramente, é que nos dão a última palavra, derrocando esperanças ou criando fortunas.”

Conclusão: — Não possuindo aquí os “gigantescos dedos de S. Tomé”, que permitem descer até 1500 metros, considero interessante *desde já* preparar o seu trabalho futuro.

Para isso, sem demora, vou aprofundar a colheita de amostras das camadas superficiais, afim de verificar sua inclinação e ocorrência, e assim começar a entrever

a possível forma de dobramentos dos terrenos mais antigos, constitutivos do Fundo Dêste Grande Mar Interior, com razão a ser qualificado hoje:

Chaco Brasileiro do Guaporé-Mamoré.

Comigo tenho dois pequeníssimos dedos do citado Santo: uma sonda de percussão de quatro polegadas, trazida do Rio de Janeiro, para estudo de aluviões até 25 metros, e uma outra, Calix Rotativa de três polegadas, para cem metros.

Com elas vou colhêr o maior número de amostras de areias, argilas e rochas, nas camadas superficiais da região em estudos.

Procederei ainda à ligação dos diferentes furos de sondagem realizados, por meio de levantamentos e nivelamentos taqueométricos.

Vou executar a segunda parte dos nossos estudos, seguindo o eixo *Deolinda* (Mamoré), *Graças a Deus* (Pacaás Novos), em direção sensivelmente perpendicular aos dobramentos andinos e à direção geral dos afloramentos ígneos das cachoeiras dos rios Madeira e Mamoré.

Será a forma mais aconselhável para dar uma primeira idéia da construção e forma geral da zona das esperanças no Oeste-Noroeste Matogrossense.

Com vossa aprovação, vossas inteligentes indicações e vosso decidido apoio, prossigo na organização da *próxima bandeira*, utilizando a bêm aparelhada oficina e o habilitado pessoal da Locomoção, da E. F. Madeira e Mamoré.

Animado pela maior vontade de vencer aqui a nossa Luta pelo Petróleo, quero esperar que nossos trabalhos dêste fim de ano, no triângulo "barra do rio Pacaás-Novos-Deolinda-Graças a Deus" constituam verdadeiramente:

Mais um grão de areia a reunir aos estudos já realizados pelos nossos técnicos, especializados em estudos de petróleo.

Que todos êstes trabalhos, somados e bem interpretados, permitam a confiança necessária para o Rápido Início de Sondagens Regulares, único meio de transformar as *presentes probabilidades brasileiras*, nos vales dos rios *Guaporé e Mamoré*, em *reais possibilidades de petróleo*, no extremo noroeste do Estado de Mato Grosso.

Porto Velho, 17 de julho de 1937. — (a.) Benjamin Rondon — Chefe dos Serviços de Explorações e Pesquisas."

* * *

Um "speaker" de rádio diria: — acabamos de ouvir a história do Sr. Torvald Loch, através dum relatório do engenheiro Benjamin Rondon.

Efetivamente, não se nega, nem se afirma, a existência do "olheiro" do geólogo dinamarquês.

Somente, êsse "olheiro", que, a dar crédito ao que divulga Monteiro Lobato, baseado em documentos do próprio Loch, seria uma garganta portentosa a jorrar 150 barris de petróleo mensais e 1.800 por ano, não foi encontrado.

O "olheiro" calou-se, ou melhor, cegou.

Rondon não duvida de Loch: considera tão só, quasi impossível, encontrar, em 1937, o que se descobriu em 1904...

Com efeito, a distância é longa e, nesse interregno, vários acontecimentos geológicos se deram, afetando, com certeza, a guela do "seepage".

Podem as convulsões telúricas obstruir a fluência de um "seep"? Podem.

Houve algum fenômeno dessa ordem entre 1904 e 1937? Houve.

"Ergo"... o "olheiro" de Loch pode, perfeitamente, ter sido engasgado por um tremor de terra, sentido entre aquelas duas datas.

Saliente-se outra coisa: a exploração chefiada por B. Rondon no Pacaás Novos, de onde surgiu o relatório supra, foi realizada com o rio cheio, alagando as margens, logo, vedando, até certo ponto, o roteiro palmilhado pelo velho geólogo em 1904.

Nada disso, entretanto, estranha. O que, de fato, dá cócegas, é a maneira por que está expresso esse fato no livro do Dr. Monteiro Lobato. Loch teria, ali, comunicado a descoberta ao Sr. Oppenheim, com caráter de recentíssimo (1935), quando, de verdade, ela se passara trinta e um anos antes. Loch, depois da entrevista com Oppenheim, acompanhado de Alexandre Housding, concessionário de jazidas de diamantes do rio das Garças e incorporador da Mineração Hidráulica de Diamante Chapadinha e Criminosa, como não obtivesse nada, no tocante à iniciativa de exploração de "sua zona", voltara sobre os passos para tentar, dois anos depois, idêntica batida, às ordens de Benjamin Rondon, numa expedição organizada, custeada, dirigida e estimulada pelo capitão Aluízio P. Ferreira.

Uma de duas: ou Loch falseou para Rondon, ou para Oppenheim.

Ou, de outro jeito, Monteiro Lobato não contou a história como, de fato, ela se passou. O que é difícil...

Ninguém acredita, no terreno dos interesses imediatos, em 1935, numa história que teve por pano de boca o ano de 1904.

A "seepage" de Mato Grosso, de fato, não existe.

Há, entretanto, visíveis indicações de petróleo nos barrancos da Deolinda e do Corte, que Rondon viu e observou, como provas da riqueza mineralógica da região.

Eis em que se resume o explosivo capítulo do "olheiro" de Loch.

Dai a fustigar esse ilustre engenheiro com verrinas, isso não.

A história do petróleo do Guaporé não pára aí, todavia.

Poderia fazer ponto final, como o fez, em sua oleorragia, a "seep" de Torvald.

Mas... o Brasil continua, como descobriu Alvaro Moreyra e com êle o noroeste de Mato Grosso:

As notícias sôbre petróleo amontoaram-se para aquelas bandas.

Aluízio Ferreira continuou, patrioticamente, na fauna de exumar, do sub-solo riquíssimo de Guaporé, a nafta cobiçada.

Contratou, se me não engano, um engenheiro para prospecções na zona suspeita.

Um belo dia, Aluízio está no Rio, e a população de Manáus surpreendeu-se com uma novidade espetacular: — "Haveria chegado, incognitamente àquela região, um aeroplano desconhecido, com objetivo reservadíssimo, retornando, logo após um entendimento com o aludido engenheiro contratado."

Se é verdade, até hoje, nós não sabemos.

O de que temos absoluta certeza é que, desde essa data em que foi assinalado o avião, o tal explorador de jazidas, que era um entusiasta da nafta no Guaporé, principiou a dizer que não há hipótese de existir petróleo por aqueles trechos...

Engraçada também essa história, não é?...

* * *

Formo entre os que participam da crença no petróleo rondoniano. As sedimentações, naquelas rechãs, foram tôdas favoráveis à decomposição geratriz da nafta.

Tome-se um mapa do Brasil e se o encare pelo prisma econômico-social-histórico.

Poder-se-á dividi-lo pelo meio, por uma reta que, partindo de Sergipe viesse ter às fronteiras austrais de Mato Grosso.

A metade sul seria a fatia privilegiada. Estimuladas pelo clima: as imigrações. Pela facilidade de transporte: os núcleos urbanos. Pelo imediatismo produtor: os capitais estrangeiros.

A metade norte estagnou no abandono oficial. As iniciativas particulares que a desbravaram, colonizaram e incrementaram, não tiveram, nela, as maciezas e o conforto da metade sul.

Em 1500, despontaram as caravelas lusas diante da Baía, e a Cidade do Salvador ficou sendo a metrópole do Brasil.

Pouco a pouco, a revulsão das terras, o imperativo das corridas auríferas, o chamamento das bateias montanhasas, transferiu para São Paulo, Minas, Rio, o centro de gravidade da exportação nacional. Fôrça de expansão austral em 1937.

O norte continua ainda como uma consequência do sul.

A zona do Mamoré-Guaporé é um reservatório petrolífero, maior que os do Lobato, Riacho Doce, Javari, Ouro Verde, Lages, Pirajú.

O seu potencial está vigilante. Um dia, muito próximo, as suas veias telúricas falarão, os seus tumores virão a furo e o eixo de gravidade subirá para o Setentrião.

Fôrça expansional ao norte de 1950.

Para compreender assim, urge conhecer dos avanços da viação em todo o território nacional.

Até ontem, sómente derredor os cafezais de S. Paulo, as montanhas de Minas, os pampas gaúchos, aglomeravam-se, seduzidos pela lâmpada do progresso, os meios de locomoção.

Trens de ferro, rodovias, telégrafos, emprêsas de navegação marítima e aérea.

Um mistério, entretanto, começou de surgir no norte.

A região onde aviões desconhecidos chegam e saem, à francesa, onde navios sossobram grávidos de sondas petrolíferas, com tôda a naturalidade, começou a impressionar os capitais alienígenas.

E, por um passe de mágica, uma linha de aviões chegou até Manaus, e, de Manaus, via Pôrto-Velho, até o Acre.

A "Condor" forceja por conseguir um contrato até o mesmo local, passando sôbre Guajará-Mirim.

E, não faz muito, a "Transaquator Norte-Americana", expôs o eu gigantesco plano de cruzar as Américas, passando sôbre Manaus, Guajará-Mirim, São Luiz de Cáceres, etc.

Há, como que um eixo de atração nessa zona privilegiada do Mamoré-Guaporé.

Os ingleses e americanos sabem disso muito mais do que nós.

O petróleo será o levantador do Brasil setentrinal, cujo coração será a Rondônia.

Sabendo-se que a abertura de um campo petrolífero fabrica cidades em menos de seis meses, não será romance dizer que, em alguns anos, as cidades de Guajará-Mirim e Pôrto-Velho, podem vir a ser, respectivamente, S. Paulo e Santos, dêsse "Brasil Novo" do Extremo Norte.

* * *

Quanto a não existir petróleo no Brasil é trapaça afirmá-lo.

Prudentemente, chegaremos a ótimos resultados, nesta luta tremenda, onde se defrontam gigantes do dólar e da libra e para a qual entramos com um capital feito de coragem, audácia e patriotismo.

Faltam-nos capitais. Sobretudo, capitais corajosos. O brasileiro não arrisca num golpe cego de Bolsa, uma fortuna conseguida a machadadas e a insônias. Nem o brasileiro, nem o português, irmão xifópago do lado de lá...

Dai o nosso atraso no petróleo. E' êle um leão sa-nhoso e "lidar com êle é agarrá-lo pela gola".

Talvez seja êle mais um poço de areias gulosas onde mergulham, para sempre, fortunas inteiras e de onde saem, em "geysers", milhões de dólares...

Não queremos arriscar capitais como o americano Eis porque ainda estamos na idade do tatibitate petrolífero.

Organizemos emprêsas com solidariedade de grupos financistas e lancemo-nos aos azares da nafta sinuosa...

Com uma certeza: ganharemos milhões num esguiço de óleo ou perderemos milhões na aridez de uma sondagem estéril...

Essa, a verdade.

Confirmada pelas palavras insuspeitíssimas de Glicon de Paiva, assistente-chefe do Serviço de Fomento da Produção Mineral: — “E” difícil apanhar petróleo e sua pesquisa foi sempre, é hoje, e será amanhã um jôgo na lídima acepção do têrmo, jôgo caro onde as paradas se medem em centenas de contos de réis.”

Linda roleta!

O pessoal do Guaporé está resolvido a jogar com o destino.

O palpite é esplêndido.

Resta fazer o jôgo. Quando o “croupier” gritar a bola, os céus da Rondônia estarão cinzentos de tôrres e de jatos...

E a parada será segura.

N Ú M E R O 7

Neste Brasil que vencemos a bordo da "Horta", tudo nos chega aos turbilhões, como se a Natureza, emparedada nos platós, multiplicasse até o infinito os seus rumores cavos do sub-chão e as gamas incríveis dos seus meteoros.

Faixa pletórica de minérios, entesoura ela, com a sua vanguarda petrolífera, tôda uma série de pedras preciosas, de metais raros e caros.

Enfrentamos a nafta.

Os Rockfellers-mirins já tiveram contas conosco, revisados os seus documentos e os seus objetivos.

— "Mas esta região inigualável não possui só petróleo!" — exclama, como se a pedir explanação mineralógica mais ampla, o nosso simpático e bondoso major Oliveira.

Quis emprestar à cena um caráter misterioso: chamei os militares e, aproximando-lhes as cabeças, como num "match" de "rugby". segredei: — "Ouro..."

Foi uma brincadeira de puraquê. As medulas empinaram-se em continência à sua Majestade o Ouro, e os ouvidos escancararam-se como ostras, esperando roteiros...

Sempre o ouro... Diante do petróleo ele é um escravo, mas o homem ainda não se desliga do servilismo milenar ao bezerro fatídico.

Mesmo com a quebra do seu padrão continua ele discricionário.

Surgirão Torvalds Lochs auríferos, despertando celemas, no grosso desta nova história?

O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira conta-nos que, em 1757, João Fortes Aragão achou, perto da catarata de Ribeirão Preto, no Madeir "ouro e pedras cristalinas"...

Sabemos dos depósitos carboníferos ao longo do Guaporé-Mamoré; conhecemos os pórfiros do Madeira, de belo efeito arquitetônico e suspeitamos do seu petróleo, suado da terra pelos poros vestígios dos olheiros.

O ouro vai na mesma esteira.

E' da ciência de quantos exploradores andaram por aqui, usarem os índios — aristocráticos selvagens mamoreanos! — frechas de água, achas de liorito polido, de trapp, de sienito, de jade, além de ornamentos de feldspato, xisto, nefritá, berilo, quartzo chiliano e ortosa verde.

Usança vinda de gosto requintado? De preferência bélica? De utilidade melhor?

Não. Vem ela da abundância, na zona, dêsses minérios preciosos.

Seduzidos pelo cromatismo das pedras, pelo brilho dos quartzos, pela serenidade glauca do jade e das nefritas, preferem os aborígenes usá-los no vértice das azagaias, no bico das zarabatanas, na ponta das lanças e das facas selvagens.

Isso indica, tão somente, que a faixa Mamoré-Guaporé, que nós cortamos de lancha, é um nanancial mi-

lagroso e inestancável de inúmeros minérios, de imediata utilização comercial.

Por várias bandas do território nacional se aglomeram jazidas auríferas, umas trabalhadas por exploração multi-centenária, outras, como que relegadas ao abandono ou guardadas para ulteriores minerações, em dias de grave penúria para o organismo econômico do Brasil.

Ao se falar em ouro, cita-se, de pronto, Minas Gerais.

Morro Velho é um símbolo.

As suas galerias seculares já mereceram as honras de várias visitas de reis e de príncipes.

A Baía é veterana na drenagem do cobiçado minério.

Açsuruá, Sincorá, Itapicurú e Rio de Contas, surgem como arcas escondidas de algum Cavendish romântico!...

Rio de Contas!... Renato Laporte... Dinheiro generoso... Gentilhomeria congênita...

O Gurupí vem depois. Da aldeia de Canelas até a Ponte de Ibacanoa, o rio maravilhoso se deita num berço de ouro, desafiando as prospecções e as sondagens.

Paraná e São Paulo dão-se as mãos nas suas minas de Timbutiva e Ferraria e as do vale do Ribeiro do Iguape.

Goiaz em Bonfim, Rio Grande do Sul em Lavras, o Amazonas com os seus campos auríferos da bacia do Rio Branco, onde a par com a diatomita dos "lavrados" do Surumú, Tacutú e Maú, do cristal de rocha, da ágata (calcedônea policroma), da mica dos pegmatitos, do jade-nefrita de onde se origina o "muyrakitan", do salitre provindo do acúmulo do excremento dos morcegos na Serra da Mina, do diamante da Serra do Tijuco, exis-

te o ouro, explorável, abundante, farto, fonte permanente de tragédias e recontros entre os negros guianenses e os vaqueiros amazônidas.

O metal oculto nas dobras do gneiss arqueano da penepalanície riobranquense não existe lá somente, como um atestado eloquente da fortuna mineral de tôda a zona que cinta o arenito Kaieteur do sistema orográfico lindeiro.

O ouro do Mamoré-Guaporé é uma realidade admirável.

Na plataforma de Vilhena as jazidas se revelam sem complicados estudos prospectivos.

O quadrilátero esplêndido que serve de "divortium aquarum" para o Guaporé e o Cabixí, além de sua extraordinária posição geográfica, de clima europeu e perspectivas inolvidáveis, representa um manancial poderoso de bauxita e ouro, um dos maiores talvez, do continente.

De que maneira se deve, todavia, encarar a mineração aurífera?

Antes de tudo, atentemos sôbre os percalços, os desencantos, as investidas da exploração do ouro, no passado.

E' mister escutar as lições amáveis e sábias de Glicon de Paiva, um dos mais brilhantes geólogos moços do país, no que concerne à mineração do Gurupí.

PRIMEIRO PROBLEMA: *Transporte e comunicações entre Maranhão e Pará*. Soluções: — a) *Reconhecimento da "Estrada Real" de Belém a Alcântara, feito por Pedro Teixeira (1616)*, cujo melhor resultado foi denunciar, somente, a envergadura de ótimo bandeirante do seu desbravador; b) — *Picada de Ourém a Viana, de Bento Maciel Parente (1622)* hoje extinta; c) — *Estrada de*

Correios (1794), hoje extinta; *d*) — *Estrada das Boiadas*, (1796), vereda difícil, mas por onde têm trafegado, até hoje (1935), centenas de milhares de bois do Maranhão para o Pará; *e*) — *Linha Telegráfica*, cuja picada dos fios é utilizada, hoje, como estrada para pedestres e cavaleiros; *f*) — *Projeto Getúlio Nobrega*, de Pedreiras (Maranhão) a Capanema (Pará) (1912), sem nenhuma repercussão atual.

SEGUNDO PROBLEMA: *Braço mineiro ou agrícola*. Soluções: *a*) — *Escravidão Vermelha*, possivelmente abolida em 1775 (Séculos XVII e XVIII), cujos resultados foram péssimos. Sendo o índio mau agricultor e pior mineiro, o ouro lavrado nesta época provavelmente entrou para a “Companhia de Jesus”; *b*) — *Escravidão negra*, abolida em 1887 (Séculos XVIII e XIX). Constituiu-se esta solução o esteio econômico do Brasil Colonial e Imperial; *c*) — *Colonização chinesa e portuguesa no Maracas-sumé* e em Pirocaua (1855 a 1860). Esta colonização está hoje extinta, de vez que o imigrante utilizado se revelou inadequado ao clima, logo, improdutivo, sem resistência, fraco; *d*) — *Nordestinos* (Século XX), que, sendo homens fugidos da sêca e ignorantes da arte de mineirar, tiveram, tão só, a seu favor, a resistência física aos insultos do clima, constituindo, hoje, a principal população local.

TERCEIRO PROBLEMA: *Assistência técnica*. Soluções: *a*) — *Importação de mestres mineiros de Minas Gerais* (1810), com repercussão local e efêmera; *b*) — *Companhia de Mineração Maraço Maranhense e Montes Auroreos Mining Company* (1855 a 1865), dez anos nos quais só lograram uma repercussão reduzida e limitada em espaço e tempo; *c*) — *Faiscadores guianos*, chegados há pouco (1935), do Calçoene, sem resultado ponderá-

vel ainda; *d*) — *Comissão do S.P.F.M.* (1935), em instalação para início de trabalhos.

QUARTO PROBLEMA: *Transporte marítimo organizado*. Soluções: *a*) — *Companhia de Navegação a Vapor* (1854 a possivelmente 1920), extinta em 1920. A liquidação desta Companhia e da sucedânea, cujos vapores o "Itapeua" e o "Itapicura", apodrecem em São Luiz, nos tijucos do Anil, foi a morte da Economia do Noroeste do Maranhão. Milhares de contos de réis de madeiras foram exportados, outrora, em seus navios; *b*) — *Cabotagem de Bragança a Pirocaua*, escalando em Carutapera e Vizeu, na pequena lancha "Rio Gurupí" (1935).

Esta solução, apenas iniciada, realiza viagens irregulares, transportando passageiros e pequenas cargas.

QUINTO PROBLEMA: *Conhecimento científico da terra*. Soluções: *a*) — *Comissão Souza Pitanga* (1857), da qual só é conhecido o mapa de Bottenstein; *b*) — *Expedição de Guilherme Dodt ao Gurupí* (1872), da qual se ignora o paradeiro dos mapas, figurando somente, como documentos, um extrato do relatório e um quadro de coordenadas; *c*) — *Guilherme Capanema e Arrojado Lisboa* (1891 e 1895), cujo resultado é o Boletim n. 7 do S.F.P.M., fundamental ao conhecimento geológico do Gurupí; *d*) — *Comissão Paulo de Queiroz* (1910), de resultados inéditos; *e*) — *A prospecção de Shaw, Wright e Darnell* (1922), de resultados parciais publicados em 1925 (*Economic Geology*); *f*) — *I.G. Farbenindustrie* (1929), cuja repercussão está afogada num documento privado; *g*) — *Raimundo Lopes* (1930), cujo resultado se desconhece; *h*) — *Tanakadate e Iki-shima da Companhia Nipônica* (1932), também com resultado documental privado; *i*) — *Ruben de Almeida*

(1933), que redundou numa publicação oficial do Estado do Maranhão, muito informativa e propondo medidas fiscais; j) — *Comissão do S.F.P.M.* (1934 e 1935), em publicações do S.F.P.M. e do S.G.M.

SEXTO PROBLEMA: *Legislação mineira*. Soluções: a) — *Regime Domamol*, da época do Império, cuja repercussão deu lugar ao Surto da Companhia Maranhense e da Montes Aureos G. M. C.; b) — *Regime de acesso* (Leis paraenses de 1894, 1896, 1902, 1904 e 1921), ao tempo da República. A lavra do Gurupí deu-se à inteira revelia destas leis objetivando tôdas, apenas, os interesses fiscais do Estado; c) — *Regime do "Res Nullio"* (Código de Minas — 1934), entrado, apenas, em execução.

SÉTIMO PROBLEMA: *Guerra ao negro fugido e ao índio agressivo*. Soluções: a) — *Abolição da escravatura* (1888) e b) — *Pacificação do Urubú* (1928), cujos resultados foram inteiramente radicais, tornando inexistentes os respectivos problemas.

OITAVO PROBLEMA: *Evasão do ouro*. Soluções: a) — *Inspetoria de Minas e Castanhais* (Pará, 1931), medida contraproducente, já extinta; b) — *Inspetoria fiscal da zona aurífera* (Maranhão, 1933), idêntica à anterior; c) — *Política do Banco do Brasil*, pagando pelo ouro o justo preço internacional (1934 e 1935), cujos benéficos resultados, até agora colhidos (1935), permitem as maiores esperanças sôbre o sucesso da medida. O Banco deve sempre pagar em papel o preço internacional do ouro e mais um ágio de um a dois por cento.

A medida não produzirá todos os efeitos se não coexistir com a possibilidade fácil de pequenas coberturas no exterior. (Remessas de mesadas, compra de livros, artigos farmacêuticos, etc.).

Depois de 17 meses de persistência nesta política, o Banco do Brasil havia comprado 9.669.074 gramas de ouro, equivalente a 1.320.482 soberanos ou 2.203.196 libras.

NONO PROBLEMA: Saúde Pública e policiamento.
Soluções: a) — *Comissão Souza Araújo do D.N.S.P.* (1921). Foi uma viagem de reconhecimento das condições médico-sanitárias do Gurupí, até o Pôsto Felipe Camarão, na Campanha de Profilaxia Rural do Pará; b) — *Inspetoria Fiscal da zona aurífera* (1933) e c) — *Inspetoria de Minas e Castanhais* (1934). Com a extinção destas entidades, os Estados se desinteressaram pelo policiamento e pelo saneamento rural que vinham desenvolvendo com certo mérito. As lavras, hoje, não possuem polícia nem postos de saneamento.

Os principais problemas, são, pois, em evidência, os do transporte e o da Saúde Pública. Com o desaparecimento do primeiro, houve uma embolia nas artérias financeiras e produtoras da região. Com a ausência do segundo, o crescimento constante da população e a proliferação do paludismo que cronifica e abate o vigor dos grupos humanos, concorrem para a estagnação do potencial energético do Estado, respeito à mineração aurífera, que requer vigilância constante, caminho livre, perseverança técnica e capitais móveis e abundantes.

Todos êsses óbices, encontrados na síntese admirável de Glicon de Paiva, revelam uma verdade, cujas arestas, duras e promissoras, definem o futuro nacional no capítulo: Mineração.

O lusitano foi corajoso e infatigável no desbravamento do sub-chão, como o fôra na violação da selva intrincada e brutal.

Cavou, joeirou a terra, bateou cascalhos no seu primitivismo, e esbarrou com um obstáculo que, ante a sua precariedade mecânica, lhe fez sopitar o entusiasmo e a natural ambição: os lençóis d'água.

A isso poderíamos denominar: a raspagem superficial das colônias.

Como se os grifos de um titã houvessem ciscado a carapaça do orbe, nestes lados, assim se houveram os portugueses, conquistando para a corôa, as camadas superiores da gleba como já a tinham conquistado em extensão e em largura.

E' verdade que os processos empíricos de exploração inicial das jazidas coloniais, talvez concorressem, de muito, para o seu abandono atual.

Sim, porque não basta explorar; — urge saber explorar.

Um trabalho precipitado ou desordenado como o era o do tempo dos "quintos à coroa", prejudica ou impossibilita, mesmo, a sua exploração ulterior, para fins industriais.

Podemos citar como doloroso exemplo disso, quasi tôdas as portentosas jazidas da Serra de Ouro Preto (Minas), onde existem cerca de 30 quilômetros, de galerias mal orientadas, em franca decadência material, sem assistência técnica, arruinadas por desabamentos posteriores.

As etapas científicas para o aproveitamento de qualquer minério são, hoje, à luz dos conhecimentos mais apurados, pontos incontornáveis.

Admita-se que determinados indivíduos, absolutamente ignorantes da matéria, informam da existência de ouro em certo trecho de uma região. (Isso tem acontecido frequentemente com os vaqueiros do Rio Branco

— (Amazonas), cujos processos de exploração iam ao rudimentarismo pre-colonial).

O dever do informado, se tem êle interêsse no aproveitamento do minério, é contratar um técnico ou se êle fôr técnico, operar:

1.º — pelo Reconhecimento, que representa o primeiro passo científico após a informação leiga. E' a vanguarda da exploração;

2.º — pela Pesquisa, que abrange quasi sempre uma larga porção de terras, uma região, portanto;

3.º — pela Prospecção. Em primeira plan a prospecção geo-física, com todos os seus subsídios utilísimos de diagnose do minério. Depois a escolha de instalações apropriadas, de maquinismos adequados, do ponto da zona, mais rico, por onde se iniciam os trabalhos, das condições de exploração, do custo do minério para o cálculo do seu resultado prático, do custo das instalações, etc.

Finalmente,

4.º — a Exploração, propriamente dita, com todos os seus óbices, vantagens e promessas.

Não é preciso correr-se de paciência na investida adentro a História Pátria, para certificar-se de que a mais densa percentagem do desânimo indígena no atinente às decepções exploradoras, vai por conta da sofreguidão, de, por ignorância ambiciosa e comraprodente, passar da primeira à última fase, sem seguir os trâmites científicos naturais.

A engenharia fez progressos espantosos. A física avançou no tempo e no espaço. A mecânica é uma realidade insofismável, digna dos sonhos de Wells de Júlio Verne, de Priestley.

Hoje, o motor a explosão, o motor elétrico, os mais hodiernos processos de recuperação do precioso metal, permitem, seguramente, que se cogite voltar às zonas abandonadas pelos portugueses.

Operar-se-ia, em outro jeito e época, um simbólico "recoo do meridiano", com nova invasão de terras, que, até agora, permanecem na virgindade úmida dos aluviões.

Considere-se, também, um outro fator, notavelmente prático, que, outrora talvez houvesse influído na parada dos trabalhos de mineração colonial: o preço do metal, cujo aumento permite, no momento, maiores despesas de transportes e de tratamento ou recuperação.

Sobre êsse auxílio, inexistente à época das cadeirinhas e dos andós, acrescente-se o rádio, o avião e a higiene, três gênios protetores do Século XX, permitindo trabalhar em zonas inacessíveis e inabordáveis até bem pouco tempo.

Urge que se desdobre para o país uma paisagem, já conhecida, mas nova aos olhos dos vexilários da ciência moderna: o redescobrimento do Brasil Colonial, com tôdas as suas riquezas, que não serão apenas ouro, mas todos os pequenos metais, necessários à metalurgia atual, fazendo-nos passar, mui breve, de consumidores a exportadores.

Isso trará consigo, dois esplêndidos resultados: — dará trabalho ao nativo que se ressentia já de núcleos onde exercer a sua atividade e utilizará, de outra parte, energias estranhas ao meio, integralizadas pela própria função fagocitária do ambiente.

Não existirá romance nessas afirmações?

Creio que não, de vez que se exploram riquezas certas e lucrativas, fato já provado pela colonização cos-

mopolita da América do Norte, onde convescotearam tôdas as raças na célebre arrancada para o Oeste e onde, hoje, só existem americanos.

Mesmo porque, é necessário terminar, até por imperativos sinceramente patrióticos, com essas falsas noções de grandeza hipertrófica com que os sentimentais históricos e geográficos costumam pintar a Nação, quando se referem ao "nosso ouro".

Examinemos alguns dados sôbre a produção mundial do ouro, através dos estudos de L. J. de Moraes, com base em De Launay e Alberto Betim Pais Leme.

Ao fim da Idade-Média, tôda a produção aurífera da Europa, não ultrapassava 100.000 quilogramas, incluído o metal extraído antigamente na Ásia Menor, na Armênia, na Caldéia, no Egito e, mais tarde, no Mediterrâneo e em Portugal. principalmente na planície de Granada e no vale do Pó.

Descobriu-se a América. Novas perspectivas, abriram-se para os povos do Velho Mundo. As caravelas, e com elas a flibusta dos Morgan e dos Bradford, povoaram, recheadas de oiro, os mares atlânticos.

A extração anual passou a 5.800 quilogramas e depois a 8.600, conservando-se assim até meados do Século XVII.

Ao dealbar do ano de 1693, as minas brasileiras forçaram uma ascensão produtora mundial para 10.000 quilogramas em 1700, e 24.000 em 1760.

Os aluviões nacionais, entretanto, por aquelas razões anteriormente citadas, entraram em precoce esgotamento, sobrevindo, então, uma queda na produção aurífera, que passou a 17.000 em 1800, a 11.000 em 1820, atingindo 20.000 em 1840.

Segue-se a fase russa. O mercado do ouro engalanou-se. Os algarismos incharam e arredondaram-se em 50.000 quilogramas anuais.

Essa produção hipertrofiou-se admiravelmente entre 1835 e 1846, com uma média mensal de 125.000 quilogramas, conforme cálculo do Dr. Adolf Soltbeer.

Dá para diante, a coluna quantitativa do metal precioso subiu sempre. Já com a descoberta das minas da Califórnia, no ano de 1848, e da Austrália em 1851, a balança mundial acusava 4.600.000 quilogramas. Em 1870, novo pulo: — só das furnas auríferas da Califórnia eram colhidos anualmente mais de 300.000 quilogramas de minério.

Essa tensão favorável manteve-se até o ano de 1875.

O colapso principiou em 1876, com uma queda para 200.000 quilogramas e, mais tarde, em 1883, para 144.000 quilogramas.

Poder-se-á chamar (L. J. de Moraes), de “primeira idade do ouro”, a essa época moderna de mineração, para a qual contribuíram, e em quantidade razoável, outras jazidas americanas, como as de Eureka e Comstock, no Estado de Nevada, e as minas de Nova Gales do Sul e Vitória, na Austrália ocidental.

As prospecções continuaram. As investigações não arrefeceram. Por outras partes do mundo, os ganhos das máquinas espetaram pepitas e conquistaram novos reservatórios.

Surgem os filões de Witwatersrand, no Tranvaal, os conglomerados de Kalgoorlie, na Austrália Ocidental, os veios do Colorado e do Alaska.

A ciência auxiliou o homem. Os métodos recentes de cianetação, fizeram crescer a produção, de 1885 a 1897, obtendo 500.000 quilogramas.

Era a "segunda idade do ouro".

A guerra do Transvaal atrapalhou a subida constante da produção.

Natural isso, aliás, num período convulsivo como foi o da rebelião dos Boers.

Definharam um pouco os números.

A reação, entretanto, foi benéfica: ascenderam depois, e por tal jeito que, em 1915, alcançavam acima de 700.000 quilogramas.

Após a pleora, a oscilação, índice de equilíbrio: — tendências para baixa (1922), quando os algarismos mergulharam a 500.000 quilogramas.

Estabilização entre 1923 e 1926, iniciando nova corrida ascensional em 1927, com quantidades inéditas desde 1932. Assinalaram-se em 1934, 850.000 quilogramas, superior em 70.000 quilogramas à produção de 1933.

A Rússia tem se portado como um grande armazem aurífero.

E, na América do Sul, o país de maior potencial produtor, em 1934, foi o Chile, com 7.420 quilogramas, vindo depois a Colômbia, e em terceiro lugar, a nossa Pátria.

Eis porque, urge o redescobrimento do Brasil Colonial.

As minas aí estão, arranhadas apenas, umas, enquanto outras permanecem na pureza das virgindades primitivas, como estas do Guaporé, das quais, nós que viajamos como observadores avisados, sentimos o fascínio e a graça, no brinquedo dos índios e no rolar das águas tumultuosas...

E' necessário achar o Brasil, de novo. O litoral não é nada, em face dêste sertão ávido de braços e de máquinas, como um coração prestes a funcionar.

Sendo assim, a nossa Amazônia, se podemos chamar desta forma Mato Grosso, Amazonas, Acre, Pará e trecho do Maranhão, em futuro próximo, tomará o lugar que merece, no cômputo da Economia Nacional.

Tornou-se clássico um conceito pejorativo com que um "bairrista", pegajoso e primário, batizou o quadro financeiro do país: uma locomotiva puxando vinte vagões vazios.

Admitamos a tirada imbecil. Ninguém possui o direito de duvidar de uma criança, de um louco, ou de um fátuo.

Todos três são sinceros nos seus arroubos.

Nós, brasileiros sem fronteiras internas, amamos São Paulo. Vá lá, pois, a imagem vulnerante.

Quando o Guaporé, realizar o que deseja, com o seu petróleo e o seu ouro, então, melhor para os vagões vazios: serão duas locomotivas.

N Ú M E R O 8

Ia alta a madrugada quando o pranchão desceu, de bordo da "Horta", sôbre o lameiro das barrancas de Guajará-Mirim. A cidade lindeira, adormecida na bruma, lembrava uma pousada de gigantes. A estação da ferrovia, os barracões dos funcionários, chaminés, vultos vagos embuçados na sombra densa, flóculos de névoa turbantizando os lampões foscos e esporádicos, o corpo de escolopendra do trem especial, deitado no chão úmido, atunelado na noite, ruminando o silêncio sideral que acampara sôbre o burgo.

Restos de notambulismo esfarrapando a solidão tititante.

Nada conseguimos ver de Guajará-Mirim. Entretivemos, no entanto, com os seus homens, palestras estratégicas de repórter.

Pulsava, no cavado arcual daquela ante-manhã friorenta, o enorme coração de um povo distante, que acantonara, nostálgico e patriota, naquelas orilhas do Marmoré, para a festa de consagração do Brasil da fronteira.

Aos poucos surgiam, egressos da penumbra daquelas ruas que endireitavam para o leste, cidadãos estremunhados, arrancados do leito pelo grito estridente do combóio.

Movimentou-se a praça principal da cidade. Enrustidos nos capotes negros e grossos, os munícipes guajaraenses vinham trazer-nos as suas despedidas.

Éramos esperados desde a tarde. A sociedade local havia até preparado uma noitada alegre de recepção, de par com um banquete, com certeza lauto e rútilo, que o nosso apetite transmontano não lograra devorar.

Decepção local certamente desculpável diante dos precalços que encontrámos no rendilhado granítico das corredeiras.

Aquela hora de comovente lirismo e solitude, só os abnegados e os amigos poderiam chegar até ao pôrto, estreitando-nos num abraço.

O transporte começara.

Nossos taifeiros iniciaram o vai-vem, conduzindo carga, utensílios e bagagens, da "Horta" para o trem.

Dentro de uma hora arrancaríamos para Pôrto Velho, vencendo a mesma extensão de trilhos já palmilhada, e pretendendo alcançar o Amazonas ainda a tempo de visitar as instalações da Estrada, as rodovias do perímetro urbano e o avião que alçaria vôo ao dealbar do dia seguinte.

Formaram-se os grupos. Aquí e alí, os comentários traçavam-se em sorrisos, espoucando na brandura da madrugada infinita.

Os espíritos acasalavam-se na procura recíproca, obedientes à lei das identidades.

Os incidentes, as peripécias, os desencantos, desfiavam-se lépidos e ilustrados, nos racontos feitos em traços, em caricaturas, em fotografias.

O tempo carecia de espaço para as suas tropelias...

Vagava em tudo uma saudade das horas passadas em comum, no turismo proposital daquela inspeção militar.

Pressentíamos a separação, que seria desoladora para quem ficava, e triste e meiga para quem partia.

Pelo céu iam as constelações, faiscando as suas gemas nos garimpos de Deus.

Pela terra o buraco daquela sombra, fuzilada de luzernas minúsculas, escondendo a cidadezinha humilde, dobrada em si mesma, no sono terno de suas virgens, na vigilância amarga dos seus soldados.

Foi então quando começámos o nosso interrogatório individual, recebendo, em troca, como resposta de cada brasileiro daqueles desertos, um brado cívico, inesperado e heróico.

Eram três horas da madrugada.

Mas, ante as angústias de suas aspirações, Guajará-Mirim, como uma onda de estímulos abalroando em um feixe de nervos, velava, insone.

Aquele povo tinha coração e alma. E foi por isso que aquele povo me falou...

• • •

A região do Madeira-Mamoré se constitui, respeito à organização administrativa do Estado de Mato Grosso, um corpo estranho.

Tôdas as suas relações comerciais, todos os seus mecanismos de propulsão econômica, os seus ímpetos industriais, as suas angústias financeiras e os triunfos associativos, mantêm-se, veiculam-se, derivam-se, palpitam e se desdobram, através do sistema reticular de vários grandes tributários do Madeira e, por êste, do Amazonas,

realizando a sua vida essencial, pelos caminhos errantes da Planície.

E' difícil imaginar-se o grau de distância que vai, de Guajará-Mirim à capital matogrossense.

Os óbices antepostos a qualquer tentativa de penetração pelas hinterlândias, na diretriz da metrópole provinciana, reduzem a zero, os mais febrís entusiasmos e transformam, uma das mais ricas zonas limítrofes do país, em emigrada proposital dentro das lindes políticas a que pertence.

Quem arroastasse com êsses antolhos, estaria a pretender realizar, no século da asa, o sonho absurdo de Luiz Pinto, capitão-general de têmpera espartana, que, aos derradeiros suspiros do século XVIII, tentou canalizar, pelo divisor, os rios contravertidos das bacias amazônica e platina, que, conforme pergaminho enviado à Côrte, seria um canal de 3.500 léguas, de feitio natural, unindo o mar equinoxial ao do paralelo de 36° de latitude Sul.

O govêrno de Mato Grosso não pode, mesmo que para isso tendam todos os seus patrióticos esforços, superintender, como deve, aos supernos interêsses do altiplano noroeste, já pela precariedade alarmante dos meios de comunicação, impossíveis quasi, já pelo desconhecimento direto dos seus problemas, magnos na estatura econômica, inadiáveis no critério social.

O fenômeno longitude é, pois, um dos importantes fatores que alicerçam, de muito, o desejo fervente de libertação, contínuo e inirradicável, no coração dos íncolas mamoreenses.

Transportar-se para Cuiabá, representa arrostar com todos os obstáculos de uma travessia, como a realizavam

os nossos ancestrais das colônias, vingando a hostilidade implacável da selva amazônica.

O comércio é impossível, as comunicações postais hipotéticas, a administração retilínea do governo estadual inoperante, trôpega, mutilada.

Para conseguir chegar a Guajará-Mirim, um funcionário de Cuiabá tem de partir de Mato Grosso, chegar a São Paulo, atingir o Rio ou Santos, suportar uma viagem fatigante por todo o litoral brasileiro nortenho, enfiar vários dias pela cordoalha fluída do Amazonas, subir, em quasi tôda a sua extensão, o rio Madeira, um dos maiores do mundo, tomar em Pôrto Velho uma composição semanal da E. F. Madeira-Mamoré e chegar, enfim, depois de trinta e seis horas de viagem por via férrea, a Guajará-Mirim.

Isso tudo, para se locomover de um para outro ponto, do seu próprio Estado!

Eis, em princípio, um dos máximos desalentos da heróica gente guajaraense, amputada, nos seus mais vivos anseios de progresso e desenvolvimento cultural e econômico, pelo gume navalhante e improrrogavel dos desertos centrais.

Para provar, a fogo, as asserções dispendidas, não se necessita buscar razões nos complicados teoremas jurídicos ou nas opiniões, vazadas à bôca pequena, por todos os pretórios da consciência dos cidadãos do Guaporé.

Aponte-se um único fato, capaz de, por si próprio, dirimir qualquer dúvida a respeito dessa insolvida equação territorial: — sendo, como é, um dos maiores reservatórios de gado nacional, o Estado de Mato Grosso não exporta um único espécime bovino sequer, para o seu noroeste. A população desta parte da província, insulada no seu riquíssimo fogo botânico e mineral, alimen-

ta-se (valha-nos a Nossa Senhora das Distâncias!) com o gado egresso dos currais bolivianos!

Encare-se o lado político: o govêrno matogrossense desconhece, em suas minúcias primordiais, os mais sérios problemas do setentrião estadual. As autoridades necessitam de meses, de anos, de lustros por vezes, para verem resolvidas pelos poderes metropolitanos, as suas pendências, os seus atos, quasi sempre tímidos, as suas atitudes administrativas, embaraçando, dess'arte, o avanço normal dos processos, dos editais, das fórmulas deslindadoras dêsses problemas, de modo lastimável.

O telégrafo é insuficiente para tais empresas e, nunca que se haja sabido de algum govêrno que dirigisse, pelas antenas, na impossibilidade de fazê-lo de outro jeito, um trecho fertilíssimo do seu imenso distrito político.

As suas transações mais sérias e mais benéficas se fazem na praça de Manaus. Os seus medicamentos, já que a Saúde Pública de Mato Grosso não existe nessa zona, chegam de Manaus. Os seus comerciantes se representam em Manaus. As suas casas comerciais se loqueletam de produtos, na capital amazonense.

A riqueza desperdiçada nesta região, pelo abandono do govêrno central de Mato Grosso se revela, nos imensos terrenos deshabitados, repletos de seringueiras, absolutamente virgens, como se observa no rio Pacáas-Novos, onde os formidáveis seringais, castanhais, cumaruzais, comportariam uma invasão de dez hil homens, com percentagem de lucro triplicadamente superior a todos os outros rios da planície, e onde os vestígios de petróleo são frequentes e promissores, entregues á cêrca de duzentos estoicos trabalhadores, sustentados por generosidade de firmas comerciais da praça de Manaus.

Desola afirmar: — uma das mais fecundas camadas telúricas do Brasil é um deserto desprezado, onde palpitam e vibram homens patriotas que esperam, assiosamente, do Governo Federal, a solução que rompa, na sua tortura, as geenas políticas que os jungem à condição de humilhados da terra, de caudatários comerciais de outras unidades da Federação.

E por que só se fala em Manaus, quando se se refere à atividade guajaraense?

E por que só se cogita do rio Amazonas, quando se procura conhecer dos surtos de progresso dessa mal-sinada região?

E' fácil a resposta: — porque Manaus é o fulcro, a derivante, o sangradouro de tôdas as suas energias, que se perderiam, se esperassem socorro, impossível e doirado socorro, partido da capital de Mato Grosso.

Que resta fazer? Abandoná-la de vez? A conclusão, por impatriótica e cruel, impossibilita qualquer raciocínio.

Transformá-la em distrito amazonense? Inviável, também, essa resolução. Como distrito amazonense, ficaria ela sujeita às oscilações da economia do grande Estado nortenho, inibida de certas iniciativas, compatíveis com as suas mais urgentes necessidades e, de certo modo, nas mesmas condições de dependência financeira, amordaçadora dos seus impulsos industriais.

Arrecadando, anualmente, sem lhe dar coisa alguma, cêrca de duzentos contos de réis, o Estado de Mato Grosso equivaleria ao do Amazonas, no caso de uma anexação territorial. Uma coisa pela outra.

Não seria, pois, transação plausível, essa de transferir a zona do Mamoré para o bloco amazonense, maximé, quando se constitue, para o Amazonas, problema

dos mais árduos, a sua inconfundável vastidão geográfica.

Fica, como última medida resolutora da equação traçada, esta: a urgente criação, pelos poderes da República, de um Território Federal, cuja denominação, no conceito do engenheiro Benjamin Rondon, seria de "Minas Novas", atendendo à pleora mineralógica da zona em aprêço.

Ao jeito do Território do Acre, o Território das Minas Novas diferiria dele, porque se revelaria economicamente autônomo. Enquanto o Governo Federal dispense larga soma com a manutenção da vida administrativa do Acre, com o Território em estudo, êle não dispenderia quantia alguma, antes, usufruiria os benefícios da exploração daquelas incríveis riquezas florestais e subterrâneas, dignas de amparo.

O produto de arrecadação do Estado, ficaria, por inteiro, em Guajará, injetando novas forças nos núcleos incipientes e fazendo funcionar reservas ainda intangidas que propelirão, para um futuro extraordinário, o gigante desconhecido do noroeste brasileiro.

Admitamos, entretanto, que o Governo da República dispenda verbas com a organização e estabilização dessa faixa nacional, que nós, por um preito de justiça, denominaríamos de Território Federal da Rondônia.

E' óbvio esclarecer de sua situação topográfica. Sabemos todos, ou melhor, sabem todos os brasileiros da fronteira, dos movimentos subreptícios, dos rumores hostis, do desassossêgo inexplicável que vai pelos acampamentos estrangeiros, defronte de nós.

Somos um povo pacifista, por índole e por imperativos constitucionais.

Não nos olham assim, os nossos amáveis vizinhos.

E, enquanto do nosso lado, as lindes se abrem, quasi desprotegidas, do lado de lá, os fortins se erguem, os destacamentos tremulam os seus galhardetes, as patrulhas cruzam os nossos pagos.

E as proclamações avisam ao povo, que somos, ainda, aqueles velhos inimigos, surrupiadores do Acre e de várias outras fatias territoriais.

O Estado Maior do Exército, com certeza, tem, de baixo dos olhos, a planta e as possibilidades dêsse pedaço do Brasil.

Os relatórios de dois comandantes da 8.^a Região Militar, os Srs. generais Meira de Vasconcelos e Brasília Taborda, devem de ter esclarecido uma série de interrogações, que os litorâneos não explicam, nem a lógica adivinha.

O Território da Rondônia, é, pois, além do mais, uma necessidade estratégica.

Do ponto de vista social, bastaria uma experiência: o Governo Central que efetue, com imparcialidade, um plebiscito, entre os habitantes do Mamoré-Guaporé e terá, com intensa surpresa, um resultado unânime, a favor da autonomia do futuro Território da Rondônia ou Território do Guaporé, como sugere o capitão Aluizio Ferreira, testemunho fidedigno, dêsse sentimento coletivo.

Correriam os altos poderes da República ao encontro da injustiçada gente noroestina, no seio da qual, os mais denodados cuiabanos mantêm, acesa, essa exortação, lógica e estratégica, visto como se trata de uma grande faixa descurada de nossa fronteira.

* * *

O Território Federal de Rondônia compreenderia uma zona assim delimitada: — uma linha passando sô-

bre o paralelo de 8.^a Divisa do Estado do Amazonas, até encontrar o rio da Dúvida, subindo-o até as cabeceiras; contorna, depois, o planalto de Vilhena, em 10 quilômetros quadrados e seguindo o curso do Cabixí, desagúa com êste no Guaporé; daí, pelo último, atinge o Mamoré e depois o Madeira, até o ponto de partida, no paralelo de 8°.

Essa zona se encontra tôda dentro do território de Mato Grosso.

Nesta hora política que passa, onde os símbolos, as bandeiras, os distintivos estaduais, foram incinerados para a subsistência de um só brasão nacional, as medidas similares a essa de que vimos falando, são da competência primordial do Estado Maior do Exército.

A êle compete estudar o assunto, esmiuçar-lhe as diretrizes, palpar-lhe os tumores políticos, evitar-lhe as artérias econômicas, compreender-lhe as arestas psicológicas e opinar, em definitivo, contra tôda e qualquer pretensão regionalista em rebeldia.

Êsses problemas são mais nacionais que provincianos.

Acrescente-se, mesmo, que, encaradas como devem ser, certas autonomias estaduais são perfeitamente ridículas.

Agassiz tinha sobeja razão ao afirmar, no seu "Voyage au Brésil", pags. 260 e 261 — "que o governo dessas províncias, tão poucos habitantes elas encerram, poderia ser organizado como aquele dos territórios que, nos Estados-Unidos, são os embriões dos Estados: êle estimularia as energias locais e desenvolveria os recursos, sem embarçar a ação do Govêrno Central."

Continuamos o pensamento de Agassiz, plasmando-o com as realidades incontornáveis do presente brasilei-

ro: — poucos Estados resistiriam a uma autonomia operada sem as complacências e as tolerâncias do poder central.

Talvez meia dúzia deles pudesse manter-se com os ímpetus exigidos pelo critério político das federações.

O resto, ajustadas as cremalheiras, cairia no estado anêmico das finanças, compensado pelo remédio hemopoietico das intervenções federais.

Não há impatriotismo, lesão de interesses, absurdos políticos, com a criação de territórios juridicionados pelo Governo da República. O prisma atual é o da coesão absoluta, pelo bem da Pátria, mesmo em detrimento de egoísmos e questiúnculas regionais.

A extrema-norte do país sofre de uma paralisia geral oriunda do desconhecimento e da indiferença pelos seus problemas.

A hora é chegada.

Não se compreende mais a Amazônia, sem a sua finalidade econômica e social, de arca do continente e quicá do orbe.

Se a solução do problema fôr essa, de subdivisões para supervisionar, que venha ela, com presteza, para a felicidade do Brasil.

O estrangeiro nos conhece melhor que os nossos ministros e os nossos técnicos.

E' preciso, sobretudo, que os responsáveis pelo destino da Nação, não esqueçam aquele preságio racional, egresso da sombra amável do país dos hierofantes, através da voz quente e inolvidável de Euclides da Cunha: "Sem êste objetivo firme e permanente, aquela Amazônia onde se opera agora uma seleção natural de energias e diante da qual o espírito de Humboldt foi empolgado pela visão de um deslumbrante palco, onde mais

cedo ou mais tarde, se há de concentrar a civilização do Globo, a Amazônia, mais cedo ou mais tarde, se destacará do Brasil, natural e irresistivelmente, como se despega um mundo de uma nebulosa — pela expansão centrífuga de seu próprio movimento.”

Deve-se esperar o cataclismo? Ou, escutando o augúrio, prevenir-lhe os efeitos, curando-lhes as causas permanentes?

A “nebulosa” marcha, sem ouvir as lamúrias do “mundo”...

Mas êste, personalizado pela dor, seduzido pela amplitude de novos horizontes, poderá soltar-se dela, realizando, no espaço político do universo, a mais espetacular e a mais tremenda das catástrofes.

O Brasil resistirá ao golpe?

N Ú M E R O 9

A madrugada ficara, acorada nos beijos do Mamoré, acariciando as cumieiras e os lampeões de Guajará-Mirim.

A nossa última etapa era vencida, velozmente, no bojo de uma composição ferroviária.

Estávamos evacuando o mais central dos pedaços sul-americanos. Um imenso trecho nacional, monstruoso e desconhecido, munido dos seus dois respiradouros, por onde êle aspira o perfume sutil que chega dos grandes rios e do mar: a Madeira-Mamoré que o derrama no Amazonas, e a Noroeste que o despeja em São Paulo.

Se pudéssemos multiplicar por quatro a Grã-Bretanha e a Irlanda, reunidas, ambas caberiam neste colosso que abandonámos.

Foi por estas terras negras que os luzitanos andaram a batear o oiro e a selecionar diamantes, distribuindo acampamentos de garimpo que, hoje, se cristalizaram em cidades e em pousadas.

Foi nele que o famigerado e heróico Luiz Pinto, capitão-general d'El Rei, imaginou "a mais espantosa das viagens", ligando o delta do Amazonas aos lameiros do Prata, pelo coração da América.

O trem, lançado em vertigem, varava as rechãs dos Caripunás, desafiando-os à luta, com o grito agoniado dos seus pulmões...

E quem viria lutar conosco, embuçados neste monstro de aço, armados da velocidade e da astúcia, transpondo os cortes e os abismos, penachados de estrêlas?

Iamos fatigados. No cômputo geral da marcha, a quilometragem havia sido ponderável: realizámos, no século da asa, em dez dias, uma viagem de dois meses, no século da vela...

As emoções tinham passado como ondas marinhas, adunando-nos a alma em saudades e em êxtases.

Não ia ali uma comitiva de militares: modorrava, pelos cantos do trem, uma caravana de sensitivos derrotados pela natureza.

Os nervos, hipertensos pela voracidade panorâmica, relaxavam-se agora, em cochilos e em torpores, como se, do mundo, restasse só o embalo daquele berço de ferro, veloz e barulhento.

Como no cinematógrafo mental de um afogado, transitavam pelo nosso íntimo, os quadros, as impressões, os acidentes, admirados e sofridos, enchendo-nos, o sono cansado, de reminiscências e sobressaltos.

Aos quandos, pelo quadrilátero telado, um punhado de fagulhas fantasiava meteoros...

Uma ou outra, impelida pela inércia, transpunha um orifício qualquer da tela e, como um carapanã de estilete inflamado, mordida-nos a pele.

O alarido das engrenagens, a gritaria das molas, dos parafusos, dos ganchos, das correntes, das rodas, dos breques, o arfar da caldeira, voraz, tudo povoava a nossa modorra, criando, à nossa ilusão, um mundo estranho,

de seres amorfos, que nos chamassem aos guinchos, aos uivos, aos estertores...

O mundo vegetal, nosso conhecido, galopava em cortinas rapidíssimas, como um "tapis-roulant" extravagante.

Diferenças de gamas e de tons, no dealbar em marcha.

A ante-manhã espiava-nos, aos relâmpagos, pelos caules em leques.

A clarinada solar chegara, imperceptível primeiro, mais carregada depois, tonitroando em feixes de ouro, adentro a selva tiritante e bárbara.

O trem corria ao encontro da luz. Os barracões, achatados no massapê, bocejavam pelas portas sem portas, como mastins enormes e preguiçosos.

Desafio do ferro contra o ferro: os postes das linhas telegráficas voavam contra nós, como talas de bambús sacudidas pelas mãos de um gênio.

Um marco quilométrico, à nossa presença, era como uma realidade atual na marcha do tempo.

Os oficiais preparavam-se para o café. Naquelas alturas do Brasil, São Paulo exercia o seu magnetismo sedutor.

O café Santos, em fumaça, encheu-nos o desalento e a nostalgia.

E por quê não café Manaus ou café Pôrto-Velho ou café Borba, Manicoré, Itacoatiara?

Os rebentos da rubiácea morreram, atolados na goma elástica.

A história é daquelas que os americanos, estatelados diante de uma "camera" cinematográfica, chamam "a long, long story..."

A Amazônia foi o primeiro ponto do Brasil onde surgiu café, e do melhor.

Hoje, São Paulo é o berço do velho moca. A Amazônia foi o celeiro do cacau patricio.

A Baía é, agora, o berço do chocolate.

A Amazônia sentiu, pela primeira vez, a fôrça de suas reservas subterrâneas, na rebentação de algodoais nativos.

Neste momento, o Nordeste e a Paulicea são os centros produtores da malvácea.

Por tôda a parte por onde se olhe a planície, quer dos seus ângulos bárbaros, quer nas fimbrias dos seus núcleos urbanos, aí está um pé de mamona.

O óleo de mamona é ideal para a aviação. Lubrificante superfino. Moderníssimo. Espontâneo na Amazônia.

Pois bem: — do sul do Brasil, as estatísticas referem, partem toneladas e toneladas de óleo de carrapateiro. Fortuna sólida e... fácil.

Pernambuco é, indiscutivelmente, o grande exportador do abacaxí. Londres consome milhares de caixas mensais. Paris não precisa adulterar a pronúncia da nossa enfrutescência selvagem, visto como, a tônica, é mesmo a derradeira sílaba.

Um dia, um oficial moço do nosso Exército, o tenente Emanuel Moraes, investido das funções de Prefeito Municipal de Manaus, pensou no abacaxí e olhou para o chão baré.

Ouvira falar que Humboldt assinalara cento e cinquenta metros de espessura para o "humus" dêstes aluviões prodigiosos.

Pensou na anedota do "plantando, dá" e iniciou uma cultura racional do abacaxí, nos arredores de Manaus.

O Amazonas chegou a ter um milhão de pés desse vegetal.

Os glebários, entretanto, não gostaram muito dessa ousadia militar...

Plantar abacaxís no Amazonas? Fazer concorrência a Pernambuco, sem necessidade?

E veio o trôco do gesto patriótico: — o apelido rueiro. O brilhante oficial que honrou a comuna baré com o seu trabalho profícuo e a sua viva e estuante inteligência, passou a ser: — o “Tenente Abacaxí”.

Pouco ligou êle ao pejorativo indígena. Continuou plantando e fornecendo, aos ineptos, aos ignorantes, aos fúteis, aos imbecís, uma pálida imagem daquele “celeiro do mundo”, que muita gente emprega e divulga, julgando que tudo nascerá por geração espontânea, para a concretização daquele pensamento.

Mal o tenente deu as costas, paralisaram-se as plantações. O que estava, ficou, principiou a definhar, suicidou-se aos poucos e, o certo é que, no mercado de Manaus, um abacaxí “glebário”, custa mais caro que um seu irmão pernambucano num “restaurant” de Londres.

O caso da amoreira é magnífico para um exemplo.

A amoreira dá, na Europa e no Japão, salvo êrro, uma vez por ano. Em São Paulo, ela dá duas vêzes, também por ano.

E' um acontecimento!

Na Amazônia, a amoreira dá... quatro vêzes no mesmo tempo!

Um entusiasta do bicho da seda, sabendo que a espécie daqui era a célebre “Roal Silk”, a doirada, a maravilhosa seda nipônica, andou fazendo umas viagens, umas exposições, e resolveu trazer espécimes para radicar ao meridiano amazônida.

Na nossa terra, o patriota luta contra vários fatores: — o primeiro, é a própria terra; o segundo, é o clima; o terceiro, é a distância; e o quarto: — os homens.

Esse entusiasta não se lembrou de que, sem os devidos cuidados técnicos, o cidadão, no Amazonas, planta tomate e nasce caquí...

E semeou amoreirais por várias bandas da "urbs". O Estado, seduzido pela propaganda, resolveu semear, também, pelo seu lado, outros tantos quadriláteros de amoreiras.

Ao que parece, S. Paulo exporta seda, "larga manu". O Amazonas... parou com os "bombyx".

As amoreiras cresceram, cresceram, e estão virando "ficus benjamin"...

Não há brasileiro que não saiba ser o guaraná produto eminentemente planiciário.

Mais que isso: — da Mandurucânia.

Maués representa o casulo de onde voa a borboleta amável da "Paulinia sorbilis".

Pode-se exportar guaraná, para o Brasil, para o Mundo? Sonho...

Inculcaram no bestunto que, além de Maués, nenhuma outra parte da Amazônia produz guaraná...

"De docta..."

Visto isso, tomemos xaropes misteriosos e bebamos solutos de carbonato de sódio, na terra "habitat" do guaraná!...

Exceções? Sim. Existem. Mas em que número?

Voltemos ao nosso café matinal. Foi êle o animador de novas palestras no trem.

Dos antros do tédio boiavam cansaços. Mas a verve do capitão Valdemar Soares de Lima compensava os

exageros do bochorno, e o general Taborda, inesgotável na sua bondade e no seu bom humor, harmonizava os precalços do "spleen" com as surpresas da marcha ferroviária, contando trechos de sua laboriosa existência nos florestais paranaenses ou traçando a psicologia dos maldizentes, dos caluniadores e maus, na referência daqueles transeuntes do "Bêco das Cancelas" de que nos falou o senador Catunda...

Enfiávamos, com efeito, na diretriz do último pouso. Estávamos realizando a última etapa.

* * *

O que equivale a dizer: — o fim de uma viagem inesquecível, que começara e havia de terminar no ventre morno de um avião.

A nossa chegada de trem, se fez pelas quatro horas de uma tarde linda, pintada de luz e côncava dos ruídos festivos da cidade jovem: — Pôrto Velho.

Aos apitos da máquina, agitavam-se os flabelos dos coqueirais e o horizonte, esbatido em verde, alargava-se, dócil, para subir depois, no vértice dos mastros, no diedro dos casarões telados, no arcabouço metálico das tendas ferroviárias.

Aguardava-nos o povo. Mas o contacto com a massa durou minutos.

Fatigados como bandeirantes que voltassem de uma conquista (e não havíamos nós, viciados da civilização, descoberto um país novo e estranhamente belo?), passámos logo, da carcaça do trem para o interior de um "Buick — 1937".

Depois das marchas, das penetrações na selva, das viagens fluviais, continuávamos ainda em movimento.

Rodámos para a cachoeira do Samuel.

Palmilhariámos a estrada de ligação Pôrto Velho-Presidente Pena, que se unirá, mais tarde, a Cuiabá, como afirmação da energia construtora de Aluízio Ferreira.

A ninguém é lícito supor que, nas infinidões do Alto-Madeira, seguindo a linha divisória do oitavo paralelo, uma rodovia de tal porte, transmontando caudais portentosas, invista contra os platós numerosos da Rondônia, oferecendo, em tôda a sua pompa e atualismo, tão opulento espetáculo.

Das abas da estrada, o chão ergue-se em plantações virentes, representando núcleos agrícolas, organizados e mantidos pelo trabalho fecundo da Companhia de Fronteiras de Pôrto Velho e pela nobre inteligência do seu chefe.

Devorando pontilhões sôbre abismos, ourelados de anfiteatros naturais, exuberantes, rasgando tabuleiros, roçados, maciços arboríferos, lagamares e declives, lá se vai a estrada longa, retilínea, larga, firme, digna de um grande centro de combustão financeira, como o melhor documento do esforço pertinazmente patriótico de quem a sonhou e abriu.

Esse leito, certo e reto, por onde corremos, nasceu do suor dos soldados estóicos da fronteira.

Sempre entre porções de terreno cultivado, ora em canaviais bracejantes, atingimos o Candeias.

Rio Candeias: — corda fluida a escorrer entre barrancos ríspidos, que a engenharia dominou, num lance de astúcia e de técnica.

Descemos pela cremalheira, até a balsa enorme que nos transportaria para o outro lado, confortavelmente instalados no automóvel.

A sensação é curiosa: a qualquer descuido, o "Buick", de "carrosserie" fechada, mergulharia no Can-deiás como um submersível.

E nós com êle...

Na outra margem, o mesmo processo.

E a estrada continuou, à nossa frente, chamando-nos.

Rio Doce: — abre-se aos nossos olhos um panorama próprio dos filmes. Águas claras e musicais, correndo entre pedras trabalhadas pelo escopro lento mas infatigável da natureza, e caindo de sono, de um sono tranquilamente suave, fino, macio sôbre as areias que fagulham à luz, como poeiras doiradas.

E' o caravancará da elite pôrto-velhense.

Nessas margens amenas, o sorriso trampoliniza pelos lábios sumarentos das morenas e o violão, ao tombar da noite silente e cinzenta, enche os vazios dos grotões, os fogos escondidos das pedreiras, com o seu gemido quente e sensual de gigante ferido...

Por alí vivem saudades e morrem, com o piscar das brasas viúvas, ecos de cálidos momentos e sonhos que a distância ignora e que fazem esquecer, como vinhos proibidos.

Parámos no Rio Doce, do alto da ponte, entre duas castanheiras atléticas, fixando, por mais reter nalma, os últimos estertores daquela luz triunfal, criadora de carícias tépidas, de nostalgias notâmbulas, de poemas tecidos em oiro e em cinza, pespontados de estrêlas...

E o carro, arfou nos ferros e rodou para a frente. Velocidade máxima.

A segurança do caminho convidava às amplas sensações vertiginosas.

A ilusão furtava-nos o delírio da rapidez.

Para quem desce de um avião, o automóvel de passeio é um quelônio.

Sessenta, setenta, oitenta, noventa quilômetros. Era preciso atingir, ainda com a tarde, as margens do Jamari.

Cachoeira do Samuel, o burgozinho, solitário e agradável, refúgio do meu amigo Albino Henriques, surgiu-nos, lá em baixo, após uma curva, como um quadro bucólico de Watteau.

Os casinholos brancos, apinhados no morro, do outro lado do rio, e, entre nós e a vila, o Jamari, esfumegante, glauco, lindíssimo, pinchando alegre entre os lagedos rubros.

Cenário inolvidável, onde matrimoniavam, na quietude da vespéral alegórica, as côres ingênuas do casario e as irisações fugaces das águas de nefrita, refletindo, para cima, as copas soturnas debruçadas e para baixo, nas abras arenoças, os lanchões mastrudos e as canoas esquivas e quietas.

Ontem e amanhã, por todo o sempre, será igual êsse quadro parado, onde até as espumas semelham flores cândidas que se diluíram, onde o granito sonha, na concunda dos arrecifes, o seu sonho inorgânico de monge.

No cenóbio da tela, os eremitas curvaram-se em rochas, o incenso sobe das luras fluviais onde a água espadana, o altar ergueu-se em ângulos distantes no albor da cidadela, e a oração murmurada pelos seres que não vivem em carne, bóia no adro translúcido do espaço, enquanto, no cristal da cúpola infinita, o sol é um candelabro de oiro, abençoando...

Jamari... Trecho do Brasil que os meus irmãos não sabem.

E, para aquém da cachoeira: — o cordão umbilical do telégrafo, enfiando em curva, para o seguimento do progresso, na luta contra a solidão.

O crepúsculo matizava os caules e brilhava já, no olhar dos corujões, quando voltámos.

Vínhamos mudos, cheios da natureza que nos entrava em haustos virgens, narinas adentro, como se tivéssemos nascido àquele instante.

Tudo era como um sonho; — a garganta alvacentada da estrada, as itiúbas tristes que olhavam o chão, o trilo furtivo dos bacuraus e o motor, ronronando em ternuras, como um gato manhoso e elétrico...

Diante de nós, os últimos arrancos do sol, na imersão noturna.

Imaginemos Debussy. Sim, um Debussy que, transfigurado, escrevesse, no pentagrama do ocaso, os seus delírios musicais.

Seriam fusas, semifusas, colcheias, mínimas, os tons absurdos do vermelho, do verde, do violeta...

E uma "La plus que lente", em côres, estaria a se executar no poente, através do simbolismo daquelas núvens indescritíveis, da violência e da ternura daquelas gamas inolvidáveis...

Pôrto Velho brilhou ao longe, no fogo-fátuo dos lampeões.

Nós não dissemos nada. Mas Aluizio Ferreira recebeu, com o nosso silêncio místico, a melhor homenagem do nosso cérebro e a mais bela carícia de nossa inestimável admiração.

Esse caboclo sincero não fala no Brasil: — constrói um Brasil bonito, onde os brasileiros não sonham que exista Pátria.

Na disputa da hospedagem, a comitiva dividiu-se. Ou melhor: eu me destaquei do grupo, para sentir Pôrto Velho a meu modo.

Enquanto o general, o major, e o capitão Américo alojavam-se no palacete colonial do diretor da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, eu acantonei no "Paraíso".

"Castelo Azul", "Xadrez de Príncipes", "Monte-Carlo do Crapaud", qualquer rótulo serviria para essa "república".

Uma imagem do Brasil, o "Paraíso". Por dois motivos: primeiro, sendo "Paraíso", não era, na verdade, um paraíso... Segundo, era uma "república" militar...

Efetivamente, moravam nela, o capitão Valdemar, os tenentes Xavier e Lisboa e o Dr. Sílvio.

Havia mais: — o engenheiro Rondon, e o Dr. Medeiros, êste médico da Estrada.

Quasi militares, o primeiro por tradição e o último, por osmose...

Dominando a cidade, o "Paraíso" era imponente, digno de um morro de Santo Antônio ou da Viúva.

Urgia ultimar os preparativos para o baile que a sociedade local nos oferecia, nos amplos salões do Internacional.

Nesse ponto era paradizíaco, o "Paraíso": — banho de chuveiro, um "brandy" oportuno, material de "toilette" farto, espelhos de corpo inteiro, serventes solícitos.

Não seria igual ao palacete do capitão Aluizio... Mas... paraíso por paraíso, eu fiquei no "Paraíso"...

Mais algum tempo e estávamos no Hotel Brasil, trincando um fiambre maduro e conversando sobre tubarões.

Por esta altura o general Taborda revelou-se um profundo conhecedor da arte difícil de pescar êsses tigrés oceânicos.

Tôdas as espécies desfilaram ante o olhar espantado do Dr. Castanheira e a bôca mais ou menos mole do tenente Lisboa.

Cações, "Pintados", "Tintureiros", "Espadartes", tôdas as castas tubarônicas foram analisadas, medidas, avaliadas, da capacidade de engolir hipódes incautos ao rendimento econômico dos seus formidáveis e mal-humorados fígados.

E seguiram-se as histórias... pra tubarão sorrir...

O comandante Mota, afirmou que, certa feita, fôra impossibilitado de aquatizar na Baía de S. Marcos, de frente de S. Luiz do Maranhão, por causa de um cardume de esqualos, teimosos em jogarem "water-polo" com o seu aparelho...

Os olhos do rádio Newton encheram-se de lágrimas...

Com pena do avião? Nada disso. Com pena dos tubarões...

Sobremesa. O clássico café. "Rien de liqueurs"... Charutos aos maços.

Um rápido "bate-papo" no "Smoking-room" do Hotel e, às ordens de um faetonte, tocámos para o "Internacional".

Ia em cheio o baile. Recepção galante. Tipo sete. "Jazz" ritmado e moderno. Salões largos e claros. Soa-lho macio e rútilo. Sociedade elegante, habituada aos coleios da fortuna e às sortidas da "gaffe".

Formação em círculo: discurso oficial. A senhorinha que o pronunciou não compreendeu bem a ortografia do prefeito. Letra ruim. Luzes traiçoerás... Bom

efeito. Palmas. O general respondeu, ligeiramente, num improviso feliz, onde iam, de envolta com o seu coração, reminiscências da mocidade próxima...

Empós forçaram-me a falar, respondendo a uma sugestão demostênica do Sr. Ferreira Sobrinho.

Meia dúzia de palavras sem intenção, pronunciadas em contrição, pela felicidade daquele povo, bom e franco, que um dia, subindo o Caiarí, fundou o príncipe dos municípios amazônicos.

Veio o baile. Ao ritmo embalador dos "foxes", misturavam-se galões e decotes, "smokings" e sedas.

Surgiu, então, do jardim de Epicuro a rosa mística da festa: chegou até nós, como se impelida por um favônio, a figura sutil e flébil de Iolanda Vaca-Diez.

A filha do cônsul boliviano em Pôrto Velho, perfumou o baile do "Internacional" com a sua palestra suavíssima de moça habituada aos tumulto sociais de Buenos-Aires.

O general incorporou-a ao seu Estado-Maior, em homenagem à inteligência e à graça dessa moça que foi, àquela noite trêmula, uma legítima representante da formosura cruceña.

Dançámos. Sorrimos.

Poucas horas de sono entre o baile e o vôo.

Dormir? Talvez... E foi assim, entre cochilos e sobressaltos, que vimos clarear o último dia.

Das recordações da viagem, a amenizar-nos a crueza da separação, faltava somente a visita a Vila-Bela de Mato Grosso, lendária cidade do Alto-Guaporé, muito acima do Itonamas, antigo pouso dos capitães-generais, onde o português e o turco não tomam pé. E' ela habitada por negros, descendentes de escravos e mocambeiros, velhos negros que se perpetuaram desde quando

Vila-Bela era a capital de Mato Grosso e dos tempos em que, nas suas vielas, passaram os carros condutores do oiro vindo da Primeira Casa da Moeda do Brasil!...

Vive em ruínas. Heráldica, mas trôpega. Respeitável, mas remendada. Veneranda, mas pobre e sozinha.

Aluizio Ferreira viu-a assim: — “a cidade reagindo contra a velhice, como certas megeras incendiárias, que recorrem cem vezes ao dia a mil artifícios da perfumaria e dos apetrechos plásticos, para disfarçar a marca inevitável e irrecorrível do tempo...”

Essas marcas são rugas, essas rugas são heras cobrindo os muros arcaicos, êsses muros arcaicos falam e dizem de um passado fidalgo, onde a partazana defendia o brasão d’El-Rei, e os punhos de renda afrontavam os espinhos da selva, na mais espetacular desbravação da história humana!...

Mas... Vila-Bela está longe, é impossível volver, agora, e faltam horas, somente, para a decolagem.

Resta olhar para as circunstâncias, aquí onde mourejam realidades vivas que são prêmios ofertados à Pátria.

E, na visada calma e equilibrada, pelo burgo, passam, como em histórias infantís, tipos estranhos, singulares, comuns, de vária espécie, e polvilhando de lendas, o dorso combusto da cidade.

Salta, da combuca das surpresas, a figura do feito-poeta. Esse Ferreira Sobrinho, semeador de matupás no seu lago, que escreve sonetos em papéis de editais e editais em livros de versos...

Três negróides na pele, de alma cândida: Timóteo, Militão e Aristides. Três índios, na raça, de alma heráldica: — Manduca, Napoleão e Tanga-Tué.

Giram, como satélites, derredor Auízio Ferreira, n uma legítima contenda de dedicação, entre Cam e Tupá.

A figura simples e amável do reverendo diretor do Hospital São José revela uma existência devotada aos que sofrem. Paradoxo alucinante: — a quietude dêsse nosocômio e o turbilhão mecânico que vai pelas orcinas da Madeira-Mamoré!

Magnífico espetáculo: a fôrça das máquinas, realizando a harmonia dos homens. A sinergia do ferro e do fogo, junto à solidariedade dos trabalhadores, convictos do seu dever. Disciplina. Ordem. Progresso. Grandeza social e política.

Todos aqueles empregados haviam estado no baile da noite anterior, trajados a rigor.

Pela manhã, alí estavam, escrupulosos e sóbrios, de macacão zuarte, dirigindo cremalheiras e polias! Será essa a felicidade humana? Quasi, pelo menos...

Depois do Quartel, que é um estabelecimento higiênico e notável, avulta, em Pôrto Velho, a eminência do João Barril.

Intrigou-me o nome: Barril. Mas por que? Pela pança, roliça e flácida? Pela capacidade de chupar "whiskys"? Pelo biotipo?

Nada disso. João de Tal, era "chauffeur" de um americano, Mr. Barry, engenheiro da Estrada de Ferro, ao tempo dos ingleses.

Nas hinterlândias não se conhece nome de família.

E' José da Esquina, Antônio da Lancha, Chico, Piaba, etc.

Se o cidadão é casado, ainda pior: — fica sendo o Mané da Rosinha, o João da Milóca, o Carlos da Xixuta, etc.

No caso, João de Tal não era casado, nem possuía estabelecimento comercial. Restava, pois, a sua profissão: "chauffeur". Mas existiam outros Joões, também guiadores de carros.

Chamou-se, pois, o homem, pelo nome do patrão: — João do Barry.

Como ninguém soubesse inglês na roda dos faetontes, o Barry "yankee", ficou sendo "Barri" nacional.

E, de tanto chamarem João Barri, por adoçamento da linguagem, fato trivial no reino da glotologia, passou o nosso herói a João Barril. Fato que comungava, perfeitamente, com a rotundidade e a sêde do seu dono.

Faltava pouco para a hora da "ascensão".

Despedidas. Promessas de coisas que a gente não entendeu direito. Abraços. Recomendações.

Dez minutos depois, estávamos a bordo do hidro. Velho conhecido, o "PP-PAT" recebeu-nos como os cães de casa após prolongada ausência: quasi abana o leme e mexe as orelhas das asas, em sinal de fraternidade...

Alguns minutos depois: — "Good Bye! Pôrto-Velho!"

* * *

Dormi. Descontei a fadiga e a prosa das etapas. Dormi.

Acordei quasi em Manaus. Ao sairmos de Pôrto Velho encontrámos, a meio caminho, o "Índio do Brasil".

Daí a quatro dias êle chegaria a Manaus. Entretanto, faltam dez minutos para aquatizarmos no Rio Negro... Sonho? Talvez. Sonho de briareus desconhecidos...

Ouçamos Raul de Polillo: — "Batendo os céus brasileiros, o passageiro dos ares se curva sôbre a geografia

pátria — como um cientista que estuda uma peça anatómica; mas, ao invés do bafio de sânie, recebe, em pleno rosto, para lhe revigorar os pulmões, o sôpro quente de vida de algo misticamente grande, e que ainda está para nascer. . .”

Os hélices do nosso avião devoraram centenas de milhas em poucas horas. Trouxeram-nos das fronteiras da Pátria ao coração da Amazônia. Sentimos que existe êsse algo, grande e místico, que ainda está por nascer.

E que será? Mistérios? Novos mistérios? Lendas? Novas lendas? Não! E' a coragem de nos desbravarmos a nós mesmos!

De conhecermos, a palmo, o que o estrangeiro conhece às léguas: — a Fronteira.

* * *

Vou abandonar-te, avião de prata. . .

Mas continuarei voando, no hidro do meu sonho, pelos espaços azues do Brasil espiritual onde me criei. . .

Não direi adeu. Estenderei a mão para nova viagem.

— General Taborda! Major Oliveira! Capitão Américo! Aluizio Fererira! Vamos?

— O' quei!

F I M

PALAVRAS DA CRITICA NACIONAL SOBRE RAMAYANA DE CHEVALIER E O SEU LIVRO "NO CIRCO SEM TETO DA AMAZONIA":

"Há, no entanto, uma atitude de justa compensação da parte de Péricles Morais, quando inclui entre os intérpretes do Amazonas o nome de Ramayana de Chevalier, autor do "No Circo sem teto da Amazônia". Livro de chamás, que são rasgos de talento invulgar, na crepitação insopitável de idéias e formas ténaculares. O poder plástico da linguagem de Ramayana chega á tradução das coisas com o mesmo vigor que o naturalista paciente. Se êste descreve, aquele dramatiza. Pela imaginação o artista consegue mais do que o naturalista pelo raciocínio. Andou, portanto, muitíssimo acertado Péricles Morais em citar Ramayana." (Carlos Chianchio — "A Tarde", Baía, 1937).

* * *

... "Estilo hipertenso e tortuoso, que enleia nos seus coloridos esbazeantes, nos eflúvios de sua harmoniosa vibração, estilo fetórico, de envolvente sensualismo estético, parecido com o dos grandes estilistas da Amazônia, com o de Euclides, com o de Rangel, com o de Ladislau, e que, no tumulto de suas imagens multífluas e na incandescência do seu dinamismo, não se confunde, não se assemelha a nenhum outro estilo..."

"Prosador de primeira linha, o Sr. Ramayana de Chevalier não teve apenas o sentido estético da Amazônia."

"Páginas adiante, nos refólhos dêsse livro estonteador, vamos assistir ao vendaval na floresta, tela assombrosa que

parece traduzir a fôrça creadora de um Manet epilético e genial." (Péricles Moraes — "Legendas e Aguas-Fortes" — Livraria Clássica — Manáus — Amazonas, 1935).

* * *

"A imaginação de Ramayana é um mundo re florido de belezas inéditas. Não cabe na estreiteza de um perfil. Se o poeta perfuma a vida com os seus ritmos, se o escritor assombra com os seus conceitos estilizadores, se o "conteur" "espiritualiza ambientes", o orador assombra, embevece e deslumbra no escachoar fragoroso de seu Amazonas cerebral! A eloquência privilegiada, a dicção admirável, bela, a clareza de idéias, colocam-no, sem favor, na vanguarda dos maiores oradores do Brasil..." (Dr. R. Bastos Pereira — "A Tarde" — Baía, 1931).

* * *

"Flexível, elástica, fluída, é a prosa de Ramayana de Chevalier, jovem escritor do Amazonas. Mas uma prosa cortada de lampejos, que cái, em linha vertical, das alturas do espírito." (Pádua de Almeida — "O Globo" — Rio).

* * *

"Livro interessantíssimo, de um escritor brilhante e fecundo, onde se revelam, em traços fortes, uma cultura firme e um talento fértil..." (Guilherme de Almeida, da Academia Brasileira de Letras — Falado ao microfone da Cruzeiro do Sul — São Paulo).

* * *

"Num estilo quasi todo euclideano, o autor de "No Circo sem Teto da Amazônia", realizou, com a capacidade que lhe é peculiar, um estudo digno de apreciação, profundo estudo de ambiente..." (Marques Júnior — Revista de São Paulo — 1935).

* * *

"Ramayana de Chevalier, nêsse livro, apresenta aquela opulência de requinte que caracteriza as artes bárbaras, o Oriente, e as perdas fáceis, jubilosas, da rica adolescência.

"A expressão incrivelmente própria, guiada por um sentido aguo de plasticidade e de cromatismo".

"Os pequenos quadros, a cada passo, são, muita vez, impressivos, duma justeza de rancourci excepcional."

"A qualidade mais interessante dêste livro é a arte com que Ramayana de Chevalier incorporou, fundiu o ensaio no drama. Com uma segurança surpreendente êle soube imergir tudo na grande dôr de viver, na angústia de ser, que é a vida mesma. O seu didatismo não choca, não perturba a marcha do drama. Torna-se num elemento do trágico enorme." "Andrade Murici — "Festa" — Rio, 1935).

* * *

"Ramayana de Chevalier, é um escritor novo que acaba de chegar ao Rio com um livro sôbre o Amazonas e com as qualidades necessárias paar integrar-se no número dos escritores de raça, do Brasil."

"Os predicados que mais recomendam o seu autor são o seu estilo enérgico e elegante e a arte com que soube fixar os aspectos mais estranhos e surpreendentes..." (J. Pereira da Silva — "Revista dos Tribunais" — Rio, 1935).

* * *

"Um livro novo sôbre o "inferno verde". De autor igualmente novo — em mais de um sentido do vocábulo. Vem, literariamente, da fonte euclidiana, como todos os livros a respeito do assunto. Mas tem um ímpeto seu. E uma velocidade diferente."

"E, ao fim de tudo, o conjunto se ordena de maneira inesperada, constituindo o todo orgânico de uma bela e sólida realização, que integra imediatamente Ramayana de Chevalier no quadro dos mais genuínos escritores moços do Brasil. Euclides da Cunha encheu as páginas de sua obra do vocabulário das matemáticas e das ciências da terra. O autor de agora põe, nas suas, o vocabulário inteiro, as noções, as fórmu-

las todas da ciência médica hodierna — e ainda o vocabulário completo de Freud. Penso que um e outro, não obstante o aspecto de incontinência verbal que o processo transmite à obra criada, se justificam plenamente.

“Percebe-se, então, que, ao contrário do que parecera, Ramayana vinha sendo verdadeiramente um romancista, e que o processo abstruso concorreu para dar ao conjunto uma força de dramaticidade e um vigor de evocação que os romances, mais regulares e corretos, destes últimos tempos, em torno da realidade humana sertaneja, estão longe de apresentar. São magníficos alguns dos fragmentos descritos destes livros. E são de jovem mestre algumas das fisionomias trágicas que nos revela.”

(Tasso da Silveira — “A Nação” — Rio, 1935).

* * *

“As cenas, que êle nos apresenta, comovem e despertam justas revoltas.”

“O Sr. Ramayana de Chevalier reconstitue todas essas coisas com nitidez e energia verbal.”

“Como se verifica, o Sr. Ramayana sabe ver e contar. A construção dos períodos é que nos pareceu afetada. Fóra daí, êste livro é um cofre de surpresas constantes. Sua leitura transforma-se num exercício agradável, a despeito dos esforços que notamos para tornar o estilo escandalizante.”

(Eloy Pontes — “O Globo” — Rio, 1935).

* * *

“Lendo, aliás, não há muito, o livro sôbre a Amazônia que Ramayana de Chevalier ainda conserva inédito, convenci-me de que está para breve essa magnífica reabilitação. E' que lá se encontra, como trabalho de escultor, que, antes de manejar o camartelo, se tivesse exercitado no bisturi, do escultor perfeito na minúcia e forte, empolgante no conjunto, um admirável perfil do “prático” — o homem quasi miraculoso, quasi inverosímil, que guia o vaporzinho fluvial por todas as curvas alucinantemente caprichosas do formidável labirinto líquido.”

"Inicia-se, pois, enfim, graças a êsse médico "double" de artista, isto é, sob os auspícios combinados da ciência e da arte, a formação da galeria dos titans caboclos que surgiram naquele fabuloso cenário, à maneira de mais uma força da natureza — daquela natureza sem igual no resto do mundo..."

Benjamin Lima — "Revista Marítima" — Rio, 1935).

* * *

"Si o estilo é o homem, o livro dêsse mágico da expressão, com o sortilégio de suas imagens e seu malabarismo de efeitos e de cores, por vezes tenebrosas e apavorantes, sintetisa toda uma raça, já pelas qualidades ardentes do escritor, já pela finalidades a que se propõe e a fidelidade com que retrata os aspectos que focaliza."

"Estilista e esteta do vernáculo, o Sr. Ramayana é, também, um sociólogo profundo e culto."

"Há páginas sinistras, dantescas, de um mácabro grotesco, páginas povoadas de duendes humanos, tangidos pela sarabanda epilética do sofrimento. Páginas que fremem de febre e de delírio. E outras que escorrem sangue."

"E jamais alguma pinacoteca viu quadro de tão impressionante e primitiva beleza."

"Obrigada, Ramayana, pelo que dêste à literatura brasileira!"

(Diana Vilmar — "Gazeta de Notícias" — Rio, 1935).

* * *

"Na Baía, o autor é um nome conhecido. Impôs-se nas rodagens intelectuais contemporâneas de sua vida acadêmica, há menos de um lustro."

"Orador fluentíssimo, ensaísta vibrante, jornalista e poeta, punha em qualquer dêsses setores o sinal indelevel de sua individualidade. A fulguração de um estilo rico em imagens e forte em expressão foi sempre o seu mais seguro traço."

"Dessa observação, do estudo profundo dos fatos e do meio — sem a estultície de improvisar uma terapêutica "a fortiori" — nasceu êsse livro surpreendente. "No Circo sem Teto da Amazônia" é trabalho a que está reservado um gran-

de lugar no ano literário há pouco iniciado. E, na literatura da Amazônia, poucos terão mérito para lhe ficar nas balisas."

"Ramayana de Chevalier enriquece, dêsse geito, a nossa literatura, com uma joia de valor incomum."

(Felippe Nery — "O Imparcial" — Baía, 1935).

* * *

"Mas êste aspecto do livro não é o que recomenda o escritor, cõscio da sua visão de cientista nos domínios da medicina. O que fascina, nêsse romance, nêsse livro de arte, nêsse ensaio de psicologia humana, é a imaginação, é a emoção, é o vivo e palpitante sentido da vida agitada na interlândia estonteadora, é o flagrante dos quadros, o imprevisito, as sensações e a nitidez da visionação. Nada foge à objetiva do artista; nada escapa à sua pena, ao seu olhar."

(Anizio Jobim — "O Jornal" — Manáus, 1936).

* * *

"Fecho o livro de Ramayana de Chevalier. O nome dêsse escritor já nos faz pensar. Cavalheiresco. Sugestivo. Bonito. E o volume, tem idéia e forma. Quanto livro por aí sem uma e outra coisa! Raros os que têm reunidas as duas. Pois essa felicidade encontramos "No Circo sem Teto da Amazônia". Paira nêsse volume o espírito do mestre que foi Euclides da Cunha."

"Ramayana é um grande estudioso com uma bela cultura. O seu estilo é ágil, aquí e alí lampejante. A sua observação é aguda."

(Raul de Azevedo — Crônica do Rio para "O Jornal" — Manáus, 1936).

* * *

"Um filho do Amazonas nasce, trazendo nalma a responsabilidade de sua gênese. Ramayana de Chevalier não nos surpreende com a extravagância de sua inteligência..."

(Abellard França — "Jornal do Comércio" — Rio, 1933),

* * *

“paizagem que todos vêem, não me interessa. O que me traz um encanto singular é a paizagem interior como a daquele célebre verso de Verlaine:

“Ton àme est un paysage choisi.

Esta, sim, me impressiona.

Pouco me importa o colorido ardente de sua Arte. Pouco me importa a orquestração musical dos seus poêmas. O que me seduz e avassala em sua personalidade é êsse demonio interior, êsse mago de atitudes, que fez de Ramayana de Chevalier o meu adversário na guerra e o meu amigo na paz.”

(Joaquim Ribeiro — “Jornal do Comércio” — Rio, 1933).

* * *

“Teus poêmas, essas cigarras musica's do teu espírito, realizaram o milagre da cigarra, cujas rimas e ritmos brotam em nosso coração como a planta verde do encantamento...”

(D. Martins de Oliveira — “Jornal do Comércio” — Rio, 1933).

* * *

“Não foi sem grande alvoroço de simpatia, no impulso amistoso de uma admiração sincera que abrimos o livro inaugural dêsse extraordinário e rútilo Ramayana de Chevalier...”

“E na rapidez com que o deletreamos, de admiração em admiração, de surpresa em surpresa, cada página foi uma revelação, encantado o espírito pela vibração intelectual daquela prodigiosa agilidade verbal, que tem flexuosidades e incidência, gritos de dor e espasmos de alegria, para refletir toda a natureza tumultuária da selva e da vida silvestre do Amazonas.”

“São páginas descritivas da natureza, trechos maravilhosos de paisagem, algumas delas verdadeiramente cintilantes, traçadas com o sentido dos deslumbramentos próprios e das exaltações sensacionais.”

“O livro de Ramayana, porém, com o seu derramado esplendor de imagens e símbolos, geografia anímica de um largo anfiteatro de ambições sacrificadas, é um ensaio moder-

nista de neologismos, sonorizados pelo ritmo embalador de sua magnífica inteligência descritiva. Diário clínico de um assistente lírico, atento, pelo dever profissional, aos delírios pre-agênicos da terra malsinada."

(Huascar de Figueirêdo — "O Jornal" — Manáus, 1936).

PALAVRAS DA IMPRENSA DO BRASIL

Da "A Tarde" — Manáus:

"Inteligência de rara fulguração, talento verbal de primeira água, a serviço de uma cultura omnívota e complexa, que já de muito o situa entre as mais fortes organizações mentais do país, Ramayana de Chevalier é uma personalidade que se desdobra em vários prismas luminosos, qual o de mais pura e irresistível fascinação. Expoente, na prosa e no verso, das modernas correntes estéticas do Brasil, poeta e cronista scintilante, prosador opulento, suas faculdades criadoras se revelam e se multiplicam em páginas que denunciavam, a um tempo, a disciplina da meditação e a transcendência de um pensamento modelado nas inspirações fecundas da vida interior. Homem de idéias, tendo a coragem de as exprimir e defender, com o desassombro pugnaz das afirmações superiores do espírito, jornalista político, orador de raptos siderantes, professor das academias, sociólogo com o sentido profundo da inquietação contemporânea, seu estilo bizarro, plástico e harmonioso, reflete em todos os tons, as paizagens de uma sensibilidade de eleição, o movimento, o colorido e a luz do seu magnífico panorama subjetivo. E não se lhe fará favor algum no asseverar-se que Ramayana de Chevalier, obumbrado na província remota mas bem-amada do seu nascimento, é um nome do Brasil, mas um nome que se impoz, de um golpe, no frontespício do livro que o colocou, por direito de conquista, entre os grandes escritores do vale, na galeria prodigiosa daqueles intérpretes máximos do Amazonas, perfilados no ensaio sensacional de Péricles Morais."

De "O Jornal" — Manaus:

"Porque Ramayana de Chevalier é uma expressão fascinante de energia intelectual, uma afirmação de inteligência vitoriosa, uma organização de cultura, que honra não somente a terra onde nasceu como a geração nova do Brasil.

Poeta, jornalista, prosador e esteta, em todos os domínios da investigação, do conhecimento, ou da criação artística, esplende a figura radiosa de Ramayana, projetando-se, fulgurantemente, através a palavra falada ou escrita, e a todos envolvendo no esplendor de um talento de opulência amazônica".

* * *

De "Diário da Tarde" — Manaus:

"Membro da Academia Amazonense de Letras, professor da Faculdade de Direito e do Ginásio Amazonense, naquele cenáculo prestigioso, e nesses estabelecimentos de ensino superior e secundário, como nos vários outros setores da sua múltipla atividade de cientista e de homem de letras, de pensador e de sociólogo, dia a dia mais se acentuam os relevos da sua personalidade, a bravura das suas idéias, o desassombro viril das suas opiniões, nos recursos encantadores de uma emotividade peregrina e de uma eloquência transverberante e arrebatadora. Sua colaboração na imprensa diária, aqui, como na Baía e no Rio, revela a cada passo uma faceta original de seu temperamento, um traço sugestivo de sua fisionomia de escritor, já de muito consagrado na estima de todo o país."

* * *

Da "Terra Fluminense" — Niteroi, 1935:

"O trabalho do Sr. Ramayana é um dos mais vigorosos até hoje aparecidos sobre o grande drama dos seringais. O livro é uma narrativa impressionante, imprevista, paradoxal e bela que a gente lê, com forte emoção, da primeira à última página."

"Espírito novo, dos mais cultos da nova geração, o Sr. Ramayana não se limitou nem à forma literária do seu trabalho, nem tão pouco à preocupação máxima do cientista."

“No “Circo sem Teto da Amazônia” casam-se numa harmonia magnífica, a inteligência de um cientista de fôlego ao talento de um literato e estilista de mérito, no que sem dúvida alguma está todo o segredo do enorme sucesso que vem alcançando êste grande livro. num momento, aliás bem marcante, da literatura brasileira.”

* * *

De “O Globo” — Rio, 1935:

“Ramayana de Chevalier é um carioca por etapas: nasceu no Amazonas, iniciou-se nas letras e formou-se em medicina na Baía, voltou ao Amazonas, esteve em São Paulo, no Rio Grande, no Uruguay, na Argentina, retornou ao Brasil e agora vive no Rio.

“Filho das selvas — Tarzan de óculos — êle veio afinal, encontrar na cidade grande o seu verdadeiro “habitat”. E êste seu livro de estréia, drama social dos seringais, a que o título “No Circo sem Teto da Amazônia” marca o ponto de partida de um triunfo infalível. Outros livros êle promete, entre ciência, romance e poesia. Todos terão, fatalmente, a vivacidade e a segurança da cultura com que Ramayana se distingue na nova geração, como as características de um escritor autêntico.”

* * *

Do “Jornal do Brasil” (Rio, 1935) — Notícia sôbre uma homenagem a Procópio Ferreira, no “Trianon”:

“Ao “champagne” falaram vários oradores, destacando-se Ramayana de Chevalier, conhecido escritor patricio, que, num tão vibrante quão brilhante discurso, saudou o grande Procópio, exaltando o seu gênio artístico.”

* * *

De “O Imparcial” — Baía, 1935:

“E’ isso o novo livro que nos fala do Amazonas. Um estudo de sociologia em páginas fortes. Um romance de realismo. E’ isso o livro com que Ramayana de Chevalier apa-

rece entre os escritores novos do Brasil. Uma obra que consagra um autor.”

* * *

De “A Nação” — Rio, 1933:

“Escritor e jornalista é Ramayana de Chevalier, figura de destaque na geração intelectual moça do Brasil. Durante a sua permanência nesta capital Ramayana recebeu muitas homenagens dos moços de espírito da metrópole do país. Hoje, dia de seu retorno ao norte, os amigos do jovem cientista amazense, prestar-lhe-ão novas homenagens.”

* * *

De “A Tarde” — Baía, 1931:

“O professor Edgard Santos, da nossa Faculdade de Medicina, distinguiu ontem com uma homenagem especial, um dos alunos mais brilhantes da turma de doutores dêste ano e seu orador — Ramayana de Chevalier.”

* * *

Da “Revista da Academia Brasileira de Letras” (Setembro-Dezembro de 1936) — Opinião da Comissão composta dos Srs. Mucio Leão, Tristão de Athayde e Miguel Ozório de Almeida:

“O autor dêste livro tem nervos, vivacidade, brilho de escritor. Seu romance trairá aqui e ali, influências de Euclydes da Cunha ou do Sr. Alberto Rangel. Certas páginas chegam, mesmo, a ser belas, como, por exemplo, a luta do Zé Raymundo com o jacaré (pag. 166).”



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
1918 · 2018



AMAZONAS
CULTURA DE
VALOR

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

